JANSEN LEIROS

José Ozildo
Natal - RN
06-09-2002

Macaíba de Cada Um

Antologia de Crônicas

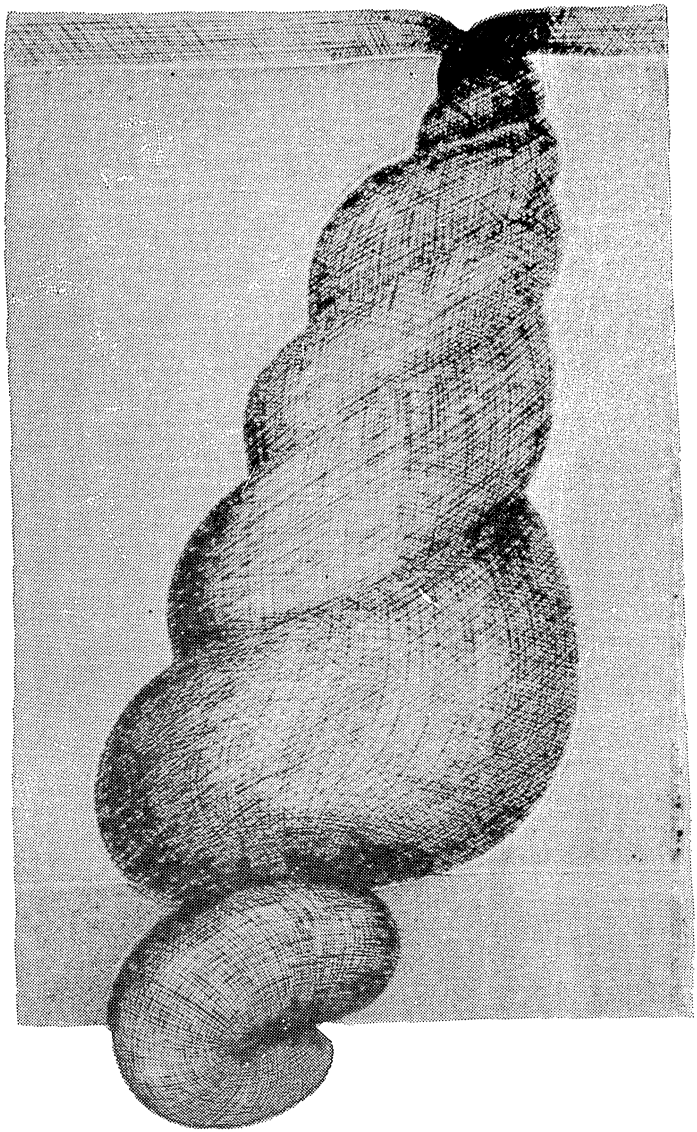
Prefeitura Municipal de Macaíba
Adm. Odiléia Mércia da C. Mesquita
1985

Capa: **CARLOS JOSÉ SOARES**
Gravura Interna de: **ROSSINI PEREZ**
Composição: **GRAZIELA**
Revisão: **MAGELA/EDENILDO**
Diagramação: **ADEMAR**

B869.3
L525m

Leiros, Jansen, 1937 —
Macaíba de Cada Um; Antologia de Crônicas. Natal, CERN, 1985.
134p.

1. CRÔNICAS BRASILEIRAS
I. Título.
II. Topográfico.



CAJU
GRAVURA EM METAL
(ponta seca sobre Cobre)
ROSSINI PEREZ

Sumário

AGUINALDO FERREIRA DA SILVA
— República Independente 13
ALDO DA FONSECA TINÔCO
— A Escola Comercial de Macaíba 17
APOLÔNIO LIMA
— Macaíba que conheci 21
CECÍLIA NETA
— Festa da Padroeira 25
ELOY DE SOUZA
— O Juíz Teotônio Freire 29
JANSEN LEIROS
— Auta de Souza — Expressão Maior do Lirismo Potiguar 33
— Marinheiro de Primeira Viagem 47
— Genildo — O galã macaibense 51
JOÃO MARIA MARCELINO
— Navegos de minha memória 57
JOSÉ BEZERRA DA SILVA
— História de Assombração 61
JOSÉ LEIROS
— Uma professora "sui generis" 65
— Mergulho no Passado 69
JOSÉ MELQUÍADES
— Memórias de Macaíba 73
JOSÉ NOBRE BARRETO
— Macaíba que vi 77
MARIA ALICE FERNANDES
— Um político sem arestas 83
— Uma bela trajetória 89
MENEVAL DANTAS
— ...também vou cantar a minha 95
— O Translado de Nossos Grandes Mortos 99
NAZARENO DE ALMEIDA
— Reminiscências de Macaíba 103
NÍDIA MESQUITA
— Minhas Raízes 107
ODILÉIA MESQUITA
— Macaíba — Geografia humana e sentimental de meu tempo 107

OLÍMPIO MACIEL (NETO)
— Olympio Jorge Maciel..... 115
RAIMUNDO UBIRAJARA
— Maria Olímpia..... 119
RENARD PEREZ
— Macaíba..... 123
RUY SANTOS
— Macaíba — onde a fome era menor..... 129
VALÉRIO A. MESQUITA
— Macaíba, ontem..... 133

Em Busca das Raízes

No ciclo da cana de açúcar, quase todas as veredas deste Estado, convergiam para a Vila de Coité, onde barcaças vinham apanhar mercadorias oriundas, quer dos sertões do Estado, quer do vale do Ceará-Mirim, quer da ribeira do Trairí, transportando-as para Guarapes, pelo caminho fluvial do velho Jundiaí.

Guarapes (caminho dos Guarás), porto de maior calado, onde fundeavam navios europeus, transportadores de açúcar e algodão, ficava na parte mais larga do rio, contornando as dunas natalenses, numa curva desenhada pela natureza.

Tais circunstâncias foram o elemento determinante do crescimento da Vila de Coité, transformada no maior entreposto comercial da Província. Com foros de cidade, foi batizada Macaíba no início da segunda metade do século XIX. Fez-se berço da elite cultural do Estado e pontificou até a segunda década deste século.

A migração de muitos comerciantes pernambucanos, atraídos pelo expansionismo gerado pela procura de mercadorias brasileiras, bem assim a fixação de suas famílias na cidade das palmeiras-sentinelas, foi o primeiro marco desse crescimento, registrado pela tradição oral e referendada pelos ilustres historiadores da terra de Poty.

Um aspecto, porém, necessita ser lembrado para esclarecer sua posição no concerto dos demais centros populacionais da época: A vizinha cidade do Ceará-Mirim, despontando no verde de seu vale, reunia a fina flor da aristocracia rural; São José de Mipibu, para o Sul do Estado, seguia o mesmo caminho — porém, mais modestamente. Mossoró e Açu, despontavam no coração do Oeste da Província, como empórios comerciais. Macaíba, entretanto, era a única a desfraldar a bandeira dos grandes eventos sócio-culturais, para os quais convergiam importantes figuras dos principais centros urbanos norte-rio-

grandenses, notadamente de Natal, que, na ocasião, era tão somente "um tanto maior" que os demais.

República Independente

Aguinaldo Ferreira da Silva

a quietude da tarde, bela e ensolarada, entrego-me à tarefa de registrar recordações da terra; acontecimentos que marcaram época. Lembranças dos feitos de meus conterrâneos; fatos marcantes de minha juventude.

Retrato no vídeo-tape de minha memória o velho cais de pedras irregulares, abarrotado de fardos de algodão, onde os garotos exercitavam seus saltos acrobáticos, afirmando tendências para evoluções circenses.

Lembro o rio Jundiaí, estreito e profundo, quieto com ligeiro remanso, recebendo as águas do mar, no fluxo e refluxo das marés ou mostrando-se indócil e escamado de ondas, nos períodos das cheias que descem de suas nascentes, pelas chuvas torrenciais dos invernos. Ele, o nosso Jundiaí, majestoso na minha visão de menino, sempre presente nas reminiscências, palco que era das exibições dos moleques de minha época.

Como via de comunicação, exerceu a importante tarefa de ligar a capital aos demais municípios do Estado, através de Macaíba — o transporte de cargas das mercadorias, em botes e batelões. A lancha do Mestre Antônio — o que havia de melhor na época —, oferecia aos passageiros, a bela visão das margens, recortadas de dunas e que resistiu até o advento da estrada de rodagem que ligou Macaíba à Natal.

Recordo os sítios que formavam um colar de árvores em torno da cidade, com casas assombradas; moradas prediletas dos abastados. Coqueirais de singela beleza, inclinados ao sopro dos ventos, exerciam o cerimonial de saudação aos visitantes que visitavam a "metrópole" do Agreste.

Nesse palco, recordo figuras vivas do passado distante e próximo. Homens públicos, comerciantes, fazendeiros, professores e

muitos outros de atividades diversas que compunham e compõem o universo de minhas saudades. Aqueles que, conscientes ou inconscientemente, preservam o passado, construíam o presente e investiam para o futuro.

Sei que são muitos os que merecem registro. Porém, nesta página de saudades, desejo lembrar o admirável militar, *gênio militar* macaibense, que viveu sem a luz dos olhos, "General" João Cavalcante de Albuquerque — Joãozito.

Perdera a visão ainda criança, mas isso não apagou o brilho de sua inteligência, lúcida e aplicada aos estudos.

De fertilíssima criatividade, organizou o Exército Independente, dotado de todos os escalões, do simples soldado ao general, observando em regulamento, desde a inclusão até a reserva.

Lembro-me de que havia um livro próprio para o registro de todos os acontecimentos ou ocorrências de cada dia: punições, remanejamentos, promoções. O livro de "ordem do dia". Promovia reuniões do Estado Maior, discutia providências, enfim, vivia com indiscutível fidelidade à sua criada República Independente de Macaíba.

O Quartel General situava-se na rua Dr. Francisco da Cruz e os campos de treinamento, nas proximidades da Lagoa das Pedras.

Ele próprio usava farda; obrigava continência, exigindo obediência às determinações do comando, impondo absoluto respeito.

Integravam o quadro de oficiais superiores os mais destacados rapazes da terra. Muitos participavam com entusiasmo, outros atendendo, apenas, ao sentimento de amizade.

Os que faziam o grupo mais afinado eram os seguintes: General Amibel Paiva, General Antônio Marinho Pessoa, General Otacílio Martins, Coronel Nestor Lima, Coronel osé Inácio Neto, Coronel Antônio Leiros Coelho, Coronel Cícero Marinho Pessoa, Coronel Jurandir Leite, Major Joaquim de Horácio, Major Wilson Leiros, Capitão Gutemberg Marinho de Carvalho, Capitão Raimundo Barros Cavalcanti, Tenente Mário Ribeiro, Tenente Geraldo Vieira de Araújo, Tenente Genésio Ludovico, Sargento Agenor do Nascimento e, finalmente, o Sargento Geraldo Cabral.

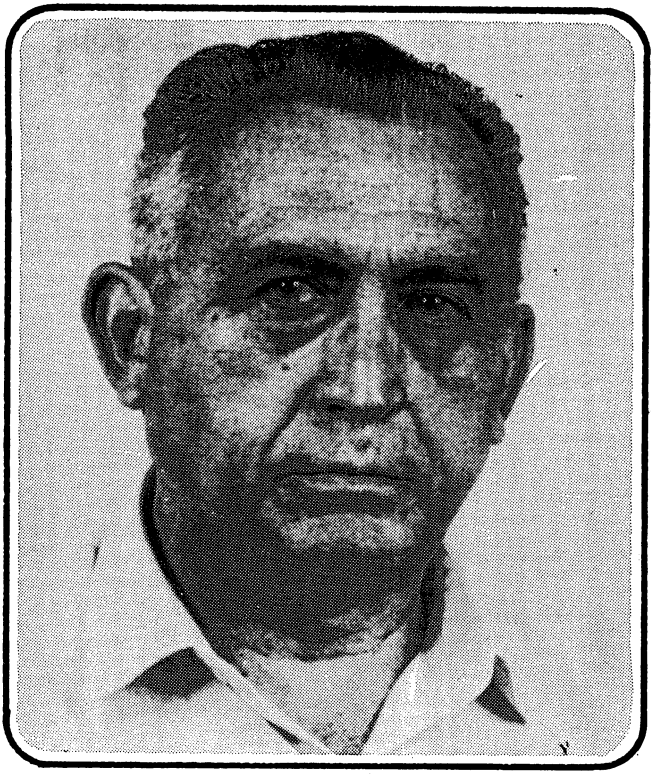
Muitos tiveram marcante desempenho, tendo sido promovidos e agradecidos.

Os mais velhos ou situados em posição de destaque na vida pública e social da cidade, compunham um quadro especial. Eram o Presidente da República, seus Ministros e Diplomatas. Era a República Independente de Macaíba.

Joãozito nasceu em Macaíba aos 20 de dezembro de 1920 e desencarnou em Natal na década de 70.

Esse homem que vivia seu universo particular e nele envolvia sentimentalmente seus amigos, era um ser humilde e bom, honrado e estimado por todos os seus conterrâneos.

Amava tanto a sua terra, a ponto de considerá-la uma REPÚBLICA INDEPENDENTE.



ALDO DA FONSECA TINÔCO, natural de Macaíba, nascido nos idos de 1926. Fez primário e secundário em Natal. Superior, em Fortaleza e Alagoas — Odontologia e Direito. É Mestre e Doutor em Saúde Pública pela USP, de onde é Professor Titular, e onde reside. É, também, professor da U.F.R.N. Foi Vice e Prefeito Municipal de Macaíba, em 1953/58. Deputado Estadual pelo PTB (58/62) e Suplente de Deputado Federal, no período de 58/64. Proprietário Rural em Macaíba, aprecia de seu casarão a paisagem bucólica do "Bosque das Leucenas".

A Escola Comercial de Macaíba

Aldo da Fonseca Tinôco

ercorrendo as ruas de Macaíba, observamos hoje o aspecto festivo de grande número de jovens alunos secundaristas que frequentam seus ginásios. O fato nos fez rememorar os passos iniciais desse evento, que foi a criação da Escola Comercial de Macaíba.

O Município contava no início de 1954, somente com o Colégio Agrícola de Jundiaí que preparava técnicos de nível médio. Diga-se de passagem que o Colégio Agrícola era, de fato, um verdadeiro laboratório onde se produziam futuras elites mentais, cujos egressos estão por aí, neste Brasil afora ou no Rio Grande do Norte, contribuindo com os conhecimentos adquiridos em vários campos de atividade para o desenvolvimento de nosso povo. Mas, o Colégio de Jundiaí, ficava um pouco afastado da sede do município e recebia alunos de todo o Estado e a pressão de demanda exigia seleção rigorosa.

Quando assumiu a Prefeitura Municipal, o Dr. José Jorge Maciel, criou a Escola Comercial de Macaíba — 1954 — e nos designou seu primeiro diretor. Exercíamos, também, o cargo de Vice-Prefeito e de Professor do Colégio de Jundiaí.

Funcionando no turno da noite, ocupando salas de aula do Grupo Escolar "Auta de Souza", a Escola Comercial começou a sua longa caminhada, enfrentando o pessimismo de alguns e contando com a confiança e a pertinácia de outros. Vale destacar o apoio do Professor Ulisses de Góis e do Inspetor Federal, Joaquim Gomes de Meira Lima.

Uma grande dificuldade tinha sua origem na inexistência de professores residentes na cidade. Recorremos a alguns Mestres, como

Aguinaldo Ferreira, e outros que residiam em Jundiaí, mas, eram em número insuficiente e, certa época, tivemos de ministrar aulas de quatro matérias para que a Escola não cerrasse suas portas.

Houve surpresas agradáveis. Na primeira turma, por exemplo, matricularam-se, entre outros, Geraldo Pinheiro, Manoel Firmino e Lourival. Todos foram adiante e fizeram Curso Superior. Geraldo e Manoel Firmino (que também é professor) foram eleitos para a Prefeitura da Cidade e Lourival é hoje Magistrado. Muitos outros são profissionais de nível superior e estão ocupando cargos os mais diversos.

Em nossa gestão, foi construído um prédio para o seu funcionamento efetivo. Tempos depois, noutra administração, teve sua transferência para local mais aprazível e suas acomodações foram transformadas em Cadeia Pública. Abrindo-se escolas, fecham-se cadeias, mas, em Macaíba, felizmente, a Escola não foi fechada, apenas mudou de lugar.

Contaram-nos que no ato de transferência para esse último local, realizou-se uma festa e algumas pessoas foram homenageadas, inclusive o Senador Jessé Freire, filho da terra, hoje falecido. Houve aposição de retratos e tudo, mas o orador oficial, meu ex-colega professor, não se referiu, uma vez sequer, ao modesto escrevinhador destas linhas. Estávamos em pleno domínio do Governo do Golpe Militar e, embora a função do professor seja pensar, o colega, temeroso talvez, que um calcanhar de botas viesse lhe esmagar o cérebro, preferiu silenciar sobre aquele que "carregou pedras" para a construção do templo.

Dizer do impacto que a Escola Comercial causou no município de Macaíba seria uma temeridade, pois, nos falta avaliação nesse sentido. No entanto, é de se admitir que tenha sido altamente positivo. Dela saíram políticos, técnicos e poetas e a cidade de Macaíba sorriu mais feliz.

APOLÔNIO LIMA, macaibense honorário, chegou à cidade pelos idos de 1918, com dezesseis anos de idade. Filho de João Higino de Lima e Francisca de Lima, foi comerciário por muito tempo, ligado ao patriarca Alfredo Adolfo de Mesquita. Estudou no "Auta de Souza". Em 1934 mudou-se para Natal, empregando-se na Administração do Porto, sendo, depois, nomeado Delegado do IPASE. É poeta inédito, tendo expressivo acervo de poemas manuscritos. "Macaibista", visita a cidade com muita frequência, onde deixou raízes.

Macaíba que conheci

Apolônio Lima

Fui residir em Macaíba no ano de 1918 e lá permanecí até o fim de 1934, portanto, quase 16 anos, adotando a cidadania.

Cheguei menino e saí homem feito, tendo passado toda mocidade naquela terra, onde aprendí quase tudo que sei e dela guardo agradáveis recordações. Conheci-a cidade próspera, vendendo em grosso e a varejo: tecidos, chapéus, calçados, miudezas, estivas, ferragens, etc.

As firmas mais importantes eram: Alfredo Mesquita & Cia., Lídio Marinho & Filhos; Baltazar Marinho & Filho; Euclides Ribeiro; Francisco Severo Cúrcio; Torquato Justino & Irmão; Bento Justino; Luíz Cúrcio Marinho; Francisco Pinheiro de Lima e outras.

A Indústria era pequena. Havia a fábrica de cigarros "15 de Novembro"; a fábrica de sabão Potengi; a fábrica de Vinho de Jabuticaba; a refinação de açúcar "Moreninho"; uma fábrica de calçados e uma fábrica de massas alimentícias.

Quando ainda não havia estrada de automóvel, ligando Macaíba a Natal que durou dez anos de construção o movimento de cargas e de passageiros era feito por via fluvial, pelo rio Jundiaí, sendo as cargas transportadas em botes e, os passageiros, na lanchinha "Julita", de propriedade de Mestre Antônio, oferecendo lindas paisagens entre os rios Jundiaí e Potengi, até chegar ao Cais Tavares de Lira, em Natal.

As mercadorias vinham em caminhões, do sertão e dos municípios vizinhos, através da estrada Santa Cruz-Macaíba, ou transportados em burros mulos. A maior parte delas era vendida em Macaíba e, ali mesmo, os vendedores abasteciam-se do que necessitavam.

Depois da estrada Macaíba-Natal, o tráfego através do rio Jundiaí diminuiu consideravelmente, pois os transportes de passageiros começaram a ser feitos em carros de quatro lugares. A lanchinha foi

diminuindo seu tráfego, até ser encostada definitivamente.

As cargas pesadas passaram a ser transportadas em caminhões, diretamente para Natal.

Desde essa época Macaíba começou a declinar; seu comércio tornou-se fraco; as feiras, que começavam na sexta à tarde e prolongavam-se até o sábado à noite, diminuíram consideravelmente. O fluxo de compradores em grosso estendeu-se até Natal. Também os depósitos de mercadorias para transporte fluvial foram desativados. As firmas Olímpio Jorge Maciel e Alfredo Mesquita & Cia., compradores de algodão, de couros e peles, tiveram seu movimento diminuído.

Antes de ser instalada a luz elétrica, pelos irmãos Casé (João e Ramiro) a cidade era iluminada por lampiões a querosene. Seu acendedor era o Sr. Inácio, mais conhecido por Inácio dos Lampiões. O Comércio só fechava às sete da noite e as casas particulares, eram iluminadas com lâmpadas a álcool ou a querosene. Depois de instalada a luz, o Sr. João Casé inaugurou um cinema, na rua Dr. Pedro Velho.

Naquele tempo, os filmes eram mudos e eram acompanhados ao piano. A senhorita Beatriz Monteiro, da sociedade local foi a primeira pianista e depois os irmãos Edilson e Lourdinha Varela, filhos do Sr. Alcides Varela, proprietário do melhor hotel daquela época, onde eram realizados bailes memoráveis.

Aos domingos, faziam retretas. Os rapazes e as moças ali se encontravam, no melhor de suas indumentárias — uniforme completo e gravata e as moças em vaporosos vestidos.

Nas noites enluaradas, faziam-se serenatas, onde seresteiros como Salvador Galvão, Chico Coló, com seus violões plangentes, Manoel da Rabeca, Chicó do Cavaquinho e Chico do Clarinete eram os grandes artistas.

Na casa do Sr. Euclides Ribeiro eram dadas festas domingueiras, onde ele, o dono da casa, tocava saxofone, acompanhado ao piano por Luíz Marinho de Carvalho e outros. A essas reuniões comparecia a fina flor da sociedade macaibense. Na residência do Major Antônio Andrade também se realizavam festas. A política era acirrada mas não impedia que rapazes e moças se confraternizassem. Nas festas cívicas e religiosas tocavam duas bandas de música. Uma a "J. da Penha", composta de 32 músicos. Essa banda, quando saía chamava a atenção pelo garbo dos componentes. À sua frente, pulando, um cachorro muito grande, preto, chamado "Satanás". Era o mascote. A referida banda pertencia ao Major Antônio de Andrade Lima. No centenário da Independência — 7 de setembro de 1922 — aquela banda participou dos festejos em Natal e foi classificada em 1° lugar, superando as bandas militares do Exército e da Polícia. A outra, pertencia à Intendência Municipal, tinha menor número de componentes, mas, muito boa.

Seu mestre era o competente João Roberto, de Nova Cruz.

Nos carnavais faziam-se corsos em carros de capotas arreadas.

Rapazes e moças se entrelaçavam com serpentinas e jogavam confetes. Nos bailes, perfumavam-se com lanças "Vlan" e "Rodouro". Foi um tempo feliz de minha vida.

Aos domingos, pela manhã, batia pelada com amigos, depois íamos tomar banho na Lagoa das Pedras ou no banheiro "Cascata" de José Ribeiro, ali pertinho da Matriz. E, por falar em banhos de tinas, com água dormida, vendidos por SINHALÍ, a trezentos réis a tina, frios e gostosos.

Por iniciativa de meu amigo Francisco Cabral da Silva, foi fundado o "Jundiaí Futebol Clube". Éramos 24 os fundadores, rapazes do comércio e da sociedade macaibense — desses, só reside hoje em Macaíba, Paulo Marinho. O Clube tinha dois times: um, jogava com camisa listrada de branco e preto e o outro, com camisa de listras vermelhas e brancas, ambos de calção branco. O hino do Clube era assim: "Jundiaí amado, vais para o campo conquistar tua vitória, és entre outros clubes o mais exaltado, todo coberto de glória...", etc. Fazíamos excursões por todas as cidades e povoações vizinhas: Monte Alegre, São José, São Gonçalo, Caiada e Campestre. Cada viagem, um dia de festa. Não esqueço, igualmente, as formidáveis festas em São Gonçalo, onde dançávamos noites consecutivas.

Recordo com saudades os piqueniques no sítio de João Barros e no sítio do Sr. Lulu Martins, dos passeios a cavalo em companhia dos saudosos amigos Mesquita Filho, Vicente Ribeiro, Alcides Varela, Adriel Lopes Cardoso, (pai) Orlando Ubirajara e Waldemar Barros. As viagens a Monte Alegre e a São Paulo do Potengi em companhia de João Meira Lima e Vicente Paulino de Lima. Aos passeios à Fazenda Têlha, em companhia de Paulo Mesquita. As tardes magníficas que passei no sítio SALERNO do saudoso João Viterbino de Leiros, patriarca da família Leiros, onde Walter, Wilson, José Iracema, Maria Leonor (Nozinha), Edith e Duvina, faziam a festa, cantando ou declamando como nos bons tempos.

Agradeço a Macaíba esse sentimento que me despertou, adotando-me como filho que me considero hoje e sempre.

CECÍLIA ANTÔNIA DE ARAÚJO NETA, nasceu em Macaíba a 30 de agosto de 1956, filha de João Pedro de Araújo e Isabel Antônia de Araújo. Cursou o 1° Grau na Escola Estadual "Auta de Souza", Escola Estadual "Professor Paulo Nobre", 2° Grau na Escola Estadual "Winston Churchill". Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1983. Em outubro do mesmo ano, foi ganhadora do 1° Concurso Literário, em Macaíba (RN). Participou de vários seminários de Extensão Universitária. Atualmente exerce a função de Professora de Língua Portuguesa, na Escola Estadual Professor "Paulo Nobre" e na Escola Municipal "Dr. Severiano", em Macaíba.

Festa da Padroeira

Cecília Neta

ilha de pais católicos, criei-me nas tradições da igreja. Minha mãe, que jamais faltou com as obrigações religiosas, falava-nos sempre de sua participação nos festejos da igreja e como eram bonitas e movimentadas as noites da Padroeira.

A lembrança dessas histórias me enchem de emoção.

Interessada pela memória de minha terra, visitei algumas pessoas mais idosas, das quais obtive valiosas informações. Um esforço de pesquisa, para mim, gratificante.

As reminiscências convergiam sempre para as festas religiosas da Padroeira da Cidade, onde Da. Joana Ribeiro de Moura — Da. Joanete — e Da. Maria Leonor Leiros — Da. Nozinha — despontavam como ativas participantes, animando os festejos religiosos da terra de Auta de Souza.

Oito de dezembro era o grande dia. Dia de Nossa Senhora da Conceição. A missa de abertura; o conjunto coral; o órgão alemão, tocado por Da. Isabel Freire da Cruz — a saudosa Madrinha Beleza. Don'Ana Alecrim era a outra organista. Na época, ensaiava o coral o Capitão Laurentino, deleitando os fiéis com acordes de: "Dominé, dominé, dominé".

Formavam o coro da igreja, moças da sociedade local e, entre elas, destacavam-se: Joanete, Nozinha, Edila, Doralice, Zilda, Dorinha e Irene.

Como a atividade religiosa era também um lazer, as famílias participavam dela ativamente, disputando a melhor ornamentação para cada noite.

Era grande a movimentação nessas festas da Padroeira. Muitas barracas com doce preto, grude, castanha torrada, tapioca, alfinins. As brincadeiras organizadas. A "capelinha de melão" com seus perso-

nagens: A Cigana, a Florista e os Cavalheiros — um folguedo popular, onde cada personagem desempenha seu papel.

Registrei estrofe de uma música cantada na "Capelinha de Melão". Era a "cigana" que dirigia seu cantar a um dos cavalheiros:

"E agora meu Senhor,
Já que me deu atenção,
Venha cá, faça o favor,
Deixe eu ler a sua mão".

Era uma das maneiras de a igreja arrecadar fundos para suas atividades pastorais.

Havia também a "berlinda". Lá, as mocinhas prendiam as pessoas mais ilustres da cidade e, sua libertação somente ocorria após o preso pagar a "fiança".

A alegria e a descontração dominavam aqueles espíritos jovens, marcando uma época que ficou nas páginas das saudades.

E, por falar em saudades, registrei, também, uma canção da época, muito apreciada e cantada nas festas da Padroeira, entre as barracas:

"Dolorosa saudade,
sente o meu coração,
que em vão,
pois bem se vê,
que não podia estar
tão longe de ti,
é por tua maldade
que hoje vivo a sofrer,
vem um dia meu querer
para a consolação de te ver".

Movimentando a juventude, a festa da Padroeira induzia à reuniões familiares, com saraus memoráveis. Por essas ocasiões, as famílias mais ilustres da cidade abriam seus salões. Era o major Antônio Andrade, para que seus filhos Inah e Vicente pudessem deleitar os convivas com sua música romântica; o Sr. Euclides Ribeiro com seu saxofone tenor; o Coronel Prudente Alecrim, para as noites de poesia; o Mestre Joca Leiros, com a encenação de dramas, enfim, era uma beleza.

Curioso, também, os romances nascidos ou fenecidos durante aqueles festejos da Padroeira. Registramos, aqui, uma carta que nos fala do espírito romântico da época:

"Sê forte, coração! Por que choras assim? Qual a causa de tua mágoa? O amor! O amor! O amor... me fere tanto! — Então esquece-o! Não sabes que o desprezo é a maior arma? Procura outro coração que te compreenda. — Mas... o primeiro amor! Tudo isso são quimeras; fantasias exageradas da imaginação! Por que abrigas um amor pérfido?

Não vês que te corrói a alma? — Mas eu o quero tanto! — Precisas mostrar que teu amor é indômito. Empolga o desespero, não te tornando uma megera e sim uma mulher orgulhosa pelo teu amor. Procura aglutinar em teu coração esse orgulho sadio e deixa que o áspide procure repousar num lupanar, misto de misérias e sofrimento porque se adapta bem com seu espírito purulento. Deixa que mate seu próprio talento, uma vez que procurou prevaricar, tornando-se ínfimo. Ouve, pois, coração, o que te digo e sê veemente. ass) José Leiros''.

Hoje, olho a velha matriz e digo a mim mesma: como era romântica e feliz a mocidade daquele tempo, tão distante dessa vida tumultuada de hoje.

ELOY CASTRICIANO DE SOUZA, nascido na Estrada de Pau Ferro, subúrbio de Recife, em 04 de março de 1873. Entre Cará-Cará, na ribeira do Potengi, no Rio Grande do Norte, o Engenho Jundiaí e Macaíba, transcorreu a meninice desse homem ilustre, irmão da mulher poeta, Auta de Souza. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Cidade do Recife, nos idos de 1894. Foi Deputado Estadual e líder do Governo do Dr. Pedro Velho, no Rio Grande do Norte. Deputado Federal na Primeira República, depois Senador. Jornalista emérito, escreveu muitas obras das quais destacam-se: O Calvário das Secas, Irrigação e Açudagem no Nordeste, Costumes Locais, Alma e Poesia da Literatura no Nordeste, O Estudo Biográfico de Tobias Monteiro, Um Problema Nacional e A Política Financeira e a Caixa Econômica. Desencarnou em 1959, 07 de outubro.

O Juiz Teotônio Freire

Eloy de Souza

ou raramente à Macaíba e quando vou, o que sucede a longos intervalos, tudo faço para que minha passagem por ali seja tão curta quanto possível. Assusta-me a revivescência das saudades e recordações da juventude e da meninice, acalentadas no coração. Seu alvoroço é ainda sofrimento quando piso aquela terra em que nasceram meus irmãos e onde eu tanto desejava ter nascido.

Se não logrei, porém, essa fortuna, sei que dormirei o sono eterno no pequeno jazigo encravado em uma das paredes de sua igreja, dentro do qual se misturam as cinzas de todos os que me foram caros. Menino, o meu encanto era assistir a chegada e a partida dos veleiros, que navegavam entre Macaíba e esta Cidade, com as bordas rentes às águas tranquilas do Jundiaí, no tráfego das mercadorias transportadas num e noutro sentido, fonte dadivosa de seu comércio, vida de intensa atividade que a tornou próspera e rica, empório durante muito tempo da exportação e importação de produtos provindos do trabalho sertanejo ou em trânsito para o interior numa função vitalizadora daquele centro agropecuário.

Aquelas velas não eram apenas, para minha meninice, motivo de alegria sempre desejada e nunca satisfeita, na expectativa ansiosa de todos os dias. Era também a primeira interrogação de distâncias desconhecidas e que minha curiosidade tanto procurava desvendar. Tal espetáculo, apesar do hábito quotidiano, era para mim sempre novo, até porque não me cansava de admirar a destreza dos trabalhadores, para quem, na generalidade, o peso de duas sacas de açúcar ou um fardo de lã sobre os ombros, não impedia que trotassem durante horas e horas, no espaço não muito curto entre os armazéns e as barcaças, para as quais subiam com a mesma velocidade sobre pranchas estreitas, e nos

seus porões jogavam a carga sem demonstração de fadiga.

Tanto quanto as barcaças, chegavam ao porto, diariamente, botes que transportavam passageiros residentes na cidade ou em trânsito para o sertão, muitos deles figuras representativas de todas as zonas sertanejas, que negócios políticos obrigavam a viagens periódicas à capital. Durante muitos anos assim foi, porque, em verdade, a vida social, comercial e política da província se fazia em Macaíba, centro de seu comércio de algodão e de açúcar e onde se encontravam lojas de fazenda e armarinho muito mais sortidas do que aqui. Ali chegavam as notícias da Corte antes que as soubessem, em Natal, os responsáveis pela direção dos negócios públicos.

As figuras prestigiosas do Partido Liberal ali residiam e, já pela fortuna e muito mais pela liberdade, gozavam da autoridade sem par com que os fortalecia o Dr. Amaro Bezerra, chefe daquela poderosa agremiação.

Até em 1881, ano em que faleceu, foi meu pai o centro dessa atividade política, com uma irradiação superior a dois terços da área total do Rio Grande do Norte, em proporção com os negócios da Casa "Paulo, Eloy & Cia.", financiadora da agricultura canavieira e do comércio exportador de algodão e açúcar. Daquela data em diante, sucedeu-o na direção da firma e da política, o Sr. Umbelindo de Gouveia Melo, homem de aguda inteligência, amável no trato, conversador atraente, hábil no manejo dos homens, com todos os predicados de um grande político, mas, infelizmente, em tudo desajudado para a vitória do comércio. Fidalgo nas maneiras, imponente pela estatura esbelta e elevada, cortez, sem permitir, todavia, intimidades impertinentes, generoso na hospedagem e espontâneo na munificência, pôde, graças a tais qualidades, consolidar o prestígio político local, de modo a reduzir a um número insignificante os membros do Partido Conservador.

Com a Proclamação da República, a simultaneidade de maus negócios e da fidelidade que nobremente guardou ao Dr. Amaro Bezerra, chefe do Partido Liberal, acarretou ao Sr. Umbelindo Gouveia Melo, agraciado naquele ano com a comenda da Ordem da Rosa, o desastre que o segregou dos meios comerciais e políticos. Esse infortúnio repercutiu fundamente na zona de influência da Casa "Paulo, Eloy & Cia.", e gerou, na coletividade macaibense, dissenções e ódios dantes imprevisíveis. Múltiplos interesses materiais prejudicados agitaram o seu foro, onde várias questões importantes foram debatidas com extrema paixão.

Pela recordação que daqueles tempos guardo, a figura que nunca perdeu a serenidade nunca se imiscuiu na apreciação dos fatos ocorrentes, a não ser em razão do seu ofício, foi o Dr. José Teotônio Freire, o Juiz por nenhuma parte suspeitado, tamanha a integridade, que o entrechoque dos interesses tornava mais coesa e aumentava a

autoridade do magistrado. Eu e meus irmãos fomos também litigantes como credores da firma liquidatária.

Naqueles tempos já tão distantes da minha velhice, tive certa vez a notícia de que Luíz de Albuquerque Maranhão, advogado provisionado de raro merecimento profissional, meu adversário e inimigo pessoal, estava dentro de casa com a mulher e cinco filhos a morrer de fome. Procurei então José Teotônio Freire e lhe pedi que me ajudasse junto de seu pai, o Major Manuel Joaquim Freire, Presidente da Intendência, a remediar tão penosa situação, nomeando-o para o cargo de secretário e advogado do município. Nada me respondeu. Percebi, porém, que se comovera e confiei na interferência solicitada. No dia seguinte, quando falei a respeito do assunto, ao Major Manuel Joaquim, certifiquei-me, pela prontidão da resposta, que o filho lhe havia falado, mas, dele nunca ouvi essa confissão de solidariedade com a minha iniciativa.

Homem de vida interior, sempre soube conter suas emoções fora do círculo das pessoas de intimidade. Em certa ocasião, porém, vi-o pronunciar, com voz tremular algumas palavras que bem traduziam o desgosto do Juíz, impossibilitado, pelo dever em face da lei, de remediar o erro de um julgamento de que não era responsável, mas, que havia selado com a sua sentença. Fui advogado no Júri de Santa Cruz, por ele presidido, de um réu em favor de quem militava todas as circunstâncias de legítima defesa. O julgamento ainda era secreto. Quando os jurados foram surpreendidos com a sentença que condenava o réu a 7 anos de prisão, por equívoco na resposta que haviam dado ao quarto quesito do artigo 27, do antigo Código Penal, levantaram-se todos, como se tivessem sido impelidos por uma mola, e declararam num protesto da própria consciência, pela voz do Presidente do Conselho dos Jurados, que a intenção de todos era absorver o réu e só por engano, este fôra condenado.

O Dr. José Teotônio Freire, depois de uma pausa reclamada pelo pensamento para a resposta devida, embora dolorosa, não pôde ocultar a emoção que o assaltou e foi com vagar, no qual cada palavra exprimia uma mágoa que disse com uma voz mal percebível: "A sentença está publicada. O réu terá a reparação da injustiça quando fôr novamente julgado".

Esses episódios representam uma parcela mínima de uma vida consagrada ao Direito e no serviço da Justiça. Ninguém mais do que ele — escrevi noticiando o seu falecimento — mereceu a fama grangeada no longo tirocínio em que julgou sem o temor de ser julgado. Soube ser probo na profissão, exato no cumprimento dos deveres domésticos, constante na amizade, indiferente às ofensas para evitar que o ódio lhe amargurasse o coração e por isso morreu cercado, não só da estima unânime de seus concidadãos, como do respeito que o acompanhou durante toda a sua longa vida.

JANSEN LEIROS FERREIRA, macaibense, filho de Aguinaldo Ferreira da Silva e Maria Leonor Leiros Ferreira. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Advogado militante, é professor da UNIPEC, da cadeira de Direito Comercial. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, da Academia de Letras Municipais do Brasil, da União Brasileira de Escritores, do Instituto dos Advogados do Brasil e da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG). Escritor, havendo publicado: "Macaíba — seus tipos populares"; "Fragmentos de Reflexões"; "Contos do Entardecer"; "Prelúdios de um Novo Dia"; "Relembranças" e "Itinerário de um Sertanejo".

Auta de Souza
Expressão Maior
do Lirismo Potiguar

Jansen Leiros

Nos idos de 1955, chegara à Natal para proferir duas palestras a convite da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, o jovem baiano, Prof. Divaldo Pereira Franco.

Por ser macaibense, fui distinguido para acompanhá-lo à Princesa do Jundiaí, um passeio pretendido e ansiado. O jovem orador, então com uns vinte e cinco anos, desejava conhecer o famoso jasmineiro do qual tanto lhe falava a amiga, Auta de Souza.

Durante o trajeto, Natal-Macaíba, Divaldo discorreu sobre a grande poeta norte-rio-grandense, pintando-lhe o retrato espiritual, ela que já era a glória da poesia feminina brasileira e, segundo ele, espírito de escol, aureolado pela luz da sabedoria e da bondade.

Visitamos o jasmineiro e lá, pudemos sentir a presença luminosa da "dulcíssima" através dos jasmins que Divaldo colheu com certa emoção.

Ali, comecei a conhecer minha doce conterrânea. Por empatia, a ela me afeiçoei, degustando seu lirismo em cada verso. Enamorei-me dela na fluidez de sua poesia.

Na infância, estudara no Grupo Escolar "Auta de Souza" quando o prédio que fora a Casa Nova da rua do Comércio ainda não havia sido criminosamente derrubado — fruto da implosão de sentimentos mesquinhos. Visão míope de dirigentes aculturados e medíocres. Fora ali, naquele casarão de enormes janelas, que nasceu a expressão máxima do lirismo da terra de Poty, a 12 de setembro de 1876.

No centenário de seu nascimento, de maneira surpreendente, fomos, Waldemar Matoso e eu, levados a receber e aceitar a incum-

bência de, com alguns amigos, orientar e dirigir uma casa de crianças abandonadas, nesta terra de grandes vultos.

Ao recebermos e legalizarmos a instituição, pusemos esse nome: Fundação Lar Celeste "Auta de Souza".

Em 1984, a Academia de Letras Municipais do Brasil, com sede em São Paulo, nos contemplou com a inclusão de nosso nome em seu quadro social, conferindo-nos o título de ACADÊMICO e o alvitre da escolha de um patrono conterrâneo para a cadeira representativa, naquela Casa de Cultura. Não tivemos dúvidas. Auta foi a escolhida. É a patronesse da cadeira municipal. Reforçavam-se nossos laços.

De repente, somos agraciados com honroso convite para proferir palestras sobre a decantada poeta do sofrimento, de quem tanto nos ufanamos, e aqui estamos felizes, gratificados, cheios de honrarias que nos provocam timidez, mas que sobretudo nos deixam desejoso de plantar no espírito de cada convite a semente do amor, do respeito e da admiração por esse anjo tutelar que enleva os corações humanos no cadenciar nostálgico de seus poemas.

Na matriz de Nossa Senhora da Conceição, numa das colunas da Nave principal, encontra-se seu ossário, onde lhe dedicaram o epitáfio:

"Longe da mágoa, enfim, no Céu repousa
Quem sofreu muito e quem amou demais".

"A Auta de Souza conhecida era como um perfume de novena trazido num sopro de familiaridade lírica. Menina e moça, levada de casa para o colégio, esvaiu-se em versos. Plantou um jasmineiro e deixou um livro de saudades que é o Cancioneiro Geral das nossas tristezas". Assim se expressou Edgar Barbosa no prefácio à obra de Câmara Cascudo, "Vida Breve de Auta de Souza".

Relembrar a "DULCÍSSIMA", implica em pintar-se aprioristicamente o cenário de sua curta existência. Palmilhar seus caminhos para viver suas emoções e descobrí-la na paisagem social, no bulício da juventude, com os sonhos de donzela, prenhe de desejos humanos, espontâneos, comuns. Sentir sua poesia personalíssima, brotada de um acervo milenar, como água cristalina, nascida da fonte inegostável de seu lirismo.

Parece-nos tarefa muito difícil, interpretar um poeta desse naipe. Explicáveis podem ser os que constróem suas poesias, elaboradas em razão de técnicas, objetivando a consecução de projetos beletristas, onde a erudição se assemelha às máquinas frias e previamente programadas para realizar computações de palavras em combinações psicológicas, na maioria das vezes forçadas, grosseiras, pesadas e escassas da leveza própria do lirismo puro, nascido dos recônditos da alma.

O verso, deve ser sentido na extensão de seu recado melódico, sintonizado às percepções do espírito. Por essa razão, confessamos

nossa incapacidade para interpretar a obra desse Avatar da poesia ou explicá-la. Porém, vamos tentar seguir-lhe os passos para seguramente nos emocionar com sua melodia, mergulhando nos concertos cósmicos do lirismo aos quais nos enleva.

Do proscênio das notícias pesquisadas, emerge o cenário vivo que enredou o ambiente vivencial da pequena Auta. Neta do vaqueiro-rei, Félix do Potengi Pequeno, herdou da raça o dom da nostalgia e a têmpera dos que sabem sofrer, coração cheio de esperanças. Magra, pequenina, escura como o jambo, religiosa — filha de Maria — recatada e feminina; doce, meiga, terna e sonhadora; olhos negros a derramar carícias pela natureza, amando o jasmineiro que plantou, a petizada buliçosa, a família coesa.

Desde cedo, a flauta encantada do lirismo esboçou as primeiras melodias, derramadas em fluxo constante; espontâneas, harmoniosas, doces, românticas, no descanso da chácara do Arraial, na cidade do Recife, para onde fora com os avós e os quatro irmãos, após a morte de sua mãe, Da. Henriqueta Leopoldina, usurpada do convívio da família, vítima da tuberculose.

Ali, naquele ambiente bucólico, entre árvores e arbustos, trepadeiras, roseiras e crótons variados, nascia a exuberante força da criatividade poética daquela que se tornaria um poema vivo, mesmo menina, traquina e cheia de energia, distribuindo seus versos entre suas amigas.

O Mestre Cascudo pinta seu retrato com tintas firmes e graciosas, quando diz: "Gostava de conversar, meter-se nos diálogos de gente grande e também falava sozinha. Falar sozinha era o processo natural para povoar o ambiente, dando expressão, movimento, ação aos jarros de flores, canteiros de jasmins, árvores, trepadeiras, arbustos, bichos do chão, das paredes e dos ares. Além das bonecas de pano, de louça e de barro. Brincar de dona-de-casa. Cozinhado de boneca, com folha picada e água fria, servindo a refeição em cacos de porcelana, papel por toalhado, na obrigação de "faze-de-conta" que se come e elogios a quem fez o banquete. Vez por outra havia uma abstração invencível, ficar parada, mão no queixo, viajando sem sair do lugar, sonhando, como George Sand, em Nohant, na paisagem verde do Berry".

Aos sete anos, Auta já escrevia. Estudava rudimentos de francês e desenvolvia o vocabulário, quando nova tragédia abalou a família, vitimando o mano Irineu pelas chamas da explosão de um candeeiro de querosene. Continuara seu calvário de amarguras, iniciado com a morte de seus pais e recrudescido com a de seu irmão, no limiar de seus doze anos. Dez anos depois, sua tristeza era musicada num poema, retratando a dor daquele suplício:

"Mas ... a gaiola vazia,
Que eu conservo noite e dia,
Não sabem? É o coração ...
É dentro dele que mora,
É dentro dele que chora,
A alma de meu irmão!"

De 88 a 90 foi aluna aplicada e ganhadora de prêmios escolares no Colégio de São Vicente de Paula, na cidade do Recife, dirigido por professoras francesas. Curso regular e incompleto, interrompido pela tuberculose. Dedicou tanta estima às irmãs professoras que delas não se esqueceu nos créditos do "Horto": "Às boas irmãs do Colégio da Estância, em Pernambuco, almas famosas e santas que me educaram o coração e o espírito, ofereço o que há de mais puro nestes singelos versos".

Segundo seus biógrafos, a literatura infantil a fascinava, embalando os sonhos de menina. Entretanto, era a poesia que emoldurava os momentos de suas alegrias, ou se constituía refúgio nos instantes de mágoa.

Em 1890, Auta retorna à Princesa do Jundiaí. A tuberculose já a havia acometido e sua avó, Dindinha, transformara-se em anjo tutelar, redobrando cuidados e atenções, multiplicando esperanças.

Nesse período, Auta leu muito. Principalmente os franceses: Bossuet, Fenelon, Chateaubriand, Vitor Hugo e Lamartine.

Aos dezessete anos, inicia seu fluxo perene de poesia. Apesar da doença, "Torna-se moça, airosa, morena, esculpida em polpa de sapoti, "cheia de corpo", graciosa, mais baixa do que alta, com uma voz inesquecível de doçura e musicalidade", diz o Mestre Cascudo. Inicia uma série de contribuições para os periódicos da época que, coletadas e selecionadas, constituíram os originais de "Dhalias".

Ao contrário do que se imagina, Auta era alegre, frequentava festinhas domésticas e dançava quadrilhas e valsas.

No seu último aniversário, setembro de 1900, dançou muito, tendo como par o então estudante, Luís Tavares de Lyra. Nessas festas, em cujos intervalos havia recitativos, as moças diziam seus poemas, tão ao gosto da época, e Auta, nessas ocasiões, fazia delirar quantos a escutasse, tamanho o magnetismo que fluía de sua verve.

Cingida às prescrições médicas, limitou-se-lhe a liberdade de menina-moça. Passou a ler de tudo. Mergulhava fundo nos livros. Além dos franceses, dos quais se fascinara por Lamartine, lia com certa avidez o grande poeta de "Canção do Exílio" — o indianista Gonçalves Dias — e o irrequieto Luíz Murat, autor de "Ondas" e "Quatro Poemas". Marco Aurélio, porém, em "Pensamentos" parece ter contribuído consideravelmente para fortalecer sua tolerância e desenvolver-lhe o amor à natureza. Daí, conclui-se que para Auta, a dor

foi um buril transformado em guia.

Críticos brasileiros da expressão de Nestor Victor, Olavo Bilac, Jackson de Figueiredo, Tristão de Athaíde, Arthur Pinto da Rocha, Agripino Grieco e Luís da Câmara Cascudo dedicaram-lhe as mais justas considerações. Seu conterrâneo, o acadêmico José Melquíades de Macedo, professor, ensaísta e crítico literário, comparando-a com a festejada poeta de Massachusetts, Emily Dickson, assim se referiu: "Essa (Emily), Auta jamais conheceu e nem de seus versos fez idéia alguma. Entretanto, coincidentemente, eram emocionalmente parecidas, pois ambas versejavam sem grandes preocupações de imortalidade ou glória futura". É a ratificação da tese de que a poesia de Auta era espontânea, gerada na fonte milenar de seus registros ancestrais, como precioso líquido cristalino e puro. Melquíades e Cascudo biografaram, emoldurando suas crônicas-biográficas com a emoção dos enamorados.

Jackson de Figueiredo edita um ensaio magistral sobre a poeta macaibense, incluído na Coleção Eduardo Prado — série C. O ensaísta questionava com desassombro a produção literária da mulher brasileira no campo da poesia, dizendo: "A mulher tem revelado na moderna poesia brasileira, na maioria absoluta dos casos dignos de nota, uma grande capacidade artística, uma excelente técnica de verso, a segurança mais perfeita de tudo quanto é exterior ou, pelo menos, não intrínseco à poesia propriamente; mas é raro que a vejamos revelar uma verdadeira força poética, isto é, é raro que a vejamos capaz de comover realmente, de agitar os melhores sentimentos do coração humano". E prossegue dizendo: "Com raríssimas exceções, a poesia feminina, entre nós, tem mostrado sempre não ter do mundo outra concepção senão a rudimentar concepção que os sentidos podem dar. Direi mais francamente: tem sido toda essa poesia, de modo mais frio ou mais arrebatado, puro sensualismo, pura embriaguez dos sentidos, gemido ou fria paixão, doloroso murmúrio ou gritos e brutais revoltas do instinto".

Jackson não exigia da poesia uma linha objetiva de racionalidade ou de expressão meramente didática, pois entendia que "a razão não é toda a alma", mas "que é da alma que deve falar a verdadeira poesia", sugerindo que ela deva brotar da pura imaginação e da vontade, como queria Long Haye, em Theorie des Belle Lettres. Porém, com muita proficiência asseverava que a psicologia dos mais talentosos poemas brasileiros não encontrava a desejada segurança "na vida interior da sua poesia". A boa obra poética, para ele, não podia prescindir da emoção verdadeira, fruto do "amor como força irradiante e profunda", combinada a um objetivo superior para produzir emoções dignas da arte.

Assim, quanto à poética, Jackson de Figueiredo via em Auta uma alma cheia de harmonia, delicadeza e sutileza, simplicidade e

misticismo, constituindo exceção às assertivas feitas às poetas brasileiras de sua contemporaneidade.

O crítico Nestor Victor, dos mais expressivos, analisou a natureza e o temperamento da mulher poeta, para refletí-los na sua obra. Porém, não chegou a relacionar essa natureza a esse temperamento, para poder sentir as causas íntimas do mecanismo poético de nossa "enternecida cantora". Fixa-se, somente, no limiar de sua dor, quando aduz: "Ela nasceu por conseguinte, para ser o órgão natural do pranto, dada a condição de mulher, naquele ninho de filhos sem pais".

Por isso Auta tornou-se um quase mito, tal a beleza espiritual que flui de seus versos, onde não se encontra a marca da influência de autores brasileiros, seus preferidos, como Gonçalves Dias e Luíz Murat, tão distintos entre si, tampouco dos franceses, como Lamartine, mas onde se descobre a presença do sofrimento como guia natural e uma angelical alegria na sua expressão poética, bem assim o estilo simples e claro das irmãs do Colégio de São Vicente de Paula.

É difícil para o cético — aquele que vê somente o tangível e tropeça no transcendental, compreender os sentimentos de religiosidade da pequena Auta. Sua poesia é puro sentimento, sem as peias da técnica limitadora.

Porém, para os que vislumbram os espaços de vária dimensão, torna-se meridiana a percepção de que as almas envolvidas nas caminhadas milenares, burilando-se nas sublimes experiências de vidas sucessivas, podem manifestar esses valores intelectuais e morais, pois que se constituem acervo do próprio espírito.

Sua poesia tem gosto de sofrimento, mas desliza na leveza da ternura e da maviosidade, lembrando a poeta francesa Marcelline de Valmore.

Nas salas d'outrora, aqui em Macaíba, a presença de Auta era solicitada. Muitas vezes improvisou, tendo dezenas de versos sido esquecidos, porque são anotados.

Como um enamorado, o Mestre Cascudo toma um pincel e derrama na tela de sua prodigiosa verve, tintas marcadas com os traços indeléveis da "DULCÍSSIMA": "Os grandes olhos negros eram sombreados pelas sobrancelhas espessas e os longos cílios avivavam, coando o olhar penetrante. O cabelo era repuxado para o alto, preso em coque, por uma fita, fivela ou broche de ouro. As mangas desciam aos pulsos, e a gola do vestido recobria o fino e nervoso pescoço".

Essa brejeirice da poeta lhe valeu alguns pretendentes que a circundavam fazendo a corte, porém, foi o jovem promotor público, João Leopoldo da Silva Loureiro, que lhe conquistou o coração, recebendo dela um sem número de poesias amorosas, perdidas no esconderijo do ineditismo.

Desse momento, diz o Mestre Cascudo: "Auta vetou os versos que escrevera, amorosamente, pensando e sofrendo por ele. Salvou

alguns, substituindo a intenção terrena do homem pela oferenda votiva aos seus mortos ou aos seus santos. No seu Horto não havia lugar para quem a fizera sofrer na terra. O anjo expulsou o amor terrestre da área sagrada onde o filho do DEUS vivo suara sangue, esperando com ela, o martírio redencial. Mas, essa fase, intensa, violenta, sacudira humanamente a poetisa, abrindo aos seus olhos místicos o clarão ofuscador do desejo, um instante, um relâmpago onde anteviu lar, marido, filhos, outro destino para su'alma. Tudo passou depressa, fulminantemente, mas as cicatrizes ficaram, indeléveis, no pequenino coração sentimental''.

Dessa fase é o seguinte poema:

''Minha alma treme como a mariposa
Que se atira na chama, alucinada
De cada vez que o meu olhar se pousa
Nos olhos teus, ó criatura amada!

E em vez de sombra onde o olhar repousa,
Buscar, fugindo do fogo que devora,
Minh'alma louca como a mariposa,
Se atira mais à chama que a enamora''.

A doença, porém, era um óbice aos sonhos de moça enamorada. Os irmãos, delicadamente, opunham-se ao romance. Não desejavam que sofresse mais. Mesmo assim, durou mais de um ano e foi, certamente, uma pujante fonte inspiradora.

Eis um poema desse período:

Meu coração é como a noite escura,
Cercada só de dores adormidas,
É como um negro túmulo vazio
Onde repousam esperanças idas

Meu coração é como a folha murcha
Que o vento frio desligou da flor
É como um'ave que se vê sozinha
Sem lar, sem pão, sem vida e sem amor.

Meu coração é como a nota triste
Que se evola dos sinos magoados,
Quando da Igreja nas serenas torres
A gemer, a gemer dobram finados.

Meu coração é como a nuvem nègre
Que cobre a terra nas manhãs geladas,
É uma pálida andorinha morta
Num leito frio de ilusões passadas.

Amargurada pelos desenganos amorosos, dedicou a Leopoldo o seguinte poema:

Não me perguntes se te amei nem quanto
Meus pobres olhos hão por te chorado.
Ai! não queiras saber se foste amado
Entre sorrisos, se há dor no pranto.

Não queiras não! Eu te adorava tanto,
Que o meu amor em tempo já passado
Maior era que o Mundo e tão sagrado
Como as ondas do mar sereno e santo.

Hoje, não te amo mais. Quero desfeito
Todo um passado que me trouxe ao peito
Dores eternas, lágrimas sem fim ...

Quanto chorei por ti! Às vezes penso
Que além no Azul talvez o Céu imenso
Em noites sem luar não chore assim!

A doença que lhe causava dor profunda, parecia estacionária nos idos de 1894. Três anos depois, doíam-lhe, ainda, os desgostos amorosos, quando, em junho falecia João Leopoldo de mal súbito.

Ali, terminavam os sonhos de um romance que alimentara sua alma sofrida.

Daquele período, esse poema:
Tão moça e mártir! Não conheço aurora.
Foge-me a vida no correr do pranto,
Bem como a nota do choroso canto
Que a noite leva pelo espaço em fora.

Mas de repente, num pavor de morte,
Sente cortar-lhe o vôo a mão da morte ...
Minha ventura só durou um dia.

A grandeza espiritual da poeta do "Horto" ajudou-lhe a sublimar aquela paixão. Processo lento e doloroso, povoado de lembranças, refletido no poema que se segue:

Réstea de sol do meu amor desfeito,
Vem aclarar o meu viver sombrio;
Meu coração, um'ave que tem frio,
Pede chorando o ninho do teu peito

O pobrezinho triste e contrafeito,
Voga do pranto no nevado rio ...
De suas ilusões o róseo fio
Achou partido, em estilhaços feito.

Como ele treme sem achar abrigo!
A luz procura desse olhar amigo,
Aquece o triste contra o seio teu ...

Mas não! Lembrei-me: o teu amor é morto,
Não quero mais que tu me dês conforto;
— Eu tenho medo de quem já morreu! ...

Stella Leonardos, que "pousou" em Natal antes mesmo de conhecer a Cidade do Sol, guiada pelos caminhos de José Augusto de Medeiros, encontrou na poeta capixaba, Kátia Bento, autora de "O Auto de Auta", o êmulo para ligar-se, definitivamente, à melodiosa poesia do "Horto".

Em estilo elegante e feminino, proclama na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras: "Que direi de Auta? Irmã, na poesia, de Casimiro de Abreu, tivesse ela publicado seus versos em Portugal e seria tão famosa quanto Casimiro". E vê na obra de Auta as mesmas virtudes dos aplaudidos e consagrados poetas brasileiros: Machado de Assis, Cruz e Souza e Castro Alves.

Stella Leonardos é uma das mais expressivas poetas do Brasil, tendo merecido a consagração do público brasileiro. Portanto, autoridade acreditada para assumir tão gratificante opinião.

Agripino Grieco, o mais mordaz e terrível crítico brasileiro, emocionou-se com a poesia da pequena poeta que lhe deu o título carinhoso de "DULCÍSSIMA". Foi a consagração!

Nosso inesquecível Olavo Bilac, no prefácio à primeira edição do "Horto", diz da forma livre e espontânea do verso de Auta, sem a preocupação dos enfeites e sem enredar-se à teias dos artifícios técnicos. De fato, aquele monumento das letras brasileiras, na sua sensibilidade, teve a clarividência de caminhar pelo mundo de sensações, externado em suas poesias, ora ardentes, ora tristes, mas sempre espontâneas, livres, fluentes, musicais, envolventes, quer quando canta aspectos da natureza; quer quando recorda sua infância; ou mesmo uma recordação fortuita, ou "um desfalecimento moral, uma hora de dúvida" ou aquelas que nos levam ao recolhimento da prece".

E Olavo Bilac concluiu seu prefácio, dizendo: "Horto será, para os que amam a linguagem divina do verso, um desses raros livros que se lêem com um encanto crescente".

Seu irmão Eloy de Souza, em "Memórias", às pág. 46, falando sobre Auta, diz: "Seu coração foi custódia de amor e perdão, de bondade e caridade. Nele ardia a chama votiva em devoção a todos os sentimentos humanos" e afirma categoricamente: "Sua poesia alcançou uma tal intensidade de sentimento cristão que até hoje não envelheceu".

Expressões dos mais distintos segmentos da vida brasileira, políticos, intelectuais, artistas, religiosos, professores, médicos, advogados, em voz unânime, aplaudiam a pequena-grande poeta potiguar, numa perene homenagem, traduzida nas palavras comovedoras do Senador, Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão: "A surpresa da morte de Auta recebi-a como uma martelada. Apagou-se aquela nobre inteligência, inocente e sonhadora, que ainda ontem versejava contrastantes de melancolia e de contentamento, figurando-se ela, a nossa querida morta, sempre ao lado da sombra, do polo negativo da existência". Era o pensamento unânime do povo, na palavra do velho político.

De fato, Auta foi lida e sentida por todas as camadas sociais. As mais simples, sentiam-lhe o hálito angélico e infantil da musa; as de melhor percepção, sentiam-lhe o fôlego da alta poesia, na qual "a imaginação e o sentimento revestem, sem perder a naturalidade de formas severas, e revelam às vezes, também, singularidades de temperamento, próprios de poder criador acima do comum" — afirma Jackson de Figueiredo em seu já mencionado ensaio.

O lirismo de sua poesia justifica o título do prefácio do eminente Professor Edgar Barbosa, no poema-biográfico de Luís da Câmara Cascudo: "A VIDA BREVE QUE FOI CANÇÃO".

Alceu Amoroso Lima, prefaciando a 3ª edição de "Horto" concluiu: "Todas as almas sofredoras, todos aqueles que aspiram a esse estado de graça em que ela viveu, ou, mesmo, as que lutam como uma natureza mais rebelde e tortuosa — hão de encontrar nos poemas místicos, ou simplesmente líricos, do Horto, uma companhia angélica que lhes terá, porventura, um pouco de serenidade na lição de uma dor que encontrou o seu sentido sobrenatural e, portanto, se transmuta em esperança e em amor pelo inefável".

Particularmente, não vemos essa exuberância mística que lhe é atribuída, mas sinto, sem embargos, que todos são unânimes em reconhecer o incomparável lirismo de sua obra.

De fato, Auta debulhou o rosário de seus poemas "recordando, sentindo e penando", como bem dizia Henrique Castriciano. Esse foi o tripé, sem dúvidas, em que apoiou talento e imaginação. Seus poemas são expressões de seu arrebatamento pessoal, naturais, espontâneos, autênticos e livres, caracterizando o mais puro LIRISMO.

HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA, macaibense nascido a 15 de março de 1874. Filho de Eloy Castriciano de Souza e Da. Henriqueta Leopoldina Rodrigues de Souza. Aos dezesseis anos já era poeta como a irmã, Auta de Souza. Consagrou-se na poesia, bem assim como cronista. Citado na "Biblioteca Internacional dė Obras Célebres", internacionalizou-se. Suas qualidades literárias são exaltadas pelo Mestre Cascudo, em "Nosso Amigo Castriciano", por Veríssimo de Melo, em "Patronos e Acadêmicos" e pelo emérito professor, Antônio da Rocha Fagundes, em "Leituras Potiguares".

Na madrugada de 7 de fevereiro de 1901, Auta perdia sua roupagem física, para vestir o manto angelical das almas libertas e alçar o vôo maior às dimensões divinas.

De lá, do seu "Recanto de Paz", a "doce pomba" nos envia vibrações de amor, guiando nossos passos e nos enchendo os corações de poesia.

A morte não distanciou a "DULCÍSSIMA". Pelo contrário. Tornou-a mais próxima de todos nós. Atende-nos o chamamento do espírito e nos intui afetivamente.

Em 1976, comemorando seu centenário de nascimento, o Instituto de Difusão Espírita, de São Paulo, sob a coordenação dos Srs. Stig Roland Ibsen e Clóvis Tavares, editou um livro de poemas que denominaram simplesmente "Auta de Souza", contendo 63 poesias e 24 trovas psicografadas pelo médium brasileiro, Francisco Cândido Xavier.

Clóvis Tavares, prefaciando a obra, assim se refere: — "Neste volume espiritual da Poetisa Rediviva, que a mediunidade límpida de Chico Xavier nos oferta, repleno de beleza e vida, sentimos a mesma Auta, generosa e humilde, toda inclinada para os sofredores, para os humilhados, para os tristes... Agora, é portadora de uma Nova Luz, é mensageira de esperanças mais dilatadas, em apelos que nos fazem pensar nos perigos espirituais dos adiamentos e das delongas.

Eis um de seus poemas póstumos:

Segue os passos do Mestre, enquanto é dia...
Sobe do escuro vale para o monte,
Que a coroa de lágrimas te aponte
A vitória da crença que porfia.

Não te detenhas na escabrosa via
E que a taça de fel não te amedronte.
Louva o madeiro que te dobra a fronte,
Para a estrada cruel, áspera e fria.

Enquanto há sol, avança a subida,
De alma esfalecente e consumida
Bendizendo o martírio que te eleva!

Seja a luz excelsa recompensa,
Porque a noite da morte é triste e densa
Para aqueles que dormem sob a treva.

Essa é a mesma "Auta", REDIVIVA. Seu lirismo é o sopro inconfundível de seu "eu". É a expressão que amplia em novos horizontes, conduzindo a criatura humana para DEUS.

E, na emoção dessa hora, peço vênia aos que me ouvem, para sintetizar, em versos, minha pequena homenagem:

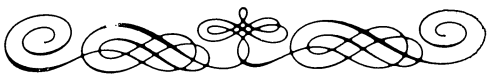
OBRIGADO! Alma amiga!
Vivo uma grande emoção:
Falar de tua doçura,
Da vida que foi canção.

OBRIGADO! Rouxinol!
Teu canto não é de dor.
É antes de tudo um hino,
De Paz, Beleza e Amor.

OBRIGADO! Cotovia!
Expressão mais pura da fé,
Refletindo a confiança,
Na Virgem de Nazaré.

OBRIGADO! Patativa!
Mãezinha do Lar Celeste.
Aqui vai nossa homenagem
Num poema, mesmo agreste.

OBRIGADO! Anjo Bom!
Luz Branca de meu caminho.
Tens nesta minh'emoção,
A prova de meu carinho.



Marinheiro de Primeira Viagem

Jansen Leiros

uatro e meia da manhã, mamãe estava de pé, aviando uma paçoca de carne de sol que seria nosso entretenimento durante a viagem que faríamos ao nascer do sol. Algumas frutas foram colocadas numa sacola de tecido, antigamente usada para transportar as fraldas e outras roupinhas de Natércia, minha irmã, que contava, uns quatro anos de idade. Tratava-se de um "pic-nic" na Fazenda Carnaubinha, de propriedade do Sr. Torquato Justino, um abastado cidadão da terra das "macaíbas". A fina flor da sociedade local fora convidada para a festa anual das primeiras colheitas. Feijão e milho verde.

Às seis, estávamos no cais da "Refinação". Íamos em dois botes. Um, de João Lau — o Almirante; o outro, de "Manu", discípulo daquele velho marujo.

Havia nada mais, nada menos de cinquenta pessoas para serem acomodadas nos dois botes.

Eu estava exultante. Era minha primeira experiência náutica.

Lembro-me de que a maré estava cheia e que as águas atingiam o declínio em meia lua que indicava o cais, em frente ao qual os botes atracavam para receber passageiros e mercadorias.

Os convidados foram tomando seus lugares nos botes. Mamãe e papai entraram. Eu, segurado pela mão do velho, não cabia em mim de contente. Estava até vestido de marinheiro — era o "chic" na época. Subimos no bote do mestre João Lau. Luíz Marinho de Carvalho, Nestor Lima e suas respectivas famílias entraram na mesma embarcação. Lotado o primeiro, foi-se afastando do cais para que o outro apanhasse seus passageiros. A festa começou ali mesmo. A algazarra era grande. Laís, Lourdinha, Vanda e Mariá riam e gritavam temendo escorregarem no momento em que passassem do cais para o bote, equi-

librando-se nos bordos da embarcação. Enfim, tudo pronto. Velas içadas, saíram os veleiros, deslocando-se lentamente, fendendo as águas do velho Jundiaí.

Irrequieto, deixei meus pais que sentavam no campo de proa e fui acomodar-me na popa, para ver as manobras do leme, efetuadas pelo "seu" Joaquim — um preto musculoso, sério, carrancudo, e impassível como os guardas d'um Rei. Aos seus pés, umas bugingangas que não identifiquei e duas latas velhas que serviam para jogar água na vela e uma pesada âncora. Fiquei a olhar os filetes d'água produzidos pelo movimento do bote, formando duas listras de espumas nas extremidades dos bordos da popa, que convergiam no sentido inverso do movimento, alternando de intensidade a cada impulso de João Lau, com uma imensa vara fincada no leito do rio.

O bote ganhou velocidade com a ajuda do vento e a festa continuou sob a batuta de Luíz Marinho com "sax-tenor", aboletado à "meia-nau", enchendo os espaços com a sonoridade tirada daquele instrumento maravilhoso. O violão de Nestor, o cavaquinho de Chicó e a bateria de Raimundo Cavalcanti (Lacerda), completavam o espetáculo.

Passamos pelo "Ferreiro Torto". Lá estava o velho solar mal assombrado. Casarão sobre o qual circulavam as estórias mais interessantes do mundo — Aquela moça enterrada viva pelos pais, porque namorava com um dos escravos da casa; das almas que choravam em torno do solar; dos batuques e cantigas de escravos na senzala; dos tijolos voadores que se desprendiam das paredes, atingindo os incautos visitantes —. Lá estavam suas ruínas, guardando em sua psicosfera a história dos massacres holandeses no século XVII.

Prosseguimos. Cantores começavam a se revelar, empolgados com a orquestra de bordo. No bote de Manu, a algazarra não era menor. "Seu" Joaquim continuava impassível e eu admirando aquele homem-autômato, que não ria, não piscava os olhos, mantendo somente os braços em movimento, no comando do leme.

Na proa, "seu" Mesquita começou a fazer um discurso. Luíz Marinho tocava "Royal Cinema" em surdina, como fundo musical. Aí, eu resolvi ir para a proa para assistir de perto o orador e saí, tombando aqui e ali, quase pisando os que estavam no meu caminho improvisado. Lá me sentei e senti-me o próprio capitão-pirata, prestes a abordar um navio inimigo.

Chegamos à parte mais larga do rio. À direita, as ruínas do casarão dos Guarapes, onde o velho Fabrício Pedroza montou outrora seu império. Lá, Augusto Severo soltou seus primeiros papagaios e armou suas arapucas para pegar caranguejos, siris e aratus, nos mangues.

Imaginei-me viajando nas velhas caravelas, naquele mar que se dimensionava nos meus olhos de menino e me lembrei de uma história

contada por meu avô Joca Leiros sobre um pirata francês, Jacques Refaut que fugindo à perseguição portuguesa, escondia-se com muita maestria nas camboas dos Guarapes.

Enfim, chegamos à "Carnaubinha". Antônio Coelho acabara de recitar uma poesia de Augusto dos Anjos, quando o Sr. Torquato Justino nos recebeu no trapiche. Desembarcamos, os botes ficaram fundeados ali mesmo. Seguimos na mesma algazarra até a sede da Fazenda, onde nos guardava o mais variado café da manhã que conheci, preparado por D. Isaura, esposa do fazendeiro. Havia cuscuz, tapioca com coco, seca e molhada, mungunzá, canjicão, canjica, queijos de manteiga, de coalho e do reino, macaxeira, batata-doce, inhame, coalhada, jerimum com leite, enfim, um banquete matinal que somente vi repetir-se trinta anos depois, quando de uma visita à casa de José Brás, em Acari.

A festa "rolou" o dia inteiro. Dos arredores os moradores foram-se aproximando atraídos pela música. Quando a maré começou a encher, entardecia e retornamos. Os ânimos, na mesma vibração. Jamais esqueci aquele dia, quando fui, de fato, um marinheiro de primeira viagem.

Genildo
O Galã Macaibense

Jansen Leiros

Na faina diária, andava eu apressado pelas ruas do Rio de Janeiro, quando alguém me chamou: "Êi!, macaibeiro de uma figa! Figura pteridófila!". Virei-me incontinenti e com agradável surpresa vi que se tratava de Genildo, amigo de infância e companheiro de minhas primeiras incursões pelo meretrício de Macaíba, tornando-nos clientes de Alice Ventura e Ana Alice.

Garboso, envergava a fatiota vermelha dos navais e mais parecia um guarda suíço, na sua impecável elegância.

Abraçamo-nos quase emocionados. Fazia uns quinze anos que não nos víamos. Eu havia saído de Macaíba para estudar. Ele para a Marinha do Brasil. Fui para Natal, casei-me aos dezoito anos incompletos, e, de certa forma, desliguei-me dos amigos da infância.

Soubera depois que, ao "sentar praça", ele preferira ficar entre os navais, porém, não sabia sua duração.

Aquele encontro fez-nos reviver. Fomos ao escritório de Luíz Paulino, seu primo, e lá conversamos umas três ou quatro horas seguidas. No navio das relembranças, fomos singrando as águas do tempo, fundeando aqui e ali, ora no campo do "Cruzeiro", ora no "Pax", ora no "Café de Distinto", ora no "Gango", visitando Ana Alice, Rosa ou Xibil de Bola; mas foi na pracinha do "Parque Gov. José Varela" que arreamos âncora por mais tempo, permitindo que as "meninas" de saias rodadas e plissadas, visitassem nossa embarcação, que fazia o cruzeiro das saudades.

Dali, despedimo-nos marcando novo encontro para o domingo próximo, em Petrópolis, na casa de Paulino, o que não aconteceu, nem me lembro mais por quê.

Um mês depois, pedi o endereço dele e fui visitá-lo no Catete. Toquei a campainha e uma senhora madura me atendeu. Era sua

respeitável dama de companhia. Perguntei por ele, e ela, com os olhos marejados, respondeu-me que não sabia. Não tinha notícias há quase um mês. Contou-me que descera na hora do almoço para comprar uma cerveja, por insistência dela própria, e não voltou. Que fora às delegacias de acidentes, ao Instituto Médico Legal e nenhuma notícia obtivera. Na Marinha, também nada sabiam. Ele estava de licença por quarenta dias. Consolei a pobre mulher e saí às pressas para o escritório de Paulino.

Assustado, contei o ocorrido e o "baixinho", com sua voz cavernosa, disse rindo:

— Nada "seo"! O marujo está navegando água do Rio da Prata! Está na Argentina, curtindo uma boa. Acaba de me telefonar pedindo que transferisse uma grana p'ra poder voltar.

Pasmo pela informação, indaguei o porque não havia ele comunicado à companheira. Paulino contou:

— Ela insistiu para que ele comprasse uma cerveja. Contrariado, desceu de bermudas e chinelão, carteira de cheques e alguns trocados. No bar da esquina, encontrou uns amigos navais que o convidaram para entrar na turma e tomar umas e outras. Chateado com a companheira, aceitou o convite e mandou-se. Arpoador, Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes, Angra dos Reis. Lá, tomaram uma lancha e foram até Santos. Em seguida, aceitaram um convite de outro marujo de Santa Maria e rumaram para o Rio Grande. Enfim, Buenos Aires, e o dinheiro acabou. Acabou-se o talão de "Cheque Ouro" e o "gajo" pediu socorro, que já providenciei.

Era assim o marinheiro Genildo: "bom vivant", irresponsável, irresistível, amigo; bom amigo, prestativo, humano, afetivo e amante da boa leitura, apreciador de bons filmes, de teatro e curtidor das artes plásticas.

Viajando pelo mundo, visitava museus, monumentos históricos, ouviu óperas e anotava cada passo no diário de sua memória.

Inteligente e simpático, Genildo conquistava de maneira sólida suas amizades.

O tempo foi passando. O amigo embarcou, depois foi destacado para uma base fora do Rio e não nos encontramos mais.

Há poucos anos, retornei às raízes. Fui à Macaíba para rever amigos e matar as saudades.

Surpreso, encontrei Genildo. Não mudara em quase nada. O mesmo tipo longilíneo, elegante, vaidoso, cabelos penteados, olhos sempre em busca de um "Rabo-de-Saia". Pela segunda vez nos encontrávamos assim, e nos abraçamos com euforia e emoção.

Sentamos no terraço de Janete, já viúva do inesquecível amigo Chico Moura, e conversamos horas a fio.

Sentí que, embora continuasse mulherengo, Genildo havia mudado um pouco. Sim! Havia mudado bastante. Deixara de beber;

tornara-se caseiro e falava em casar. Seu tempo era dedicado à leitura, à música e aos bons filmes. De quando em vez um pouco de esporte. E deu Conceição no doze. O galã irresistível rendera-se à brejeirice da menina de Peri-Peri.

Tempos depois, Genildo foi contratado pela instituição onde trabalho. Requisitei-o para meu gabinete. Revelou-se excelente profissional. Eficiente, responsável, dedicado.

Um dia, convidou-me para conhecer sua casa, construída numa das colinas de Macaíba. Fomos, Marileide e eu. Conceição nos recebeu com muita atenção e com aquela simplicidade que lhe é peculiar. Tivemos uma tarde agradável, ouvindo música e falando sobre literatura e cinema.

Fiquei surpreso. Em sua biblioteca desfilam: Eça de Queiroz, Machado de Assis, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Marguerite Yourcenar, Heinz G. Konsalik, Margaret Mitchell, D. H. Lawrence, David Osborn, Franz Kafka, Maurice Druon, Bronde e meia centena de autores potiguares a colecionar.

Descobri nesse dia que Genildo também gosta de escrever. Há muitos rascunhos de crônicas e críticas literárias, propositadamente escondidas em suas gavetas. Só de quando em vez presentes um ou outro amigo com uma de suas páginas, nas quais revela o analista, o perspicaz, o sensível e o lírico que engaiola como um curió, ávido de gorjeios.

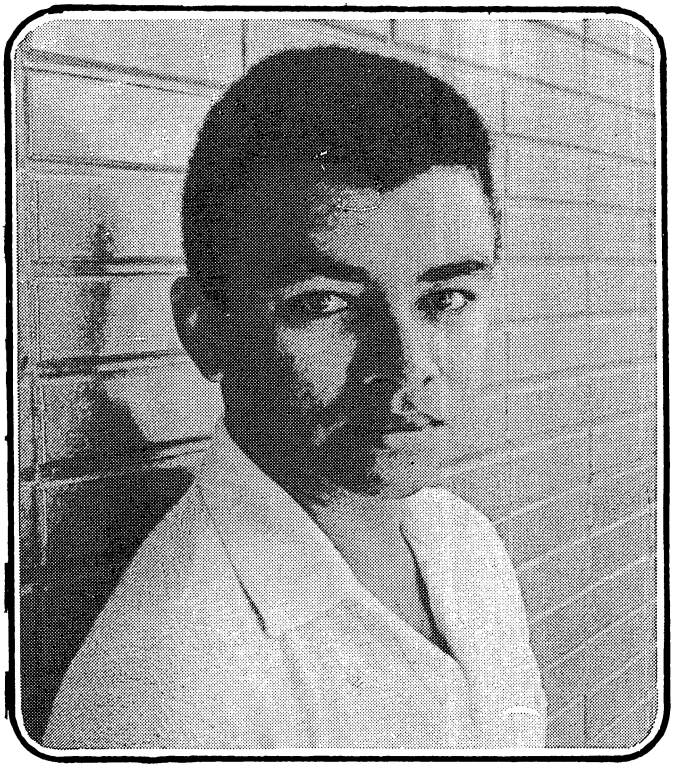
Edna Duarte, filóloga, cronista e contista que honra as letras norte-rio-grandenses; séria, honesta e sensata nas apreciações que faz sobre trabalhos literários, em seu livro "Calungagens de Papel" dedica uma página ao querido amigo.

Lendo meus modestos trabalhos: "Contos do Entardecer" e "Apólogos do Nascer do Sol", Genildo, na sua gentileza nata, porém, externando sua opinião com sinceridade, fez alguns comentários que ora transcrevo, parcialmente — com o objetivo de mostrar o acervo de conhecimentos de que é possuidor nosso caro amigo:

"Nesses "Contos de Entardecer", se propõe transmitir aos leitores, momentos de profunda reflexão, de beleza filosófica, enfocando a disputa entre o Doctor Jekyel e Mr. Hyde, que existem dentro de nós. É um livro excitante e envolvente.

Apólogos do Nascer do Sol são páginas de rico lirismo, enternecedoras, algumas inquietantes e de grande densidade emocional. Os fenômenos mediúnicos neles contidos, às vezes transcendem o entendimento do leitor, com seus personagens transpostos para remotíssimo e ignotos mundos, através do tempo e do espaço. Porém, a já considerável produção literária de Jansen Leiros, digna de qualquer antologia, não constituirá somente uma afirmação de fé, mas denota uma intensa preocupação com o aperfeiçoamento espiritual do homem".

Pela amizade e admiração que tenho ao eterno galã, desejo registrar tais sentimentos, para que o futuro possa incluí-lo na galeria dos homens valorosos da ufanada terra macaibense.



JOÃO MARIA MARCELINO DE OLIVEIRA, nascido em Macaíba, em 1959, filho de Isaura Alves do Nascimento e José Marcelino de Oliveira.

Fez seu curso primário no "Auta de Souza" e ginásio, no "Paulo Nobre". Em 1978, interrompeu seu curso de contabilidade no 2° ano, na Escola Dr. Severiano.

Artista nato, João Maria somente interrompeu suas atividades durante o serviço militar que ocorreu em 1979. Foi licenciado como Cabo Armeiro, pelo 7° Batalhão de Engenharia e Combate.

Em 1980, engaja-se definitivamente na arte.

Ator, figurinista, iluminador, camareiro, maquiador, cantor, eis o elenco de suas habilidades artísticas. Ultimamente, estreiou como diretor, na peça: "Quebra-quebra Guabiraba", de autoria de Carlos Nereu, como parceria sua.

Atualmente estuda canto com Atenilde Cunha. Trabalha na Prefeitura Municipal da Cidade do Natal, atuando no Projeto Juventude.

Navegos de minha memória

João Maria Marcelino

eus fins de semana em Macaíba, quando menino, eram bem diferentes dos até então narrados por tantos poetas e escritores. Na década de sessenta, todas as tardes tinham o mesmo cenário. Ora, revestido por um crepúsculo cinza envelhecido e, outras tantas vezes, por um laranja avermelhado que até mais parecia uma queimada ao anoitecer.

Minha mãe concluía o curso pedagógico em Natal e eu costumava acompanhá-la às escondidas — dela e de minha avó — até a parada de ônibus, na praça da ponte — como os meninos de minha idade a chamavam. Quando podia escapar dos olhos dela, eu estava lá na esquina do Grupo Escolar "Auta de Souza" a vê-la tomar o ônibus. Às seis horas da noite, tudo mudava. Naquele momento, começava a fantasia que deixou marcas profundas em minha mente infantil. E entrava no ar "A Voz do Pax Clube". Os amplificadores instalados num dos eucaliptos que ladeavam o leito do rio Jundiaí, ainda hoje são conservados. O prefixo musical do programa era uma das mais conhecidas músicas do repertório internacional e que todos a escutavam embevecidos. O sol já havia adormecido e a lua surgia prateada.

O ônibus partia e eu, sozinho na timidez de criança, imaginava Natal com os edifícios altíssimos, com luzes a colorir as ruas e imaginava, também, como seria bom ir à praia e ver navios passando ao largo... A única embarcação que eu conhecia era o velho bote de João Lau que deslizava no rio Jundiaí — navegável na época — sob os olhos habituados dos ribeirinhos. E, retornando, subia a rua João Pessoa, chegando ao Mercado Público. Meus olhos corriam toda a calçada, como a procurar aqueles personagens que formavam, para mim, um Museu Vivo. Aquele Museu era composto de uma galeria de figuras famosas e representavam elas tanto para mim, como se representassem

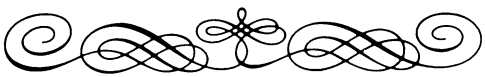
muito para o Universo. A minha preferida era Maria Cabral. Mulher excêntrica, do povo. Seus trajes não mudavam muito. Uma saia "godet" buraco, preta, de renda com forro de cetim vermelho, uma blusa azul rebordada com sutache colorido e sobre a cabeça muitas flores artificiais e dois malvões escarlates que combinavam assim com o forro da saia que ficava à mostra. Diversas marrafas enfeitavam um penteado exótico. Ainda hoje guardo seus traços na memória. Um autêntico tipo das películas de Pasolini. Seguindo a mesma rua, encontrava a pequenina Sabiá. Ah!, Sabiá. Uma figura de andar engraçado — tipo "vinte-e-nove-e-trinta". Divertia populares e políticos, ao contrário de Maria Cabral que era agressiva. Sabiá usava sapatos bem maiores do que seus pés. Andava com uma bolsa arredondada "roxo-caixão" e uma sombrinha espalhafatosa com fitas coloridas. Como Maria Cabral, Sabiá sempre vestiu saias largas e blusas estampadas. Seu sorriso, sem dentes, fazia realçar os óculos pretos, que era um, entre os tantos de sua coleção. Lembro-me de que Sabiá portava sempre um lenço às mãos e falava com todos, mesmo sem conhecer. Os meninos corriam atrás dela a chamá-la: "Sabiá três cocos!" E ela, mesmo contente, vociferava palavrões e assim divertia a criançada e os expectadores. Era uma mulher de estatura baixa. Mal chegava a um metro e meio. Possuía uma personalidade forte. Muitos a admiravam. Sabiá não tinha hora para seu passeio e como pedinte caprichava no visual. Colares, brincos e bastante "rouge" nas massas do rosto, completavam a fantasia. Andava morosamente ao redor do obelisco de Augusto Severo, como uma rainha cansada. Sabiá fazia a história da sua cidade e não sabia. Na rua da Conceição, sentado no meio-fio, descansava Rosinha — um negro de estatura média, com feições nigerianas. Ele não falava e por aquela razão os moleques viviam a molestá-lo com insultos fazendo assim usar sua única arma de defesa. Dizer: "Êpa!". Não falava mais nada. Ví naquele, pela primeira vez, a angústia de não poder falar. Sua defesa era criticar muitos "Êpas!", como se suplicasse pela compreensão humana. Ele ficava, não arredava o pé. Eu continuava, até chegar à Igreja Matriz da Conceição, onde "seu" Adelino ajudava Pe. Alcides na celebração da missa das seis. Mais à frente dava p'ra ver minha casa. Minha avó portava uma corda de sisal torcido para me intimidar. Mas a fantasia de criança ou a realidade de um menino que explorava minutos da vida, não acabava ali. A noite tomava forma e as mais diversas brincadeiras seriam executadas na frente da casa: Tica-tica, Bandeirinha, Anjo-Bom, Anjo-Mau, Garrafão, Esconde-esconde... Quando o sono apertava os olhos, Macaíba deixava de existir e tornava a sonhar, desta vez dormindo, com a cidade grande cheia de luzes e navios em alto mar. Vovó fazia minha cama enquanto mamãe era aguardada com ansiedade. Deitado imaginava o outro dia, quando voltaria a encontrar todos aqueles personagens, como a peça de teatro ou nos filmes do Cine

Paroquial. Na manhã seguinte, o Museu Vivo estaria mais uma vez aberto ao público e logo após a partida de mamãe eu voltaria a visitá-los ao som de "Besame Mucho" — pensava.

Assim, passei parte de minha vida de menino, curioso com o que acontecia em Macaíba. Sempre pacata, banhada pelo Jundiaí de inúmeros barcos, outrora vindos de Natal, crescia como um símbolo no mais recôndito de meu ser.

Hoje, Macaíba me faz refletir. Continua bela, porém seus monumentos e sua memória não são bem conservados. Um dia começaram a desaparecer seus marcos: o coreto, a casa de Auta de Souza, o berço de Augusto Severo, a casa de Tavares de Lyra, os casarios de época, o lago dos patos no Parque Gov. José Varela e outras tantas coisas que nos entristecem.

Volto a alimentar esperanças de que, os de minha geração, façam de Macaíba o ornamento de ontem. Deixem-na respirar livremente entre os eucaliptos da praça e alimente-se com o amor de seus filhos, sobrevivendo à seca, à chuva, à fome, à incompreensão dos homens. Almejo que ela continue brejeira e acolhedora, como nasceu.



JOSÉ BEZERRA DA SILVA, nascido em Macaíba aos nove de outubro de 1935. Fez seu curso primário no Grupo Escolar "Auta de Souza". Secundário, no Rio de Janeiro, pelos idos de 1957. Graduou-se pela Escola de Oficiais da Marinha. Foi primeiro-tenente em 1969, Capitão dos Portos, em Macau, no período de 1969/71. Bacharelou-se em Geréncia Empresarial em 1974, pela UFRN. Foi Adesguiano do VII Ciclo e entrou para a reserva da Marinha de 1982.

História de Assombração

José Bezerra da Silva

entre as "figuras" de minha terra, uma também merece ser registrada nos anais da memória conterrânea: José Cândido Matias, o "Zé Gipe", um tipo incomum, com características próprias, ímpar na multidão de viventes que circulavam pela Macaíba de minha juventude.

Pouco mais de 1,30m de altura, homem simples, do povo, engraxate de profissão, músico, palhaço de pastoril, palhaço de circo, embolador de coco nos carnavais de entrudos e maxixeiras. A propósito, recordo um fato acontecido nos idos de 1950, em que fomos, ele e eu, protagonistas.

Naquela época, fazíamos parte da Banda de Música da Municipalidade. Éramos quase vizinhos, naquela artéria que tinha dois nomes: Rua do Cemitério, a partir da Igreja até o próprio; daí em diante, Rua do Fio. Eu morava no início, perto da Igreja. Zé Gipe, na Rua do Fio.

Transcorria o mês de maio. Mês de Maria. A Banda fora convidada para abrir os festejos com uma alvorada, na calçada da Igreja Matriz. Em seguida, devia desfilar pelas ruas da cidade, o que aliás é feito até hoje.

A alvorada fora marcada para às 5:00. Essa tarefa deixava-nos eufóricos, pois íamos nos exibir com farda de gala, engomada, instrumentos brilhando, enfim, íamos ser vistos, chamar a atenção do povo. Exultamos. Pedi a Zé Gipe que passasse em minha casa, no que ele concordou, pois gabava-se de que acordava a hora que bem entendesse. Ficou acertado que ele passaria lá pelas 4:30hs e iríamos juntos para a sede da Banda que ficava na Rua do Pernambuquinho, na residência do Mestre Fincão — José Porfírio.

Tudo bem. Trato feito. Fomos dormir cedo. Sapatos engraxados ao lado da rede, farda engomada, expectativa pela grande apresentação

da Banda. Não havia nenhuma preocupação com horário. Zé Gipe era pontual.

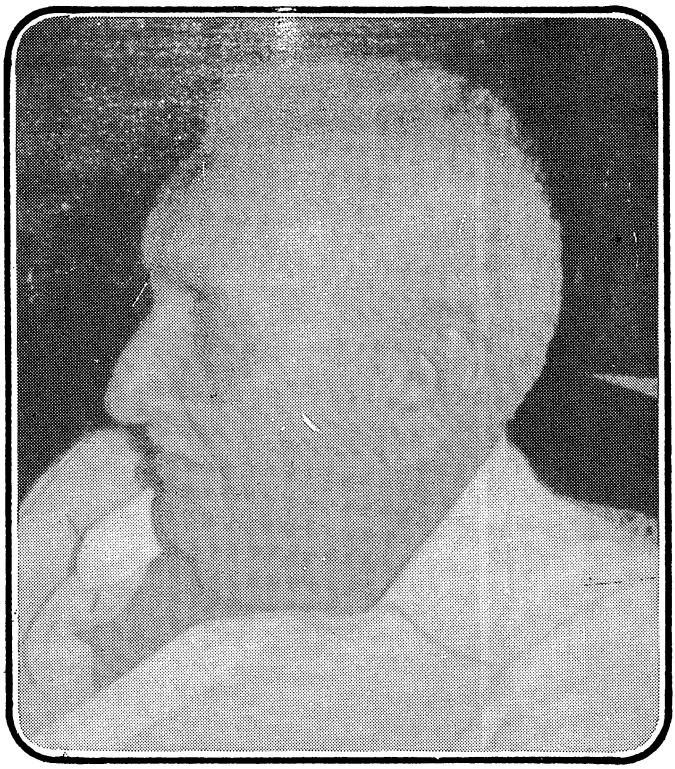
Acordei com o chamado do companheiro. Como não tinha relógio naquela época, não me dei conta de saber a hora. Pronto, saímos, rumando em cumprimento da missão. Tarefa para nós gratificante.

Estava ainda muito escuro. Enquanto descíamos a ladeira do Cemitério, comecei a desconfiar de que era cedo demais. Mas, como não possuía relógio, prossegui. Não tinha por que duvidar da pontualidade de Zé Gipe. Ele nunca falharia.

A essa altura, com o pensamento percorrendo estrelas na amplidão da noite, íamos passando em frente à Igreja Matriz. Ali, minha atenção foi despertada por um ruído sutil, vindo da parte superior do templo.

Olhando naquela direção, vi numa das janelas entreabertas uma figura de mulher, muito bonita, vestida de branco, cabelos soltos, a me fitar serena. Um medo súbito me invadiu. Mostrei a Zé Gipe o que estava vendo e este, que também havia visto, só teve tempo de dizer: — É coisa do outro mundo! E bateu em retirada, sendo solidária e necessariamente acompanhado por mim.

Depois de muito correr, paramos na calçada do Mercado. Um "guarda-noturno" ia passando. Meio apavorado, ainda, perguntei-lhe a hora. Era pouco mais de meia-noite. Sentamos na calçada e olhamo-nos, ainda assustados e eu falei: — Que vergonha! Dois "homens feitos", dois músicos de confiança do Mestre Zé Fincão, fardados em gala, a correr como doidos com medo de uma "alma do outro mundo".



JOSÉ LEIROS, nascido em Macaíba a 20 de dezembro de 1910. Filho de João Viterbino de Leiros (Mestre Joca Leiros) e Da. Elvira de Castro Leiros. Na juventude, participou dos movimentos lítero-recreativos da cidade, escrevendo poesias e fazendo teatro. Foi um dos fundadores do Grêmio Dramático "Auta de Souza". Poeta, produz incansavelmente mas prefere conservar inéditos seus trabalhos. "O cantar do galo", porém foi uma coletânea coordenada por seu filho Behring que mandou editar em São Paulo e lhe fez uma surpresa de aniversário, mandando-lhe quinhentos exemplares.

Aposentado, mora em Natal, mas alimenta-se das raízes como todo "macaibista".

Uma Professora "Sui Generis"

José Leiros

Quando conheci Joana, ela já estava alquebrada, decadente, arrastando seus quase oitenta quilos de gordura disforme, com seu andar de tartaruga. Era uma mulher como outra qualquer de sua profissão que envelhecera prematuramente por força dos excessos e fora lançada no ostracismo, pela incapacidade de concorrer com qualquer outra. Todavia, não prescindia do talco, do baton, do "rouge", do perfume, sendo este último quem originou o apelido, tão ajustado que lhe deram: JOANA DE CHEIRO. O baton e o "rouge" ela resolvia com uma folha de papel de seda vermelha, do qual tirava um pedaço e dele fazia uma pequena bola que depois de molhada na própria saliva, lambuzava as faces e os lábios. Por falar de gosto ou de espelho, o rosto, o pescoço e o colo ficavam mascarados de talco e assim, impregnando o ar à sua passagem com o perfume que a identificava, lá se ia JOANA DE CHEIRO todos os dias ao Mercado Público, bater papo com os conhecidos, comer alguma coisa por lá, se achava quem lhe desse e, pedindo cigarros a uns e a outros, voltava ao lar antes do meio-dia.

Sua casa era de taipa e ficava na estrada da Lagoa das Pedras, próxima à bifurcação que conduz à rua do Fio e se resumia em um único vão, que não media mais do que dez metros quadrados. Ali era sala, quarto, vestuário, cozinha e banheiro, existindo apenas, como mobília, um tamborete e um velho baú, onde as visitas se sentavam. A rede estava sempre armada e o dia todo, porém, suspensa pelo meio e pendurada nos caibros. A esteira de palha de carnaúba, onde Joana ministrava suas "aulas práticas" — quando não ocupada — estava enrolada e guardada entre o baú e a parede.

A casa tinha apenas duas portas. A da frente permanecia fechada para evitar os olhares indiscretos de quem passasse na estrada, e a dos

fundos dava para um matagal mais ou menos fechado, onde eram jogados os dejetos, visto não serem as cidades do interior, ainda saneadas, nem mesmo possuirem fossas sanitárias todas as habitações.

JOANA DE CHEIRO tinha uma filha única que se chamava ANTÔNIA e que estava vivendo os dias que marcavam o início da puberdade, pelo que tomava formas arredondadas, afinando, ao mesmo tempo, a cintura e, a todo vapor, desabrochavam os poros que se iam desenhando por sob o vestido de chita ordinária que se estufava para frente, à proporção que cresciam. Sem mangas, o vestido deixava ver, semelhante à babugem que nasce com as primeiras chuvas, os pelos axilares.

Joana costumava estimular a vaidade da filha dizendo: "...Bota pó, minha filha, que moça sem pó é como pão sem manteiga".

Antônia com aquela carinha bonita começou a ser assediada por aqueles que viam nela uma presa fácil. Sabendo por instinto o que os homens querem, quando julgava oportuno negaceava habilmente, deixando-os com água na boca. Assim, ia recebendo presentes de um e de outros, pelo que passou a se vestir melhor, possuindo até relógio. Sentindo-se observada pelos homens quando passava, e invejada pelas moças de sua idade e do seu relacionamento, Antônia tomou ares de importância, tudo indicando que se aproximava o dia no qual encontraria o "chapéu da viagem".

Achando que a casa da mãe nunca lhe poderia oferecer o mínimo conforto, foi morar com sua tia Generosa, do outro lado da ponte, na estrada do Jundiaí, no extremo oposto da cidade.

Joana transbordou de alegria porque a presença da filha moça era um obstáculo imenso às suas pretensões. As coisas financeiramente iam de mal a pior e ela precisava intensificar suas "aulas", meio único — segundo seu raciocínio — que lhe poderia garantir a subsistência e o luxo a que se dava de andar perfumada pois, meninos na faixa etária de dez a quinze anos, exuberantes de virilidade e ávidos de conhecimento desse novo mundo, nunca faltariam e ela, que se considerava uma professora a altura, não poderia falhar.

A ausência de Antônia lhe oferecia de imediato a oportunidade de "trabalhar" dois expedientes e faturar mais de dois mil réis por dia, não sendo necessário alterar o já estabelecido pois, duzentos réis por "aula" estava razoável e seria um ordenado invejado até mesmo pelos empregados da Prefeitura e do comércio local.

Joana prosperou rápido chegando a melhorar sua casa mas, nada de cama. Dizia ela: "Não há perigo de se cair de uma esteira".

E Antônia. Onde andava Antônia durante esses dois anos? Como filho de peixe, peixinho é, Antônia resolve aproveitar o que de graça lhe deu a natureza e mergulhou fundo no submundo da prostituição. Hoje, talvez recorde com saudades o antigo casebre de sua mãe, a rede suspensa pelo meio e presa nos caibros, a esteira enrolada, o

tamborete, o baú sempre vazio, a porta dianteira permanentemente fechada e, quem sabe... até a voz da mãe que dizia: "Bota pó, minha filha, que moça sem pó é como pão sem manteiga".

Mergulho no Passado

José Leiros

Não estando o pensamento subordinado a nenhuma lei do mundo físico, nem ao espaço, nem ao tempo, dou um mergulho no passado distante e vejo Macaíba, vivendo o quarto lustro deste século — coincidentemente o mesmo tempo que resta para seu término.

Recordo Octacílio Alecrim nas festividades de encerramento daquele ano letivo do Auta de Souza, quando ainda de calças curtas, paletó e gravata, gaiola nà mão, dizia o poema "Pássaro Cativo".

Aquele menino simpático, de testa e nariz salpicados de sardas, declamava como gente grande, pois lhe era nato, como o era orador. A sua voz melodiosa e a dicção impecável atraíram logo às primeiras palavras a atenção dos ouvintes. O menino com aquela poesia, arrancou lágrimas de muita gente, o que lhe valeu uma salva de palmas que parecia não terminar jamais.

Dois anos depois fora estudar em Natal e, daí em diante somente nas férias poderíamos vê-lo e privar de seu convívio.

Certa vez, aproveitando sua estada em Macaíba, fui visitá-lo. Sua república era uma dependência da casa de seus pais. Lá chegando, encontrei-o escrevendo. Era uma crônica. Interrompendo, deu-me para ler. Em determinado trecho, lia-se: "e eu não pude conciliar o sono com o cla-cle-cli-clotinar da torneira mal fechada".

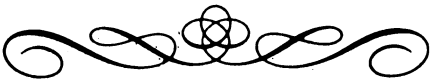
Falava da torneira já gasta, pela qual a água vazava gotejante e ao cair no gargalo do sifão, mudava de tonalidade, à proporção que enchia.

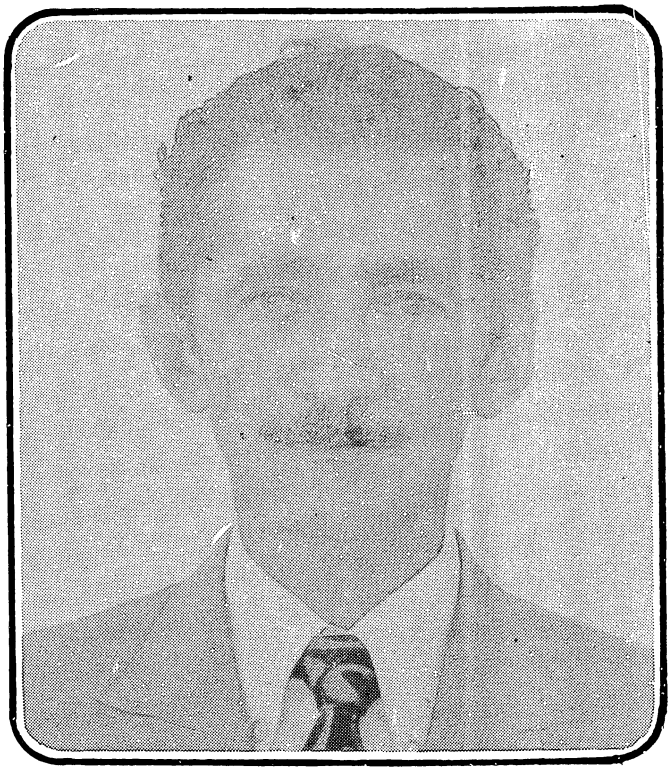
Alguns dias depois, contou-me que fora ao sereno de uma festa dançante que se realizara na residência do major Antônio Andrade, com muita gente de Natal. Mostrou-se o que havia escrito ao voltar da festa, começando assim: "E o piano agachado a um canto do salão, parecia um cágado de ébano a dó-ré-mi-fá-sol-la".

Como intelectual sentia-se carente de espaço. Anelante de amplitude, pois necessitava de alçar vôos mais altos, pois a águia do talento já havia despertado dentro dele. Por essa razão, tão logo surgiu a oportunidade desejada, se fez de viagem para o sul do País, indo fixar residência no Rio de Janeiro, não voltando mais às suas raízes.

Como vai longe o tempo...

Eu cresci, me fiz homem, casei, tenho filhos, netos e bisnetos sem que tivesse tido uma oportunidade de abraçar, mais uma vez, o velho amigo.





JOSÉ MELQUÍADES DE MACEDO, macaibense nato, nascido em Igreja Nova, em outubro de 1925. Fez o curso primário em Macau. Sob a orientação de Dom Joaquim de Almeida, seu tio-avô, ingressou no seminário São Pedro, em Natal, onde concluiu o curso de humanidades do Seminário Menor. Deixando os laços religiosos, formou-se em Direito em Alagoas. Fixou-se em Natal e foi professor de latim. Promotor Público, nomeado pelo então Governador, Dr. Sylvio Piza Pedroza. Político ligado ao antigo PTB, exerceu várias e importantes funções públicas. Escritor emérito, pertence à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e contempla o mundo do topo da pirâmide maçônica.

Memórias de Macaíba

José Melquíades

Nasci no município de Macaíba no ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, de 1925, mas não vou descrever a aqui esse incidente acontecido na desolada Igreja Nova. Estive ausente durante muitos anos e só voltei à terra natal em 1944. Vinha de Macau em companhia de minha avó e bati às portas de um parente próximo e próspero de quem solicitei ajuda imediata. Esse meu parente me deu casa e comida, mas dele exigi um trabalho condigno, que me desse oportunidade de ser honesto.

Isso, porém, não foi fácil, pelo menos no início. Humildemente me acomodei ao santo ócio e tirei disso grande proveito. Um dia chegou a grande oportunidade. No início de 1945, aquele meu parente, de parceria com outro, instalou-se com um pequeno negócio: moinho de Café Continental. Era um grande nome para uma pequena empresa. O Moinho ficava bem no centro da cidade, ao lado do Mercado Público, nos fundos de uma mercearia. Ali comecei a minha efêmera carrreira de comerciante.

A luz da cidade, por esse tempo, era particular e a energia elétrica chegava ao consumidor noturno já bastante consumida e projetava nos lares a luz mortiça dos moribundos. Os quartos se confundiam na penumbra. Acendiam-se as luzes às 18 horas, hora do Brasil, e se apagavam às 23, hora local. Jamais se soube ao certo que fuso horário era esse. Daí por diante tudo eram trevas nas ruas e nos caminhos. Às 10 horas mal se via uma vaca no passeio público e às 20 mal se lia uma ata do grêmio sócio-recreativo da Rua das Virgens. Uma lâmpada de 200 velas surtia o mesmo efeito de uma de dez, nas noites fluorescentes de Paulo Afonso.

O Moinho Continental instalou-se sem grande propaganda comercial, sem uma cerimônia de inauguração sequer, simples e

obscuro como a iluminação local, que afinal de contas nunca alumiou cristão algum que vivesse àquele mundo. Suas modestas instalações arrumaram-se comodamente sobre o balcão da citada mercearia. Por deficiência da eletricidade, o motorzinho que acionava o minúsculo torrador, arrastava-se preguiçoso e os poucos cavalos à vapor que ainda lhe restavam cansavam nas primeiras rotações. Essa indolente operação só se iniciava depois das 22 horas, quando os consumidores de corrente consumiam suas próprias energias físicas e fechavam seus rádios com os dedos calejados de tanto mover o sintonizador e os ouvidos cheios de estranhos zumbidos. Então a energia elétrica, competidora inconsciente, revigorava um pouco e nos permitia começar a faina amarga: o café não tinha açúcar. Às 23 e um quarto tínhamos triturado 50 quilos da rubiácea.

O resto da operação (peso, ensacagem, selagem), procedia-se à luz de velas como se tirássemos as medidas de uma mortalha na cabeceira de um canceroso. Às duas da madrugada, tínhamos 25 quilos de café moído para pronta entrega.

Dormia-se pela manhã e como se dormia mal. Na parte da tarde procedia-se a entrega do produto. O café saía para o mercado em saquinhos de quilo. O importante é que eu estava empregado nos moldes em que desejava minha avó, embora não se definissem corretamente os meus direitos e deveres. As leis do trabalho ainda não estavam consolidadas no compêndio jurídico de Victor Valerius.

Com a pertinácia dos sócios, a empresa se ampliou e a firma se consolidou. Mudamos de local, abrimos novas instalações e foi organizada a contabilidade com o ativo e passivo e as implicações do razão. Admitiram-se novos empregados, definiram a minha função e especificaram o meu ordenado: 40 mil réis por mês. Esse ordenado me deu ensejo de comprar, à prestação, um terno de tropical azul acompanhado de um par de suspensórios cremes, para contrastar. Os suspensórios estavam em grande estilo nos anos da grande guerra. Todo tripulante da Marinha Mercante que desembarcava no cais do porto e desfilava pelas ruas com as calças suspensas até os peitos, exibia essa elegância, que só tinha graça porque os suspensórios estavam na moda.

Já agora o Moinho Continental abastecia de café a cidade inteira. As donas de casa arquivaram os seus tachos. Era eu o seu vendedor com o título de pracista. E, diga-se de passagem, nunca um pracista foi tão eficiente. De Macaíba passamos à praça de Parnamirim. Um dos sócios, homem imaginoso e prático, idealizou um fardamento para cada servidor: macacão azul, de mescla nacional (o homem se dizia nacionalista), um gorro de dois bicos e um rótulo: "Café Continental".

Metido nesse ridículo fardamento arranjei a segunda namorada. A primeira se deixou levar pelo azulão do tropical. O pai fora embarcadiço e ela nasceu num dia de céu sem nuvem. A segunda iludiu-se com

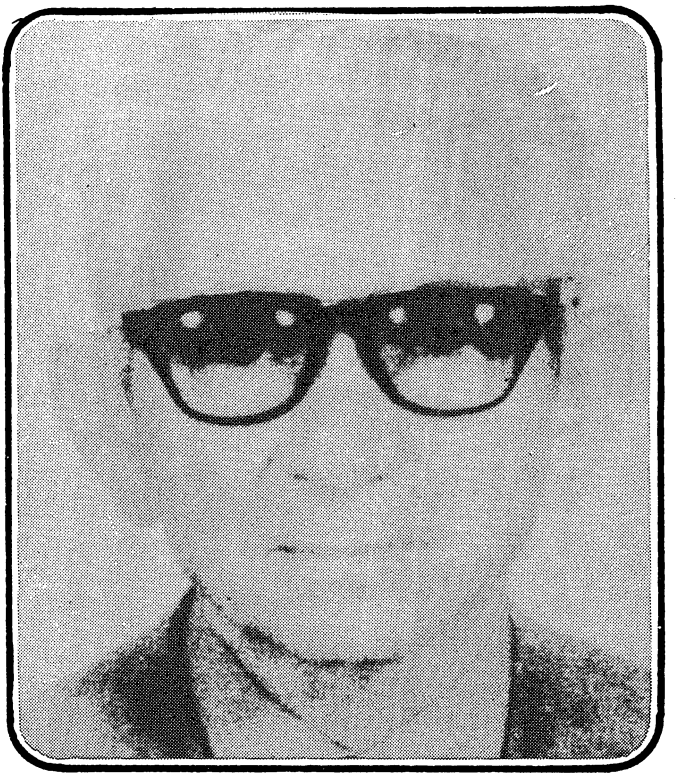
o jibão de mescla: era filha de um vaqueiro. Entre os novos servidores, dois eram presos políticos e cumpriam pena de reclusão, um na cadeia local, o outro a domicílio. O do cárcere, um senhor pardo e magro, de meia idade, era especialista em torrefação e tinha sob sua responsabilidade dois enormes tachos que estavam sempre fervendo sobre um forno à lenha. Diziam os técnicos que aqueles depósitos possuíam a mesma dimensão e a mesma capacidade dos calderões do inferno, reservados a torrar as almas frias que saíram dos corpos quentes. E como se engolia fumaça!

Dormia tranquilo. Sobre a cadeia pública, há um fato digno de observação. O carcereiro, um quinquagenário modesto, tão modesto quanto o sacristão, tinha a fleuma dos ingleses, mas não tinha grandes ilusões. Mantinha-se tranquilo e evitava problemas que pudessem comprometê-lo. Estava sempre em paz com o delegado e o vigário; e o juíz gostava dele. Não alimentava outra ambição na vida presidiária a não ser abrir e fechar o calabouço na hora certa, cerimônia que se celebrava todos os dias rotineiramente, de manhã e de tarde.

Os detentos tinha nele um pai adotivo e ele soube conquistar a confiança do mais frio criminoso. São Paulo não teria feito melhor apostolado. Tanto isso é verdade que nas matinas, quando permitia sair aqueles que tinham prisão relaxada e ganhavam a vida em trabalhos não forçados, antes de liberá-los, reunia-os no pequeno pátio, levantava a voz com autoridade judicial e, tranquilamente, recomendava:

— "Escutem todos: quem não estiver aqui à boca da noite dorme na rua. Não se atrasem. Eu não espero por ninguém. Na hora certa eu fecho a porta e levo a chave. Ouviram?". Todos ouviam-no respeitosos. Às 18 horas, no entanto, os obedientes presos chegavam religiosamente para serem trancafiados em suas celas com extrema resignação. Entre eles encontrava-se o nosso torrador. Nunca uma cadeia pública foi tão privadamente disciplinada. Fazia gosto ter aquele questor como pretor. Como se vivia em paz naquela tranquila Macaíba, embora o resto do mundo se afogasse em sangue e sofresse as consequências da grande guerra. Macaíba estava abandonada ao seu próprio destino. Até o Senhor se havia esquecido dela. Assim foi o meu primeiro emprego e assim era a sede do município que me serviu de berço: uma cidade sem luz, sem Deus, com os presos à solta e muito café derramado pelas ruas e pelos becos.

(Do livro: MEMÓRIAS DE UM EX-SEMINARISTA — inédito)



JOSIAS NOBRE BARRETO, macaibense honorário, onde cresceu e viveu. Filho de Genésio Juvenal Barreto e Helena Nobre Barreto, estudou no Grupo Escolar Auta de Souza, casando-se com Tercília da Costa Barreto em 34. Aposentado, hoje é membro da Igreja Presbiteriana do Natal.

Macaíba que ví

Josias Nobre Barreto

tempo passa, e o correr dos anos traz muitas mudanças. Vem o progresso e altera tudo. Os que, entretanto, viveram em determinadas épocas jamais esquecem as circunstâncias de que participaram, por isso as guardam agradavelmente na memória.

Hoje procuro lembrar como era Macaíba há meio século. Os meios de comunicação eram precários. Os transportes quase inexistentes. Além da lancha de mestre Antônio que subia o rio à tardinha, se detendo por vezes na pedreira à margem, quando era hora de dinamitar pedras, dois únicos automóveis Ford 29 levavam passageiros para Natal. Davam uma só viagem diária, voltando à noite com as mesmas pessoas. Os seus proprietários e condutores eram o mestre Irineu e Raimundo Gomes.

Carros particulares apenas dois, dos senhores Almir Freire e Luíz Cúrcio Marinho, abastados comerciantes. Só mais tarde surgiram ônibus. O primeiro do senhor Antônio Pelado, e depois outro novo em folha do Sr. Torquato Justino. Para estimular a preferência dos passageiros, os proprietários se empenhavam numa verdadeira guerra de preços. As pessoas ficavam aguardando, às vezes passando de um para outro, quando o condutor gritava redução na passagem. Todas as manhãs os veículos paravam na Praça do Mercado, um ao lado do outro, e os curiosos se aglomeravam por perto, para ver quem ganhava a parada. Era uma festa.

Apesar disso o trânsito era pouco. A rua principal ficava quase sempre entulhada de fardos de algodão, vindos do interior em lombo de burros, até que os botes dessem vazão para a retirada. Enquanto isso os meninos brincavam subindo nos fardos, e se escondiam entre eles,

trocando tiros imaginários, como viam nos filmes. E apesar da algazarra, ninguém se importava.

O Porto era uma atração pública. A saída e chegada dos botes, um divertimento. A maré alta possibilitava o acesso das embarcações. Nas noites de lua as águas cresciam, e da ponte podia-se ver as tainhas saltando e mergulhando em seguida, deixando atrás cintilações prateadas. Havia uma figura humana incomparável, o mestre João Lau, verdadeiro "capitão do Porto", de farda e boné, tomando decisões com ordem e licença da Capitania. Nos seus botes seguiam para Natal a carga volumosa, ou traziam de lá o abastecimento do comércio. Homem de confiança, conduzia grandes somas para depósito nos Bancos da Capital, enviados pelos lojistas locais.

Começavam a surgir os primeiros caminhões mistos, vindos do sertão. De São Paulo do Potengi vinha o popular Joquinha, e o alegre e brincalhão Gervásio Mangabeira. Em trânsito por Macaíba paravam obrigatoriamente no Café de Francisco Cúrcio, ponto de encontro também de alguns motoristas, discutindo as vantagens das marcas Ford e Chevrolet, e os modelos Tigre, Gigante e Colosso, recém saídos das fábricas. Lembro de Valdir, Cícero Pessoa, Guilhobel, Turene, Tibúrcio e Gustavo, os mais entusiasmados.

Não havia água encanada. Foi assim um verdadeiro acontecimento, quando Pedro Gomes Advíncula, procedente de outro Estado, teve a idéia de trazer água em canos de barro de sua fabricação, da fonte perene do Araçá, instalando torneiras para barricas e chuveiros públicos, na entrada da Cidade.

Foi um grande melhoramento. Passou a ser "chic" tomar banho de chuveiro. Era comum presenciar pessoas munidas de toalha e sabonete, inclusive senhoritas, fazer filas, aguardando a vez. Bons tempos!

Quem não se lembra do Cel. Joca Soares, homem de posição, agente do Banco do Brasil e do Banco do Rio Grande do Norte. Era ele que cobrava as duplicatas, mandando, por portador, receber no balcão das lojas as importâncias devidas. O portador voltava trazendo na cabeça bacia de alumínio, cheia de moedas de níquel ou metal amarelo de mil réis, tranquilamente, sem perigo de assalto, coisa que não havia. Na Agência as moedas eram acondicionadas em saquitéis de morim, totalizando cada volume "um conto de réis". E sem precisar de carro forte, ou segurança armada, os valores eram entregues no Porto ao mestre João Lau, com destino aos Bancos.

Paulo Nobre, outra figura notável. Professor e diretor do Grupo Escolar "Auta de Souza", educador dos mais conceituados. Mestre de toda uma geração, a quem incutiu o saber das letras e outras lições de humanidade.

Corpo docente do Grùpo Escolar "Auta de Souzâ", ladeando o Prof. Paulo Nobre e as Prof[a]s Melânia e Maria Olímpia, em 1930.

Alfredo Mesquita, líder incontestável, chefe político de muita habilidade, comandava as lutas eleitorais. O Partido Popular e o Partido Liberal movimentavam a Cidade. Os seus partidários faziam intrigas e pirraças de parte a parte, apesar dos guardas civis do delegado Filadelfo Lira.

Paulo Nobre era também o arrendatário do Cinema local, onde procurava, igualmente, servir à comunidade, proporcionando diversão sadia. Quem não se lembra dos seriados O Fantasma Verde, O Vale da Decisão, A Cerca do Ódio, A Moeda Partida, e dos protagonistas Buck Jones, William Desmond, Tomix, Edie Polo e tantos outros.

As cenas eram mudas, e acompanhadas, ao piano, por músicas escolhidas, conforme o desenrolar do filme. Nas sextas, os matutos que vinham para a feira, lotavam o cinema, e faziam comentários engraçados em voz alta. E os impacientes gritavam em altos brados: Está na hora! O operador José Muniz, na cabine, nem se mexia. Porque não começavam? A pianista não havia chegado. Lourdinha Varela e Marina Mendonça gostavam de fazer suspense. Só entravam no último minuto. E quando entravam, atravessando o salão, as palmas estrondavam.

Falar em Lourdinha Varela é falar em Alcides Varela, seu pai. Exercia a função de carteiro, mas tinha outra grande utilidade. Não sendo formado, era entretanto o médico do povo. Receitava, fazia operações, partos, e às vezes funcionava como veterinário competente. Tudo isso de graça, sem cobrar nada.

O doutor Orlando Ubirajara, dentista, era outro grande cidadão. Sempre pontual no consultório, atendendo à clientela. Enquanto esperava a anestesia fazer efeito, entre um e outro paciente, tomava do violino e tocava belas valsas vienenses. E é até possível que a sua música maravilhosa fizesse mais efeito sedativo do que propriamente o anestésico.

Sua esposa, dona Maria Olímpia, juntamente com a outra professora Arcelina Fernandes prepararam com mérito muitas classes do Grupo Escolar.

Outro grande músico era o comerciante Euclides Ribeiro. Depois de trabalhar o dia inteiro na sua loja de ferragens, à noite se pagava dessas canseiras ao piano, executando suaves melodias. Acompanhado por João Dantas e Luíz Marinho noutros instrumentos, davam verdadeiro recital. Nas janelas de sua residência muitas pessoas ficavam horas esquecidas.

Havia também os seresteiros. Nas noites de lua os violões percorriam as ruas, no seu choro sentimental e misterioso. E Edson Silva, soltava a sua voz possante de baritono, entoando modinhas, tais como "Noite alta, céu risonho..."

E Chico "manga rosa", funcionário da Recebedoria de Rendas, no Bar, entre copos de cerveja, recitando sonetos e trechos literários. Seu colega Oscar Paulino aplaudindo com gestos expressivos.

Estevam Alves, homem alegre e comunicativo, muito humanitário, digno representante da fidalguia da Cidade.

Apolônio Lima, muito popular, boa conversa, muita simpatia, com tendência a namorador.

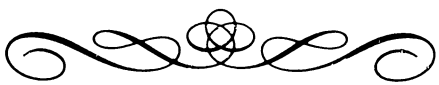
José Maria, gordo, maneiroso, amigo inseparável de Antônio Lucas, da Farmácia, ambos de gênio contemplativo e sonhador.

Antônio Lucas era um bom homem, de uma mansidão extraordinária. Jamais levantava a voz, ou perdia a urbanidade. Era amigo prestativo, para ele corriam os acidentados, para cuidar de ferimentos. Seu auxiliar, conhecido por José da Farmácia, não ficava atrás em boas maneiras. Sempre gentil, quando queria distinguir alguém tratava este por "mister", no seu estilo cerimonioso, entretanto afável.

O Sr. José Augusto Costa, tesoureiro e secretário perpétuo da Prefeitura, e farmacêutico de renome, receitava gratuitamente aos sábados, dia da feira semanal, e vendia, ou dava aos mais necessitados, remédios especiais, por vezes de sua própria manipulação. Homem de vida exemplar, preocupava-se também com a saúde da alma dos seus pacientes, receitando a "Palavra da Vida", o Evangelho de Cristo.

Há muitos ainda para lembrar, desde à figuras populares, com suas esquisitices e manias, à homens de prestígio e equilíbrio, pobres ou ricos, peças-chave da história comunitária. Ficamos, nestes, entretanto.

Uma Cidade não é feita somente de pedra e cal, mas de pessoas que influem no seu destino, e por suas ações são lembradas, e quando estas ações são boas e construtivas, reverenciadas por todos quanto os conheceram.



MARIA ALICE FERNANDES, nascida em Macaíba. Estudou no Grupo Escolar Auta de Souza, onde fez. seu curso primário. Obstetriz, diplomada pela Faculdade de Medicina do Recife. Ex-interna da Maternidade do Derby, em Recife e ex-interna do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de São Paulo, onde defendeu tese. Fundadora da Liga Norte-Rio-Grandense Contra o Câncer, seu currículo nos dá conta de que participou de inúmeros congressos internacionais; que cursou com distinção vários cursos de pós-graduação, destacando-se os cursos feitos na Alemanha e no Japão. É também professora de inglês, formada pela Faculdade de Filosofia do Recife. Portadora de quase uma centena de diplomas e certificados que ratificam sua ascenção no campo profissional; Maria Alice é ainda, um dos expoentes da atividade social no Estado do Rio Grande do Norte, e possui o Diploma de Amigo da Marinha, Destaque da Aeronáutica e foi homenageada pelos vereadores de Natal, com o Diploma de Cidadã Natalense.

Um Político sem Arestas

Maria Alice Fernandes

magnanimidade que se chama também grandeza d'alma, ou firmeza de caráter, é uma disposição nobre e generosa para empreender grandes coisas. Difere da ambição, que é, pelo contrário, essencialmente egoísta e procura elevar-se acima dos outros pela autoridade, pelo "status", ou pelas honras; o desinteresse é o caráter distintivo da magnanimidade, no qual o amigo, Jansen Leiros, se posicionou, prestando um admirável serviço histórico, rememorando personalidades de expressivo conceito social, cultural e político, que marcaram época na pitoresca cidade de Macaíba.

Honrada por ter sido por ela distinguida e, consciente da responsabilidade que assumí, procurarei traçar, cuidadosa e carinhosamente, os dados biográficos do grande patriarca Prof. CAETANO JOSÉ DA SILVA COSTA.

Corria o ano de 1858, quando nasceu meu avô (carinhosamente chamado "pai Dedé"), aos 19 de agosto.

De origem portuguesa — Porto e Açores —, nasceu na rua Grande da Praia, na Vila Imperial de Papari — hoje Nísia Floresta — na então Província do Rio Grande do Norte.

Fez seus estudos primários em Papari, com o Mestre Manoel Laurentino Freire do Alautal Navarro, pelos idos de 1864.

Em 1869, já em Macaíba, recebia o título de Delegado Escolar da 1ª classe do Interior, no Atheneu Rio-Grandense do Norte, em Natal.

Em 1878, foi nomeado pela Diretoria Geral da Instrução Pública para exercer o magistério, o que era um sonho para seus pais, Pedro Nolasco Pereira da Costa e Da. Anna Caetana Coelho da Silva Costa. O título, datado de 13 de janeiro daquele ano, foi averbado às fls. 36 v do 5° Livro de Assentamento Civil.

Oito anos depois, em 1886 (13 de fevereiro), foi nomeado Delegado Escolar, pela mesma diretoria, cujo titular era o Bel. Antônio do Amorim Garcia.

Em 1887, filiou-se ao Clube do Partido Abolicionista Macaibense, ladeando o Pe. José Estêvam Dantas e o Comendador Umbelino Freire Mello. Tornou-se orador eloquente na difusão do abolicionismo. Em plena atividade política. Casou-se, a quatorze (14) de maio com a Srta. Maria Anunciada Botelho Pinto, na Vila Imperial de Taipu. Continuou.

Espírito de escol, em 1888 tornou-se membro do Clube Abolicionista fundado em Natal pelo Pe. João Maria Cavalcanti Brito, a 1° de janeiro daquele ano. Atuante, foi eficiente colaborador do "Oito de Setembro", órgão da imprensa católica, criado pelo mesmo santo-vigário, defendendo a causa dos irmãos-escravos.

O professor CAETANO, como se tornou conhecido, exercia liderança nata. Progressista, a 27 de janeiro de 1889, tornou-se membro do Clube do Partido Republicano Federal, fundado pelo Dr. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão. Em julho do mesmo ano, nascia-lhe o primogênito, José Augusto Costa, em Pirangi do Sul, da Vila Imperial de Papari. Outros filhos nasceram: Maria do Carmo (Carminha), Caetano e Euclides.

Vitorioso o movimento republicano, eclodido a 15 de novembro de 1889, o Dr. Pedro Velho foi aclamado Presidente da Província do Rio Grande do Norte, polarizando as forças políticas do Estado.

Em Macaíba, o Professor CAETANO foi eleito Presidente da Intendência Municipal, sendo assim, o primeiro Prefeito da fase republicana em nossa terra, empossado a 6 de dezembro de 1889.

Prosseguiu.

Religioso por índole, em 1897 integra-se no movimento batista e recebe o "batismo" a 15 de fevereiro daquele ano.

Os ideais de fraternidade, também, gritavam naquele espírito. Em julho — cinco meses depois, ingressa na maçonaria, tornando-se membro efetivo da Loja Maçônica "21 de Março", sob o nº 152, havendo, posteriormente, recebido o grau de Grão Mestre.

Eloquente, figura na história de Macaíba como um de seus grandes oradores, ombreando-se com figuras como Octacílio Alecrim, Aguinaldo Ferreira da Silva e Augusto Tavares de Lira.

Seu discurso em homenagem ao Deputado Eloy Castriciano de Souza, no banquete oferecido àquele republicano pelos ilustres Drs. Pedro Velho e Augusto Severo, tornou-se memorável.

Emérito professor, integrado no programa de difusão da cultura, procurava instruir seus alunos e, mais ainda, planejava melhorar o ensino, tanto que projetou e definiu novo material didático objetivando, através de exercícios dirigidos, melhorar a caligrafia dos alunos que possuíssem letra ruim (disgráficos).

Em setembro de 1901, Prof. Caetano foi nomeado Agente Fiscal do Imposto de Consumo, de 1ª circulação — 2ª secção do Rio G. do Norte, para os municípios de São Gonçalo e Macaíba, cargo em que permaneceu por vinte anos (até 1921), quando foi transferido para a Alfândega de Natal. Diga-se de passagem que no cumprimento dessa tarefa, jamais multou alguém, nem preocupava-se em orientar, ensinando a todos a forma correta de proceder.

Membro fundador do Grêmio Literário "Tobias Barreto", juntamente com seu primogênito, José Augusto Costa, o Prof. Caetano fundou o Clube Musical "Tobias Barreto", para respaldar a criação de uma orquestra filarmônica que se chamou: "Filarmônica Tobias Barreto" com a ajuda do Cel. Manoel Maurício Freire, que doou todo o

instrumental.

Sabe-se que, também ali, o Prof. Caetano exercia uma liderança indiscutível e impunha seu espírito superior. Com seus dezesseis componentes, a filarmônica realizava bailes mensais, de tão alto nível que, apesar das terríveis divergências políticas entre as famílias macaibenses, à época, elas se confraternizavam por ocasião desses bailes e sob a batuta do regente Enéas Hipólito Dantas e a habilidade do Prof. Caetano, esqueciam aquelas diferenças.

Maçon atuante, tornou-se membro perpétuo da Sociedade da Liga Operária Norte-Rio-Grandense, fundada em 1904 (28/02), pelo Presidente Augusto Leite.

Pertenceu a outras sociedades, tais como: Sociedade de Previdência Natalense de Auxílio Mútuo; Conselho da Igreja Presbiteriana de Natal; Sociedade Colégio Americano, onde foi professor de português; Liga Artístico-Operária do Rio Grande do Norte.

Pelos seus méritos, recebeu o título honorífico de "Chefe de Escoteirismo", conferido pela Associação Brasileira dos Escoteiros do Alecrim.

Louvável sua vida, é merecido o registro de que seu notável trabalho educativo frutificou, mudando a mentalidade contemporânea, culminando com a alforria de grande número de escravos, antes de ser editada a Lei Áurea, em 13 de maio de 1888.

De permeio com a sua brilhante vida pública, mantendo um comportamento condicionado à rígidos padrões morais e religiosos, era consciente da responsabilidade pessoal perante a comunidade, onde era considerado o Conselheiro dos grandes líderes políticos. Ativamente devotado à vida que soube fazer fecunda, era dotado de grandeza humana — rara qualidade com quem teve de vencer duros obstáculos para afirmar-se.

Com esta admirável bagagem de sentimentos e qualidades, era o dedicado Chefe de uma grande família, tendo o seu lar enriquecido por quatros filhos: José Augusto, Maria do Carmo (Carminha) Caetano e Euclides e habitualmente reunia em seu lar para o alegre almoço do domingo, todos os seus filhos, genro, noras e netos. Evidentemente, era uma festa na casa grande, realizando-se o lauto almoço, à sombra de uma enorme mangueira, onde todos se recreiavam. Uma nova mentalidade de confraternização de família unida e fraterna foi implantada pelo nosso grande patriarca, traçando e pondo em prática com toda a dinâmica a base fundamental de uma família cristã, vivendo sob as bênçãos de Deus.

Ressaltamos com alegria, que, a despeito de ser um membro ativo da Igreja Presbiteriana, mantinha de 15 em 15 dias um culto

festivo na sua casa e conservava as melhores relações de amizade com o Padre Barreto, Vigário da Paróquia, como também, com as demais autoridades existentes na cidade naquela época.

Uma bela trajetória

M. Alice Fernandes

essaltar a vida de figuras ilustres nascidas em Macaíba, tem sido a tarefa de uns poucos entusiastas da memória conterrânea.

O fato encorajou-me a iniciativa de arrimar alguns dados biográficos de um macaibense ilustre. Aliás, sinto-me à vontade para enfocar a vida de Moisés Marinho de Oliveira, meu irmão, plena de ideais e embasada nos princípios orientados por minha avó, Mãe Nenen, e de Mãe Carminha, que trabalharam seu espírito para vencer os percalços que porventura surgissem em sua caminhada, traçando-lhe as perspectivas do futuro.

Moisés nasceu no dia 17 de julho de 1912, em Macaíba, numa madrugada fria (às 2:50 hs).

Filho de Antônio Marinho de Oliveira, comerciante, e de Da. Maria do Carmo Marinho, compunha uma prole de sete irmãos: Abigail, Maria Alice, Judith, Clarisce, Dagmar e Elizabeth. Batizou-se na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, cujo vigário era o Cônego Estêvam José Dantas.

Os registros paroquiais dão conta de que foram seus padrinhos o tio, Moysés de Oliveira Marinho e sua avó paterna, Da. Izabel Resende de Oliveira (Mãe Bilinha), Feliciano e Júlia Tavares de Lyra.

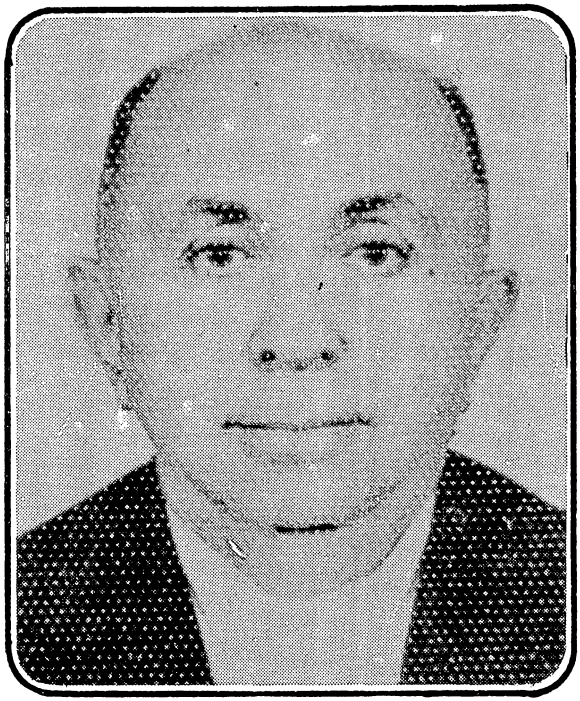
Aos dezesseis anos mudou-se para o Rio de Janeiro, precisamente aos 28 de outubro de 1928, onde vive até hoje. Seu coração, porém, ficou plantado entre as "Macaibeiras".

Em 1937, casou-se com Nazira Albuquerque Maranhão, da ilustre família norte-rio-grandense, cujas raízes estão fixadas às margens do Jundiaí.

O casal teve três filhos: Maria Annunciada, Farmacêutica e Bioquímica, Chefe do Laboratório de Análise do Hospital da

FUNABEM e do Departamento de Medicina Nuclear da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Caetano, Capitão de Fragata (Fn), Comandante do Batalhão de Transportes Motorizado do Corpo de Fuzileiros Navais, com estágio de 2 anos e vários cursos nos Estados Unidos; e João Calvino, tendo se distinguido no Curso Médico, faz a especialidade de Clínica Médica, atuando com dinamismo no Departamento de Medicina Nuclear do Hospital dos Servidores do Estado-INAMPS.

O professor Caetano José da Silva Costa, faleceu a 4 de junho de 1925, sendo sepultado em Natal, com o comparecimento de centenas de pessoas, a presença da Banda de Música dos Escoteiros do Alecrim, acompanhando o funeral e, para provar seu grande valor e o apreço que lhe creditavam os amigos, dois grandes inimigos políticos de Macaíba, jamais vistos juntos em quaisquer circunstâncias, exceto nas lutas eleitorais, quando se impunham suas presenças, superaram suas divergências para levarem o último adeus ao grande amigo: Manoel Maurício Freire e Antônio Andrade de Lima, ladeados e tristes pela perda irreparável.



Moisés iniciou seus estudos primários no Grupo Escolar Auta de Souza, em Macaíba, concluindo-os, porém, no Grupo Frei Miguelinho, em Natal. No Rio, cursou o Frycynet e logo depois ingressou na Escola de Educação Física do Exército, onde cursou, também, técnica de laboratório de material de intendência. Fez a Escola de Intendência do Exército e, posteriormente, a Escola de Aprendizes de Oficiais.

Macaíba continuava em seus sonhos.

Estudioso, cursou a Escola Nacional de Veterinária do Ministério de Agricultura e, a seguir, a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

Dentro dele, porém, o homem religioso começou a despontar. Cursou a Faculdade Evangélica de Teologia e, simultaneamente, especializou-se em Pediatria. Enfim, Veterinário, Médico Pediatra, Pregador Religioso, Intelectual, General de Brigada (ref). Eis nosso macaibense e sua bela trajetória.

No campo literário, destacou-se com seu trabalho: "Sete mil ilustrações e pensamentos" — já na 3ª edição, bem assim, com "Janelas Abertas" — esgotado. Ainda, "Manancial de Ilustrações".

Membro honorário da "The American International Academy" é também Comendador da "Order of Saint John of American" e Membro Honorário da "The Liraty Order of the Firing Squad". Pertence, ainda, à Sociedade Brasileira de Pediatria; à Associação Paulista de Medicina; ao "Centro International de l'enfance"; à "Emeritus Fellow" da "American Academy of Pediatric", finalmente é membro ativo da "The Association of Military Surgeons".

É religioso. Pastor Presbiteriano militante e jubilado.

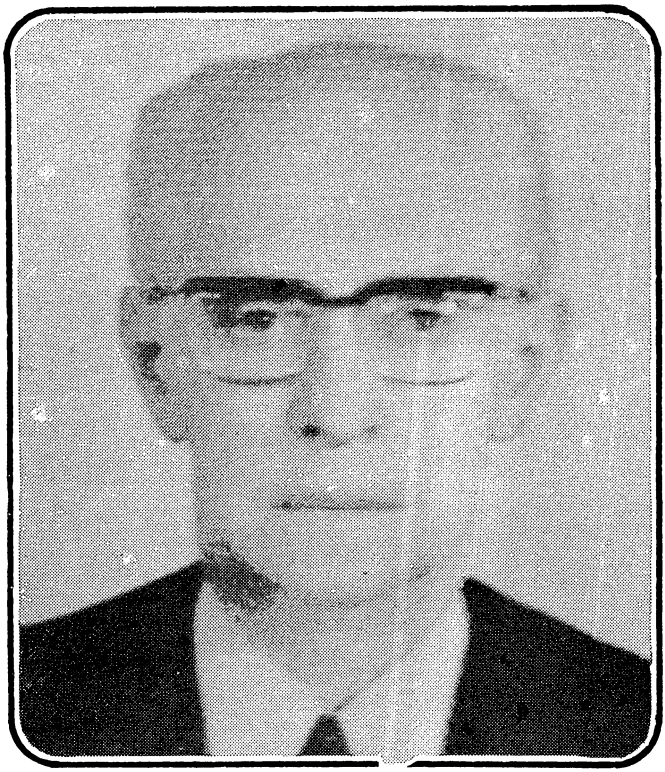
Seu inegável valor resultou em merecidas condecorações, tais como: *Medalha ordem do Mérito Militar, no grau de cavaleiro; Medalha Militar de Ouro (três estrelas); Medalha de Guerra; Medalha do Pacificador; Medalha Maria Quitéria; Medalha Marechal Hermes; Medalha de Comemoração de nascimento do Barão do Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores; Medalha de Comemoração do nascimento de Ruy Barbosa, do Ministério da Educação e Cultura; Medalha Marechal Caetano de Farias, do Ministério da Justiça; Medalha Marechal Souza Aguiar, do Ministério da Justiça; Medalha Anchieta, da Prefeitura do antigo Distrito Federal; Medalha Taumaturgo de Azevedo, do Ministério da Justiça; Medalha do Mérito Rural, do Estado de São Paulo; Medalha do Serviço Florestal, do Ministério da Agricultura; Medalha Cruz de Mérito Izabel, a Redentora, do CTB; Medalha da 1ª Jornada de Serviços de Saúde Aeronáutica; Medalha do I Congresso Nacional de Hospitais, do Ministério da Saúde; Medalha de Ouro, do Instituto do Socorro aos Náufragos, de Portugal; Medalha "The Star and Gross of Academic Honour". dos Estados Unidos da América, Medalha "The war service*

Cross'', dos Estados Unidos da América; Medalha ''The memorialCross'', of The National Gressk-American Legion; Medalha Silver Academic Palms of the International American Institute.

Saudosista, não consegue esquecer as raízes e, por auto-eleição, constituiu-se embaixada perpétua de Macaíba, no chão do Rio de Janeiro.

Como o saudoso Aloísio Moura, seu amor pelo solo berço é telúrico.

Merecidamente, Moisés figura na galeria dos filhos ilustres de nossa terra.



MENEVAL DANTAS, nascido em Macaíba em 08 de julho de 1911, filho de Virgílio Otávio Pacheco Dantas e Da. Maria Terceira Dantas, fez o curso primário no Grupo Escolar "Auta de Souza". Seu curso superior, fê-lo na Escola Superior de Agronomia da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Jornalista, foi redator de O GLOBO, dos DIÁRIOS ASSOCIADOS, de A NOITE e do JORNAL DO BRASIL. Foi diretor do Instituto do Sal e do Instituto Brasileiro do Café. Escritor, publicou "Desembargador Virgílio Octávio Pacheco Dantas" e tem no prelo: "Macaíba-imagens, sonhos, reminiscências" de "Homens e Fatos".

...Também vou cantar a minha

Meneval Dantas

Nasci em Macaíba e isto me satisfaz plenamente como o meu lugar no mundo. E dela, como acontece costumeiramente, com a maioria dos jovens sonhadores de regiões onde os meios de vida própria são insuficientes para todos, emigrei há 42 anos, premido por motivos de ordem sócio-econômicos, semi-analfabeto, cheio de esperanças e muita fé no futuro que me parecia de muitas grandezas. Nada mais nada menos do que um condicionamento espiritual dos que assim pensam e procedem aos 21 anos de idade, deixando o que é seu em busca do que é dos outros, na convicção de estar fazendo uma boa troca.

O ser humano é, patologicamente, ambicioso e, por isto, não é apenas justo que não se conforme com o que é e tem, mas necessário que sempre aspire, em tudo, um pouco mais, como condição normal de progresso e mesmo sobrevivência. Embora poucos consigam, ainda assim, sobretudo fora de seus rincões, concretizar as esperanças mais objetivadas, ficando, porém, aos vencidos pelas decepções e fracassos, tão só o aconchegante porém já inútil lamento de não mais poder juntar, à experiência de hoje, as energias e o entusiasmo dos anos da juventude que se foi irreversivelmente. Uma consequência natural do fato de só se estimar com exatidão o que se perde.

Sinto-me equidistante de ambas as posições. Não cheguei a deputado, senador, governador, ministro de Estado ou presidente da República, como aconteceu com diversos dos meus companheiros de há 42 anos atrás, que o foram ou o são, não obstante continuarem primários em letras, como quando emigraram, mas não fracassei como tantos outros, aos quais faltaram elementos que lhes proporcionassem um nível de vida mais condigna com os seus merecimentos. O meu

grande objetivo foi sempre saber ler e escrever e isto aprendi. Bem ou mal não sei, dada a limitação do Campus Sapientiac, mas leio e, tudo que assino é mesmo escrito por mim, o que nem sempre acontece com alguns que conheço. Já é o bastante esse escrúpulo e se ter consciência das limitações do que se sabe e que elas só e ampliam na proporção do que se aprende.

Na época em que, quem tinha um só olho era rei em terra de cego, um mestre, ingênuo e bom como um santo, interpelado por discípulos que desejariam saber por que lhe chamavam de sábio, respondeu-lhes: "é porque sei que nada sei". Um outro sábio em fases menos distantes, em um momento de nostalgia e derrotismo, ao relembrar sua terra natal ou dela se aproximar, não estou certo, confessou-se satisfeito em morrer depois de vê-la, como se isso fosse a maior compensação ou a melhor das graças que dos Céus pudesse obter.

No conceito do primeiro, vi sempre o exemplo a imitar e seguir, para que se tenha de nossas possibilidades a dimensão exata; e a imagem perfeita dos pobres de espírito a que de início me referi e que se tornam pontificadores através de aprendizado feito na leitura de manchetes de jornais ou na audição de notícias de última hora pelo rádio. E, na exclamação do outro, lamento não ter ele conhecido Macaíba para como eu, cada vez que a visse, desejar viver também sua existência. Sim, leitor amigo, porque só um sonhador em desespero, ainda que sábio, desconhece que o mundo inteiro não vale a Terra em que nascemos e vivemos a nossa infância e é, por isto mesmo, capaz de trocá-la por alguma coisa, mesmo a morte, como remédio final para os seus males.

A felicidade é um estado de espírito, consequente da conformação do homem com o que é e possui, seja muito, pouco ou nada. É como me sinto sempre que retorno à minha pequena Terra Natal e com saudades reencontro os ambientes da minha meninice e recordo os companheiros da época, já escassos, inclusive as garotas por quem me apaixonava, entre as quais sempre destaco duas. uma pelas rebanadas que me dava e recados que me transmitia, informando que não queria namorar comigo porque eu era muito feio; e outra pelas atenções que me dispensava e pelo bem que me queria.

Enquanto sua ausência me recorda, constantemente fatos, pessoas e coisas que, por vezes, apesar do meu temperamento impulsivo, tornam-me um saudosista, e, como numa tela imaginária passam à minha frente, entre os outros espisódios, os **dramas** realizados pela professora Arcelina Fernandes, as festas de Nossa Senhora da Conceição, os banhos nas lagoas e açudes dos arredores da cidade, os passeios escolares, os bailes improvisados, as tertúlias nas residências amigas, as lindas e românticas serenatas em noites de luar encantador, o parnasianismo do Jundiaí eterno, procurando a perfeição de suas

formas; e até mesmo as degradentes lutas políticas em favor de bons patifes.

Em Macaíba, nasceram figuras que se destacaram em diversos setores sociais do País e fora dele, como Augusto Severo na aviação; Auta de Souza e Henrique Castriciano na literatura; Augusto Tavares de Lira na política e como historiador; Otacílio Alecrim que, no mundo das letras, se destacou dos seus pares em Natal, Recife, Rio e até no Exterior; e deu Elói de Souza — filho adotivo, pois ali chegou aos primeiros anos de idade — na política. Foi a unidade do Estado que maior número de generais deu ao Exército, destacando-se entre eles, no mundo político, Aluízio Moura, e, no da cultura e da religião, Moisés Marinho, também médico civil, teosofista e presidente do Conselho Evangélico de Educação Presbiteriana do Brasil. E ainda Joaquim Cabral e Lourival Araújo.

A minha cidade registra também o pioneirismo de dois fatos históricos de repercussão nacional, embora os beneficiados com os seus efeitos ou mesmo os que dele têm apenas conhecimento, ignorem as suas origens: o trabalho feminino no Comércio, implantando no início da terceira década deste século por Francisco Campos — Seu Campos, como era conhecido por todos — que, enfrentando os preconceitos sociais, dava o exemplo com a esposa e quatro filhas trabalhando em seu estabelecimento comercial. E a instituição do voto feminino, pois, apesar das controvérsias, foi ali que um juíz, Virgílio Dantas, pela primeira vez no Brasil qualificou uma eleitora e, consequentemente, uma mulher, Maria Terceira Dantas, adquiriu o direito de voto. A segunda foi Júlia Barbosa, em Natal, e a terceira, Celina Guimarães Viana, em Mossoró.

Visitando alguns velhos conhecidos, passei ontem por diversos logradouros de Macaíba, onde vivi há tantos anos. Como me achei distante do seu presente e tão próximo do seu passado. Diante de suas imagens históricas, inclusive a Igreja Matriz, injustamente abandonada pelos fiéis e pelo vigário, cheia de morcegos e corujões, depredada, quase em ruínas, e das venerandas e encanecidas criaturas que revi, senti uma profunda sensação de humildade e estranheza. Quantas saudades senti, à lembrança daqueles tempos!!! E quanto desejei que, ao menos naqueles instantes, eles voltassem. E é por isso que, se todos cantam sua Terra, também posso cantar a Minha. É uma compensação que, se não consola ou conforta de todo, exalta e enobrece aos que amam com fé e orgulho a Terra em que nasceram.

O Traslado dos Nossos Grandes Mortos

Meneval Dantas

Era pensamento meu, desde o início deste ano, promover campanha junto às instituições culturais e às autoridades norte-riograndenses, no sentido de se trasladar para o solo potiguar, os restos mortais dos seus filhos, destacados pelo mérito que antes revelaram e hoje esquecidos, em paragens longínquas.

Desses, ao que sei, um apenas, Augusto Severo, "em um belo mausoléu" oficial, no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro, mas admitindo eu que, se lhe fosse permitido, optaria pela continuação de seu descanso às margens do rio Jundiaí, na Terra que lhe impôs o ser e que, compensando todas as riquezas materiais, teria o grande orgulho dos potiguares, sobretudo dos nascidos em Macaíba ou que nela vivem como tais, por terem no mesmo repouso eterno esse vulto de que tanto nos envaidecemos.

Outros, sem mais família sequer distante, que por eles se interesse, jazem em túmulos abandonados, como José da Penha, em Fortaleza e que de há muito deveria estar em Angicos, onde nasceu; Alberto Maranhão — duas vezes governador do Estado e um dos quatro maiores que já teve o Rio Grande do Norte —, em Parati, quando em Macaíba, seu rincão natal, é que deveria estar, na sua morada derradeira; e mais, dessa cidade, Henrique Castriciano, nascido na Rua do Porto e Elói de Souza aí residindo desde os três anos de idade; João Batista de Vasconcelos Chaves, "emérito professor de Direito e destacado penitenciarista, nascido no Ferreiro Torto"; Augusto Tavares de Lira, homem público de grande projeção nas letras e no mundo político do País, ainda sob cuidados de seus familiares sobreviventes; e Amaro Cavalcanti, de Caicó, sendo que destes cinco os três primeiros sepultados em Natal e os dois últimos na cidade do Rio.

De José da Penha e Alberto Maranhão eu e a minha mulher visitamos as sepulturas em outubro de 1980. Estavam no mais deplorável estado de abandono, quase em ruínas. À vista do que e nessas chocantes lembranças inspirado, foi que tive a idéia de começo indicada. Não obstante muitos dos potiguares já mortos, que longe do Estado foram grandes e poderosos e ilimitado número de ainda vivos que o são, para ele só terem vivido de costas ou para o mesmo se virado apenas quando para explorar politicamente a sua gente, abusando até da fome dos que não têm o que comer e da miséria dos desamparados, exatamente como ocorre nos dias em curso.

Em tal estado de espírito, vislumbrei no horizonte do plano em exame, luzes cadentes, vindas de uma estrela da Constelação macaibense, para estimular o encéfalo e iluminar à retina dos que agora, nem nunca, jamais recordaram ou enxergaram, como ela viu e lembrou os que tanto merecem o nosso apreço e a nossa solidariedade, sobretudo quando, para os sem memória, daqueles restam para serem lembrados e vistos tão somente os ossos.

Foi quando em minha residência, no Rio, há seis dias passados, Amibel de Paiva, macaibense de quatro costados, chegou **chateadíssimo**, com dois recortes de jornal que informavam o desfecho de uma iniciativa de Odiléia Mércia da Costa Mesquita, prefeita de Macaíba, visando trazer para um mausoléu a ser construido nessa cidade, os despojos mortais de Augusto Severo, o inolvidável astronauta macaibense. E que, embora de começo, em conversações pessoais, diretamente conduzidas pelas duas partes interessadas, acolhidas com o máximo de cortesia para consulta entre os Severo, surgiu a resposta, inesperadamente quatro meses depois, na Imprensa desta Capital, com um certo timbre de descontentamento e de intranquilidade por parte dos consultados.

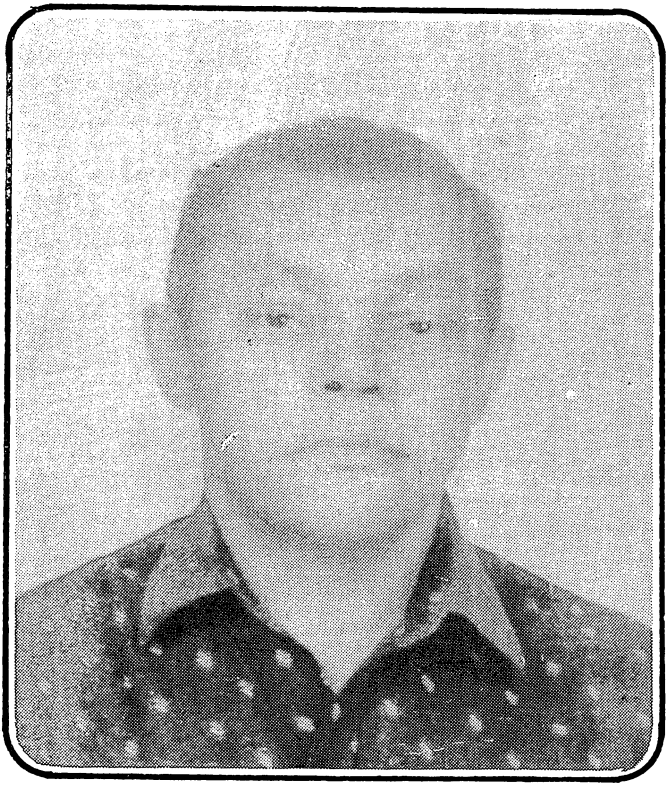
O episódio poderia ter tido fim como se iniciou, discreta e amistosamente, pelo menos à vista da nobreza e do alcance patriótico do gesto de Odiléia Mesquita e à conta da pureza das convicções espirituais e do conceito de piedade cristã de que é dotada Madre Berta Maranhão, a quem conheço pessoalmente da Congregação Santa Dorotéia do Brasil, na Rua do Bispo, no Rio de Janeiro; e do gabarito da inteligência e dos conhecimentos do professor e escritor Augusto Severo Neto, do qual, com imensa satisfação li, há bem pouco, o livro — De Líricos e de Loucos, também como referências ao meu irmão Morvam.

Rui Barbosa e Epitácio Pessoa vieram e se projetaram no Rio e estão enterrados onde nasceram — o primeiro em Salvador, Bahia; o segundo em Umbuzeiro, Paraíba; Nísia Floresta residia na França havia meio século e, sepultada em Ruen, veio para a sua clausura definitiva na

cidade que tem o seu nome; o bravo Djalma Maranhão, falecido no exílio, em Montevidéu, descansa no Cemitério do Alecrim, nesta capital.

O índio fiel à sua estirpe, não deserta nem esquece os seus comparsas e ama eternamente à sua maloca. Mesmo depois de morto devolve à argila de origem, quando nada a carcaça, mesmo desmontada, na impossibilidade de outras compensações do seu dever. O incidente histórico foi profundamente lamentável para ambas as partes e decepcionante para o nosso Povo.

De um lado um homem respeitável e uma Santa, do outro a exata percepção do cumprimento do encargo cívico de uma jovem prefeita, não compreendida na sua iniciativa bairrista — por excesso de zelo e de amor, sem dúvida —, por aqueles a quem ela quis homenagear, no convencimento certo de que os túmulos mais imponentes de todos os suntuosos cemitérios do mundo, não valem para ela, como para mim também, aborígenes que somos da mesma Aldeia, os sete palmos de terra da mais humilde "cova rasa", do Cemitério de São Miguel, de Macaíba.



NAZARENO NELSON DE ALMEIDA, nascido em Macaíba a 4 de dezembro de 1923, filho de Francisco Manoel de Almeida e Maria Augusta de Almeida. Autodidata, incursionou no campo da poesia, tendo alguns de seus poemas publicados na imprensa natalense. Tornou-se professor de língua inglesa e transferiu-se para Natal na década de 50. Hoje, é funcionário do INAMPS, lotado na Coordenadoria de P. de Saúde Individual.

Reminiscências de Macaíba

Nazareno N. de Almeida

De Macaíba, vou relembrando aqui algumas saudosas coisas das milhares que guardo no arquivo da memória: a casa onde nasci, na antiga Rua Nova, meu pai, à noite, contando capítulos da história de Carlos Magno, e estórias interessantes de sua infância e juventude, incluindo, também, suas aventuras de músico na Banda de major Andrade.

Ainda alcancei essa Banda, quando seu mestre era Luís Marinho de Carvalho, um homem bom, competente músico, o mais exímio trompetista da região, na época.

Aquela filarmônica viveu por algum tempo ainda, sob a batuta do respeitável mestre João Viterbino de Leiros, que, além de outras habilidades, tocava tuba, era compositor, e famoso cantor sacro. O citado mestre era avô do inteligente Dr. Jansen Leiros.

Parece que estou ouvindo o dobrado "Humaitá", de autoria do mestre João Leiros, enchendo as ruas com as semicolcheias agudas e saltitantes do pequeno trompete de Luís Marinho, quando a Banda subia a ladeira da Rua do Cemitério, para o jogo inaugural do time "Humaitá", que seria com o "Ás de Ouro F. C.".

O dobrado "Humaitá" foi uma homenagem do mestre Leiros, ao time festejado. Mas, em pouco tempo, a Banda silenciou para sempre, e o time pendurou as chuteiras. E Luís Marinho prosseguiu com seu instrumento e sua voz, abrilhantando as festas religiosas e profanas. Pois também era um excelente cantor.

Sempre que ouço a valsa "Boneca", de Benedito Lacerda, lembro-me do fim da festa do casamento de Nininha, a minha irmã mais velha, na madrugada enluarada de 11 de dezembro de 1932, quando

Luís Marinho, descendo a Rua Nova, ainda para deleite dos convidados que o seguiam, ia tocando aquela belíssima valsa.

Ele também compôs uma música homenageando um time local: foi a "Marcha Cruzeiro". Era ela quase toda em semicolcheias. Só ele a executava com perfeição.

Por falar no "Cruzeiro F. C.", há quem pense, talvez, que o nome cruzeiro é a repetição do nome daquele time mineiro. Não o é.

Pedro Camarão, ex-goleiro do extinto "Humaitá", voltando ao Sul, com mais experiências no futebol, reuniu alguns amigos e fundou um time, improvisando o respectivo campo, próximo a uma cruz que marca o local onde uma mulher fora morta pelo marido, há muitos anos. Então, quando a turma ia treinar, dizia, referindo-se àquela cruz: "Vamos ao campo do cruzeiro!". E o nome pegou.

Quando houve mais interesse por parte dos que podiam, o time se mudara para o antigo campo do "Humaitá", por trás do cemitério. Eis a origem do nome do principal clube de futebol de Macaíba, que tem hoje seu estádio no "Parque José Varela".

Prosseguindo com as minhas recordações, revejo na tela da mente o fandango do Barro Vermelho, com suas danças bem ensaiadas, o Calafate e o Gajeiro, com suas vozes agudas e afinadas, o Ração e o Vassoura fazendo seus gracejos, e os marujos em suas cantigas, narrando a história da Nau Catarineta.

O Pastoril do "Trinta e Cinco", com seus 2 cordões bem aplaudidos, o "Velho Faísca", dando realce às jornadas com seu humorismo, e as pastoras ofertando flores artificiais aos seus torcedores.

As noites de São João mais bonitas e mais animadas que as de hoje.

As festas de Natal e Ano Novo, com botequins de palhas de coqueiro, roletas girando, jogos de caipira, o popular Manuel Batata, irmão de Joaquim Inhame e Chico Macaxeira, apregoando sua gelada de abacaxi e de maracujá, o carrossel do velho Chico Benedito, sempre animado por um fole, um cavaquinho e um pandeiro.

Dos carnavais, quero lembrar apenas o último clube de manobra que houve em Macaíba, o Vassourinhas, com seus 2 lestos balizas, Cape e Zé da Penha. Foi nesse Clube que papai tocou sua clarineta em público pela última vez.

Recordo, agora, as serenatas. Que doce enlevo sentíamos, às vezes, acordando alta noite com a voz enternecente de Sebastião Mero, as modulações clássicas do violão de Nestor Lima, e o solo maravilhoso do bandolim com afinação em MI — SI — SOL — RÉ em vez de MI — LÁ — RÉ — SOL, do grande Chicó Pequeno.

Avançando um pouco no tempo alcanço minha idade de jovem, na época da Banda de Música do saudoso José Porfírio da Silva (Zé Fincão), cujos ensaios iniciais, tiveram minha participação.

Muitas coisas memoráveis, importantes, ocorreram nesse ditoso período, mas não as registro aqui, por falta de espaço.

Retorno em pensamento ao meu tempo de menino e vejo a velha Ponte, por onde eu passava quase todas as manhãs, cedo, para ir comprar pão na padaria de Zé de Melo, e que um dia, vi com tristeza, as águas furiosas derrubarem-na, e logo cobrindo seus escombros, para mais calmas prosseguirem indiferentes ao tão monstruoso dano causado. Também não esqueço a grande euforia que senti ao passar pela primeira vez sobre a ponte nova recém-construída.

Relembro, agora, cheio de saudade, uma das coisas mais belas da Macaíba dos meus tempos idos: o som do sino da Matriz. Não há, talvez, outro sino de som tão lindo! Nem mesmo na Basílica de São Pedro, no Vaticano. Como era gostoso acordar de manhã, com seu badalar mavioso, convidando os fiéis à devoção! Quem não gostava de ouvir seu alegre repicar nas festas, ou anunciando a ida de mais um anjinho para o céu. Porém, toda a cidade se enchia de pesar com as suas badaladas de sinal dobrado, avisando o falecimento de alguém.

Para finalizar esta série de reminiscências, evoco com tristeza os dois eventos mais lamentáveis da história da minha Cidade: a demolição do sobrado de Torquato Justino, onde nasceu o imortal Augusto Severo, e o desaparecimento, também, do casarão que viu nascer a nossa venerada e inesquecível poetisa Auta de Souza.

NÍDIA MESQUITA, macaibense nata, filha do grande líder Alfredo Mesquita Filho e de Dona Nair de Andrade Mesquita. Fez seus estudos na Escola Doméstica de Natal. Apreciadora da boa leitura. Na adolescência conheceu A. J. Cronin, M. Dely, Leandro Duprat, Saint Exuperrry e Érico Veríssimo. O gosto pela leitura e pelas coisas do espírito, foi-se aprimorando paulatinamente, sendo hoje, seus autores preferidos, Marguerite Youcenar, Hemingevay, Fernando Pessoa, Bandeira e Herman Hesse. Hoje empresária bem sucedida. É figura ilustre da sociedade norte-rio-grandense e pessoa de brilhante e profícua atuação política no vizinho município de São Gonçalo do Amarante, onde é proprietária rural, bem assim, figura ligada à cúpula partidária do P.M.D.B. estadual.

Minhas Raízes

Nídia Mesquita

screver sobre Macaíba é voltar ao passado, indo em busca das minhas raízes. Redescobrir alegrias e sonhos, revisitar a paisagem, o rio, seus mangues, rever imagens, em que vejo reflorirem a minha infância e adolescência.

Eu amava apaixonadamente os campos nos arredores de Macaíba, os longos passeios de charrete, e acima de tudo montar a cavalo, esporte que até hoje pratico com alegria renovada.

Neste passado que volta, revejo a casa onde nasci e cresci, e retornam tantas coisas!... Revejo as rosas, as dálias, as damas da noite, jardim amplo, cheio de árvores, a "Minerva" lá, guardiã de quase um século. Os jasmineiros no portão, os bogaris que enchiam as noites de perfume tépido e aconchegante.

As lembranças voltam e se renovam e reencontro meu pai, meu tipo inesquecível. Ele é em mim, até hoje, uma presença permanente. Sua forte personalidade, seu amor à terra e ao seu povo, seus gestos largos, ajudando sempre os pobres e humildes. A distribuição farta de pães e peixes, nas sextas-feiras Santas. Macaíba é para mim, essencialmente o passado, papai, mamãe, a casa grande, os políticos. Senador Georgino, Dr. Sylvio Pedroza, Gov. José Varela, os caciques do P.S.D., meu irmão, nos intermináveis torneios de futebol, com os meninos pobres da cidade. Já despertava nele o "cheiro de povo", que cultiva até hoje, como meu pai.

Comícios, gente, foguetões. Nasci, cresci e vivi, vendo e sentindo a política. A vida sem pressa, nos encontros nos fins de tarde, a procura de um tempo perdido à imitação dos devaneios de Marcel Proust.

Os tipos populares da minha cidade, criam vida na minha imaginação, "Chiquinha come coco", "José Velho", "João do

Brejo", "João Lau", marinheiro de longo curso, "Sérgio", alcoólatra, alma boêmia, coração imenso e frágil, que se escondia da vida, em pileques homéricos e frequentes. "Maria Cabral" na sua loucura, cheia de enfeites e fantasias.

É sentir-me embalada pelos cantos remanescentes das paixões da adolescência; é retornar a lembranças que me refazem das feridas, como dizia "Goethe": "quando de um mundo mau eu não sentia o espanto".

É incrível a força da lembrança. Ela enche os espaços da minha memória.

Macaíba do meu tempo, reinando entre a capital e o sertão, sob o signo das águas lentas do Jundiaí, que vai lá longe encontrar o leito do Potengi para chegar a Natal.

Essa aliança das águas tem influído sobre os hábitos dos macaibenses, fazendo-os convergir para a capital, não deixando, no entanto, de retornar às suas raízes.

Festa da Padroeira, Nossa Senhora da Conceição, barracas, rainhas, folguedos. São João na roça no "Pax Clube", fogueiras, balões, os amigos de então, Gutemberg Marinho, Sônia, Jansen, Climene, Quinha, Zélia Freire, Zilma. A vida foi nos separando a todos, levando-nos a rumos diferentes.

No interior de Macaíba, tínhamos nosso refúgio, a Fazenda Uberaba, banhos de açude, pescaria, vaquejadas, queijo fresco, os forrós em chão batido, o convívio com os caboclos, gente simples e humana, as longas cavalgadas na alegre companhia das filhas do "Seu Formiga", o vaqueiro.

Deixo as lembranças de lado, elas são como uma viagem de ida e volta. São coisas que vivi e que sonhei, revivendo intensamente, são folhas amarelecidas.

Macaíba, minha cidade, meu tronco, minhas raízes, à sua sombra vivi minha infância e adolescência, nela sepultei meu pai, calcinei minhas lágrimas sob seu sol, enterrei muitos sonhos, renovei minha força e alimentei meu espírito.

ODILÉIA MÉRCIA DA COSTA MESQUITA, circunstancialmente natalense de nascimento, macaibense criada e vivida na Princesa do Jundiaí, com aniversário a 26 de abril.

Fez o curso primário no "Grupo Escolar Auta de Souza". Secundário e colegial em Natal. Bacharel em Ciências Sociais pela UFRN. Detentora de vários títulos, seu "curriculum vitae" é rico em certificados de cursos e seminários, entre os quais se destaca o II Ciclo de Extensão sobre Aspectos da Conjuntura Econômica Brasileira (EMFA/ESG), no Rio de Janeiro e o Ciclo de Extensão sobre Progresso Tecnológico, também da ESG-Rio de Janeiro. Hoje, Prefeita Municipal de Macaíba, com administração profícua.

Macaíba: Geografia Humana e Sentimental do Meu Tempo

Odiléia Mesquita

e longe eu vejo melhor a minha aldeia", disse Fernando Pessoa. Como eu poderia descrever Macaíba, vendo-a tão perto, como luz do meu olhar? Dentro, ainda, vivendo ainda, do seu coração! Não sei se preferiria a abstinência da escrita, para não ter de me magoar pelo que faltou.

Macaíba é um capulho em floração infinita. Menina inquieta, adolescente, sonhadora, dama fidalga, símbolo da força dos seus filhos. Ligar lembranças dela, é o mesmo que reviver os mais doces e os mais fortes momentos de uma vida. Em relance chega tudo, explodindo em cores dos "flamboyantes" que ornavam em copas a Praça Antônio Siqueira, nos idos de 60.

A serenata do verão era feita pelo rádio do Sr. Alfredo Almeida que, subindo a rua Pedro Velho, parava em cada pé de "ficus", dividindo com todos o enlevo das canções.

Nas noites de chuvas, o canto se fazia pelo murmúrio das pedras e seixos que desciam nas torrentes barrentas d'água que despencavam das ruas Areia Branca, Alto da Raiz e Barro Vermelho. Zunindo ao pé da calçada, rolando em pinotes, cantando rua abaixo, "vou chegando, vou passando...", seguia rumo a maré.

Acostumei-me a ouvir a melodia matinal dos currais e quintais das ruas do Cajueiro, Nova, a caminho do Alto da Mangueira, onde ficava o sítio de papai. A sentir o cheiro do café torrado em casa, escapulindo pelo bico da chaleira. Aguardar, no céu, o ramalhete de estrelas que, às quatro e trinta, começava a sucumbir ao dia. As ruas de subúrbios, sem calçamento, sem luz, sem água, onde casas desalinhadas como cordão de pastoril pela madrugada, eram a mais linda avenida. E que maravilha, encontrar o sol chegando, ao mesmo tempo que eu, nas

mangueiras e cajueiros. Sentir a compressa macia do orvalho na terra, sob os pés descalços. O universo todo era Macaíba...

Como não resguardar, o gingado de Maria Cabral? As suas mantilhas coloridas, seu cabelo preto e comprido balançando sobre a cabeça ornada de um grande malvão vermelho... Ah, Maria Cabral, nunca mais ouví nenhuma zanga igual a sua! De dedo em riste, pisoteando pra lá e pra cá na calçada, enquanto desaforos enchiam o ar, descarregava maldição sobre a meninada moleque que fazia mangação. Que vaidosa eu ficava, quando você dizia que eu era educada, porque não a maltratava. Quantos caminhos de alecrim não ganhei... (Os que trazia nas mãos fazendo rezas).

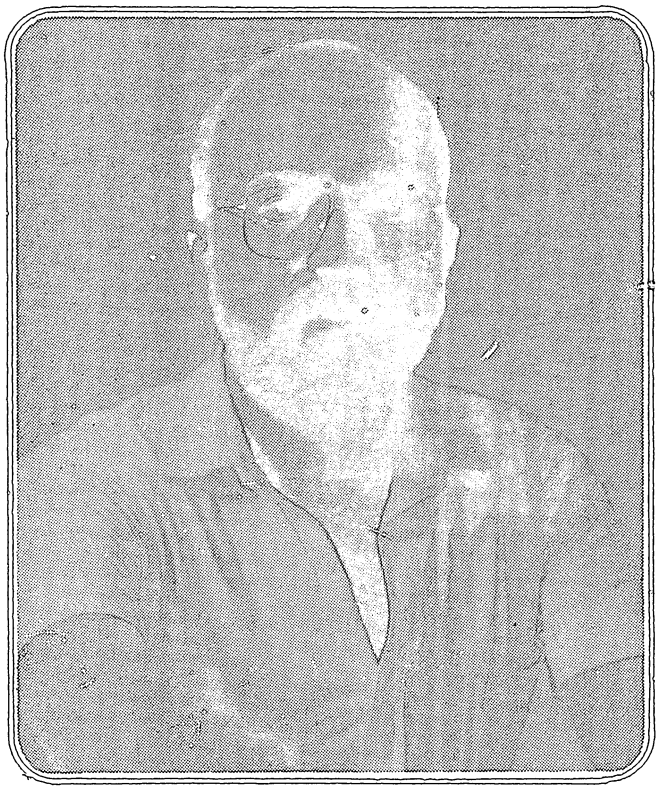
Ficar ao batente da porta de casa, era assistir um sem fim de artistas, naquele grandioso circo da infância. Desfila Aída, com seus goiamuns, siris, aranhas, envolvidos em cera de abelha. Descem em balaios tamarinas, pitombas, seriguelas, goiabas... Passa Dão, vendendo pão com seu refrão: "Pão... Pães... pão fresquinho"; seu Manoel empurrando o carro do Munguzá. À noitinha, Sérgio, o cabeceiro boçal, sobe trôpego, cantando pelo meio da rua, a sua Baratinha, enquanto seu Hernesto do Vilar, o mais cavalheiro "botador d'água", cedia seus burros para um passeio divertido. E, lá vem Sabiá... baixinha, magrinha, capenga, enfeitada com mil quinquilharias, anéis em todos os dedos, esmolando não alimentos, mas brincos, vestidos, colares.

Macaíba, na pedra, as ruas largas da João Pessoa, N. S. Conceição, Pedro Velho e da Cruz, onde árvores sombreavam o passeio e, em tempos, bordavam-nos de bolinhas. No tijolo e cal, em quadro vivo, a espaçosa casa de Auta de Souza, a cadeia de paredes desbotadas, a Igreja Matriz, os restos fantasmagóricos do Ferreiro Torto, o corêto... em cada pedacinho, um pouco do sonho.

Como explicar à minha filha a honra que tive, de ser protegida pelo mesmo teto que abriu Auta, sem poder oferecer-lhe o mesmo? De ficar à janela, me avizinhar às paredes e cochichar atrás das mesmas portas que assistiram os suspiros, a dor, as lágrimas e desesperanças da nossa poeta maior? Escrever as primeiras frases, ler a primeira cartilha como aluna da Escola Auta de Souza, na casa da própria Auta. Decorar e recitar poesias sob mangueiras que se escoravam ao alpendre festivo. Partilhar do canteiro esquecido, onde outrora o perfume do jasmineiro espargia suavidade nos momentos mais tristes da pobre Auta. Imaginava, às vezes, já mocinha, se ela não fora feliz por tanto amor. Quantos não lamentaram, gritando em silêncio, quando assassinaram, derrubando como monstros implacáveis, tijolo a tijolo, a sua casa tão repleta de sentimentos?

E eu, transferida de lá para um salão de depósito de bebidas, vi, entre soluços, a destruição final. Antes, não conhecendo a vilania, a

ambição de alguns, como toda criança, estampava o horror nos olhos pela incompreensão. Hoje, peço a Deus que outras crianças não amargurem instantes iguais.



OLÍMPIO MACIEL, de ilustre família macaibense, médico radiologista de renome estadual, formado pela UFRN; professor universitário. É um dos maiores entusiastas da memória conterrânea. Possui expressivo acervo particular de fotografias antigas de Macaíba e de figuras ilustres da terra e, também, de documentos relativos à história macaibense.

Olympio Jorge Maciel

Olímpio Maciel (neto)

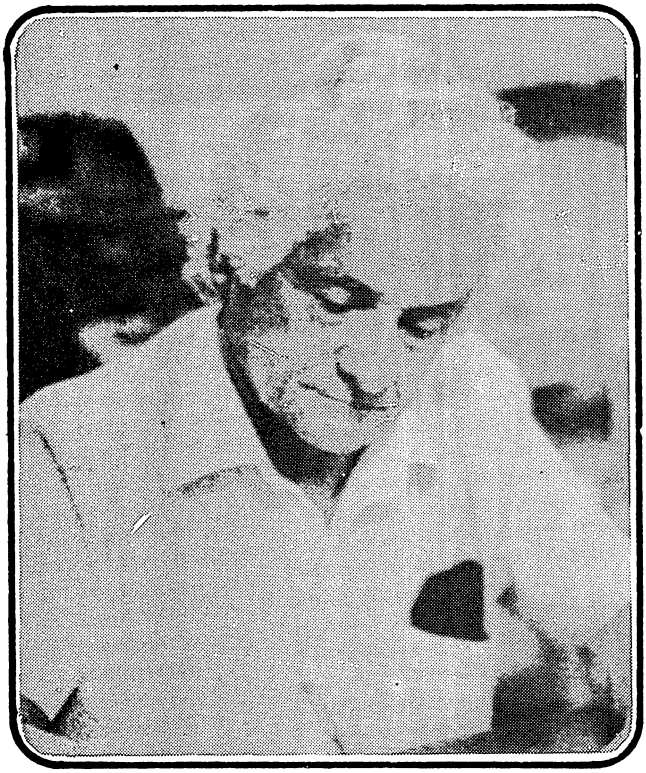
Reconstituo, em imaginação, os espaços ensolarados, o perfil das casas humildes, a forma expectral das pessoas interioranas que povoam, tranquilas e displicentes, o universo urbano da cidade de Macaíba do tempo em que eu menino a conheci.

Meu avô, Olympio Jorge Maciel, é quase uma figura lendária para os meus olhos encantados. Acompanho com amor os movimentos de seu rosto em que há uma profunda sabedoria humana, uma doçura compreensiva de quem conhece as fraquezas do seu semelhante e está disposto a perdoar, uma segurança humilde, uma força moral sem ostentação ou prepotência. Um homem íntegro, de palavra firme, de compromissos invioláveis, amigo dos amigos em quaisquer horas, predisposto ao sacrifício da solidariedade mas indobrável, insubornável, inabalável na defesa de seus princípios e convicções. Vejo-o a me olhar e em seus olhos leio o segredo de todos os mistérios existenciais: a dedicação ao trabalho, a lealdade à família, a fé espiritual, a personalidade marcante, o caráter afirmativo, a capacidade, disfarçada pelo pudor, de querer bem e de fazer o bem indistintamente, mesmo a possíveis inimigos gratuitos, apenas por respeito e por amor ao próximo. Haverá outro sentido para a vida além daquele que resulta da decisão de assumir um compromisso existencial de dignidade, de disposição produtiva, de valorização complexa e contraditória e, no entanto, sagrada, criativa, grandiosa condição humana?

Eis as linhas básicas de sua biografia, humilde como ele próprio mas revestida de decência, de compostura, de coerência, como ele próprio: — Nasceu em 14-05-1886 na cidade de Limoeiro do Estado de

Pernambuco, filho de Antônio Jorge Maciel e de Águida Amélia Luna; 2. — Transferiu-se para Macaíba ainda jovem; 3. — Casou com minha avó, Ellen Esmeraldina de Mesquita, em 20-12-1908. — 4. Foi comerciante; fundou a Firma Olympio Jorge Maciel & Cia, Beneficiamento de Algodão e a firma E. Maciel de fornecimento de energia elétrica; 5. — Além disso, tinha profundo amor à terra e, nessa condição foi proprietário rural (Fazenda Arapiranga); — 6. Do seu casamento com minha avó, nasceram três filhos: Jenny, Maria e José; Atualmente, somos 6 netos e 14 bisnetos; Ele morreu em 13.04.1955.

Muito teria a dizer a respeito do meu avô Olympio Jorge Maciel. E, para falar sobre ele, eu teria que falar também sobre minha avó, Ellen Maciel, que o completava e que com ele se completava, em bondade, na disposição de servir ao próximo, na força da personalidade e no respeito aos valores espirituais. Algum dia, voltarei a escrever sobre ambos, num exercício de ternura, de retorno às minhas origens, de ressurreição em mim do que melhor existe, de minha infância, de minha adolescência, do meu avô e de minha avó transformados em símbolos da transcedência e da beleza da vida.



RAIMUNDO UBIRAJARA DE MACEDO, macaibense nascido no sítio Jacobina, e criado por seus avós, Sr. João e Da. Ana Corcino. Com a transferência de seus pais para a vila de Jundiaí, Ubirajara foi morar com eles, vindo diariamente para Macaíba, assistir às aulas do Auta de Souza.

Hoje, Ubirajara de Macedo é jornalista de renome, tendo passado pelos jornais: "A República", "Tribuna do Norte" e "Diário de Natal". Ainda, pelas emissoras "Nordeste" e "Cabugi". Por algum tempo militou na imprensa paulista, atuando na "Folha de São Paulo" e na "Rede Piratininga de Rádio". Em 1984, foi eleito Presidente da Cooperativa dos Jornalistas do RN e é figura integrante da Associação Norte-Rio-Grandense de Imprensa-ANI.

Maria Olímpia

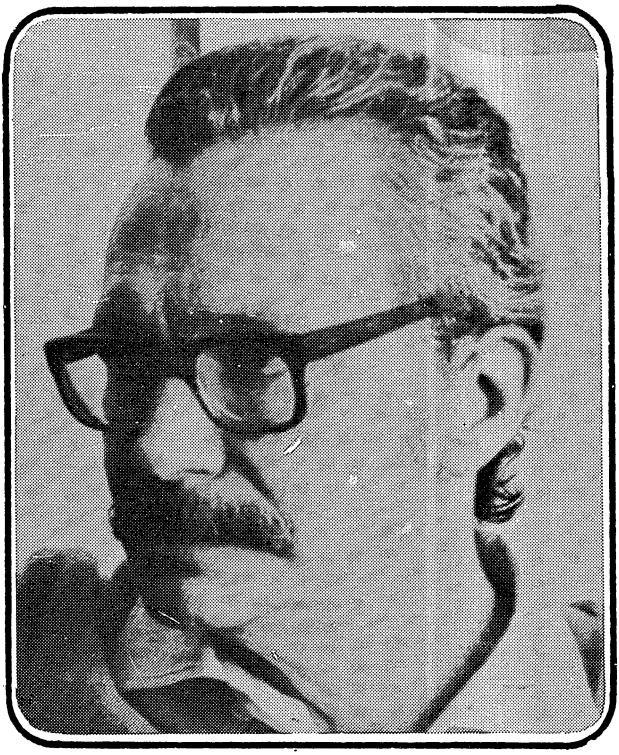
R. Ubirajara de Macedo

embro-me bem nas andanças de meu pai por vários sítios e vilas do agreste riograndense do norte, das dificuldades passadas, da pobreza, do sacrifício do chefe de família responsável para manter uma família não muito pequena com parcos vencimentos de professor primário. Mas o velho Antônio Corcino de Macedo (hoje nos seus maravilhosos 96 anos), nunca esmoreceu, e a par da missão sublime de ensinar, sempre arranjava umas terrinhas para um plantio de feijão, milho, mandioca, frutas, etc., que na safra complementava o pouco que ganhava pelo Estado. E assim, desde Jacobina, onde começou sua faina educativa, e onde o autor destas linhas nasceu em 1° de março de 1920, passando por Pedra Branca, Itapitanga, Califórnia, Milharada e Jundiaí, sentimos todos nós seus filhos o quanto foi admirável o "velho" na sua luta para que hoje estivéssemos aqui contando estórias. Bem, em toda a sua luta, o velho veio ter um pouco de estabilidade em Jundiaí, vila bem povoada próxima a cidade de Macaíba, e como as primeiras letras já me tinham sido ministradas por ele próprio, começamos a frequentar o Grupo Escolar Auta de Souza, onde tivemos a ventura de conhecer a professora Maria Olímpia Ferreira, a quem prestamos nesta pequena reminiscência, a nossa homenagem:

MARIA OLÍMPIA FERREIRA, professora de várias gerações, em Macaíba, será sempre lembrada, por sua capacidade didática, sua inteligência, e, sobretudo pela maneira de tratar aos alunos. Casada com o telegrafista Orlando Ubirajara Ferreira, nascida na cidade de Angicos, Maria Olímpia, após sua formatura, pela Escola Normal de Natal, iniciou sua brilhante carreira no magistério, no Grupo Escolar

Auta de Souza, onde juntamente com os professores Paulo Nobre, Melânia Siqueira e outros que fogem à memória, fez um trabalho digno, não se limitando somente às aulas constantes da programação normal, mas, organizando passeios instrutivos pelos arredores da cidade e tirando todos nós, seus alunos, do dia-a-dia sempre monótono das salas de aula.

Lembro-me bem dos passeios em Jundiaí, nos sítios de Joca Leiros e Jaime Quintas, Uruassu, etc., onde, nos intervalos das brincadeiras, recebíamos lições as mais preciosas. Nesta reminiscência de Maria Olímpia, não podíamos esquecer o carinho com que recebia em sua casa, seus alunos, quando éramos convidados a comparecer a festas familiares. Como se não bastasse seu amor pelo magistério, fazia parte de entidades filantrópicas, dado o seu grande espírito, ligado sempre às pessoas mais carentes da cidade. Depois de um certo tempo, Maria Olímpia foi transferida para uma unidade escolar de Natal, onde por coincidência foi também professora de meus irmãos mais novos. Residiu ainda, no Rio de Janeiro por muitos anos, e depois de aposentada, voltou a morar em Natal, onde faleceu há cerca de cinco anos.



RENARD PEREZ (Macaíba, RN, 1928) — é romancista, novelista e sobretudo contista, exercendo também, eventualmente, a crítica e o jornalismo literário. Estreou em 1952 com a novela **O Beco**, a que se seguiram as coletâneas de contos **Os Sinos** (1954) e **O Tombadilho** (1961), livros esses últimos reunidos em 1970 num mesmo volume (Ed. Civilização Brasileira). Em 1967, fez sua estréia no romance com **Começo de Caminho: O Áspero Amor** (Prêmio "Prefeitura do Distrito Federal"). Em 1972 nos deu **Chão Galego** — viagem e memória, apresentando em 1979 nova coletânea de contos — **Irmãos da Noite** (laureada, em 1981, pela Fundação Cultural do Distrito Federal). Resultado de seu trabalho como jornalista literário, RP nos deu ainda, em 1960 e 1965 — **Escritores Brasileiros Contemporâneos**, I e II séries, biografias. Classificado em 2° lugar, na categoria conto, na I Bienal Nestlê de Literatura Brasileira com a obra **Trio**, publicada em 1983.

O escritor reside desde 1943 no Rio de Janeiro, é casado, e exerce o cargo de Técnico de Comunicação Social na Rádio Roquette Pinto, emissora oficial daquele Estado.

Macaíba

Renard Perez

Deixamos Natal. Agora é a estrada de paralelepípedos, a vegetação rasteira que a margina. À direita, de vez em quando, a serenidade do rio, seu verde cintilando ao sol, entre as galhadas do mangue. Dentro em pouco, a placa que indica os limites dos municípios. A ponte sobre o riacho da Prata, pequenos sítios com suas grandes mangueiras e sombra acolhedora. Um arruado — Mangabeira. É já, praticamente, Macaíba. Mais um e outro sítio, nova sucessão de fachadas, e a condução que entra num largo ajardinado, atravessa a ponte sobre o Jundiaí, pára ao lado da praça, na pequenina estação rodoviária.

Estamos em Macaíba. A pequena Macaíba, no Rio Grande do Norte. Zona de litoral, sede do município do mesmo nome, vinte e um km apenas de Natal. Banhada pelo Jundiaí, afluente do Potengi, que deságua na costa natalense. População de dez mil habitantes, um terço da do município. Aí está ela — tranquila, dormitando ao sol.

Como cidade, Macaíba tem 95 anos, como Vila e sede de município comemorou, há sete, o seu centenário. Suas origens entretanto são bem mais recuadas no tempo. Já há cerca de duzentos anos era lugar de plantio e fazendas e o povoado existente se chamava Coité. Passou a Macaíba por ter sido plantada em suas terras essa espécie de palmeira — não comuns na região.

Os grandes momentos de Macaíba estão, aliás, nesse passado já longe, e seu rio é elemento fundamental dessa grandeza. Até 1872, os navios ingleses subiam o Potengi, entravam no Jundiaí e iam apanhar em Macaíba açúcar, algodão, couro, em troca de mercadorias européias. Ponto final dos caminhos do sertão, era para ali que desciam os produtos das safras do interior da Província. Macaíba era mais

importante que Natal. Dessa grande época — a cidade com seus casarões e sítios, seus negociantes — Macaíba dará ao Brasil dois filhos ilustres: a poetisa Auta de Souza, o aeronauta Augusto Severo.

Aos poucos, Macaíba decai. Entre as razões dessa decadência estarão, a certa altura, a impraticabilidade do Jundiaí e seu pequeno porto para navios mais modernos e a própria estrada de rodagem para a capital. Com a ponte e a estrada, Macaíba deixava de ser o final dos caminhos do interior para ser apenas um ponto de passagem. Seu comércio, sua economia ficam limitados à produção mais local. A própria aproximação com a capital, progressista, entrava-lhe o desenvolvimento, anula iniciativas. Só pelos idos de 50, depois de Paulo Afonso, teve ela de novo um impulso. Indústrias de transformação e beneficiamento foram aí instaladas, boa atenção foi prestada ao setor do ensino. Mas seu progresso é lento. As modernas estradas, rasgando o Estado, passam-lhe ao largo. E enquanto lugares bem menores, cortados por elas, cresceram do dia para a noite, Macaíba foi ficando parada no tempo. A própria população decresceu. De certo modo isso lhe deu certa compensação: como cidade, encontra-se quase intocada, com a mesma aparência de vinte, quarenta anos passados.

Saltamos na pequena estação. À direita, dando para o rio, a praça. Do outro lado do Rio ficam o Vilar, sítios, o caminho para Jundiaí. Da parte de cá, a cidade propriamente dita. À nossa frente a rua do Comércio, a principal — as casas a se sucederem com suas fachadas rente à calçada, três, quatro janelas, um e outro sobrado — construções simples, bem características da média e pequena burguesia dos começos do século. Lá adiante à esquerda um prédio maior, oito janelões: o Grupo Escolar Auta de Souza, onde a poetisa nasceu. Mais acima a rua se espraia num largo — o Largo das Cinco Bocas, convergência de igual número de ruas. A construção fronteira — o mercado. No centro do largo, o pequeno obelisco — preito da cidade a Augusto Severo.

A rua transversal à esquerda é a da Conceição — homenagem à padroeira de Macaíba, e por onde se chega à Matriz, à antiga Prefeitura. A Matriz, datada de 1882, é o prédio mais imponente da cidade. Aí estão os restos mortais de Auta. Há ainda vários becos e pequenas ruas nas imediações, e ainda aquela que vai dar no outro extremo da cidade, e onde vive a população mais humilde. Estão também aí o cemitério, a igrejinha de São José, centenária, há pouco tombada pelo Serviço do Patrimônio — um justo orgulho da cidade. Mas é aqui, em torno deste entroncamento, na verdade, o seu centro. O comércio, o núcleo residencial. Sua vida. Onde ficam o cinema, a hospedaria, os correios, a maioria dos pequenos bares. Onde, aos sábados, tem lugar a feira — feira tradicional. E onde nos lazeres, entra ano sai ano, espairece a pequena humanidade que aí vive — talvez por não ter con-

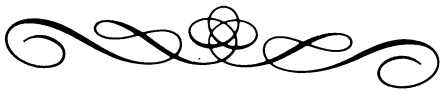
seguido transferir-se para Natal, partir para os grandes centros do Sul.

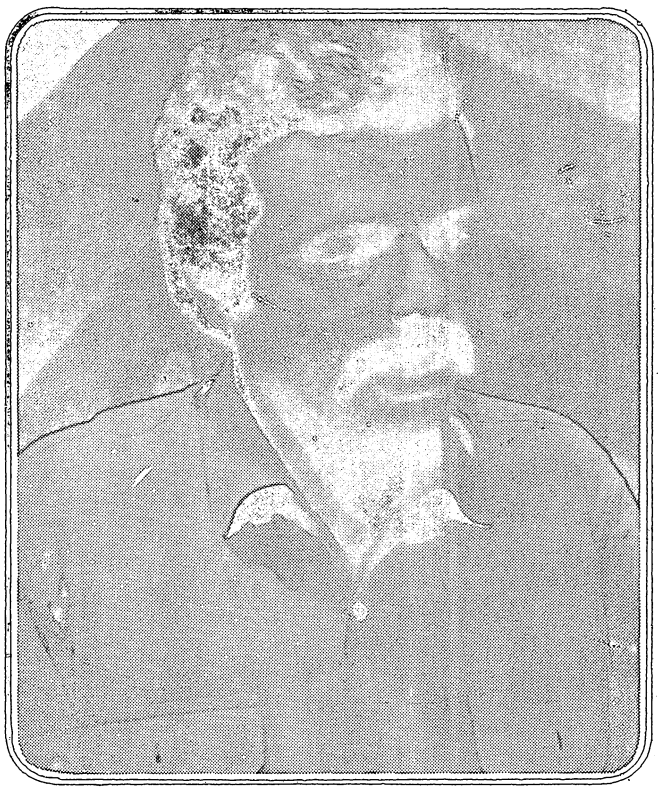
Nascí em Macaíba e aí viví até os seis anos, voltando oito anos mais tarde, numas férias. Depois disso, só tornaria a vê-la quatorze anos depois. Procurei, então, meus lugares de infância. E verifiquei, fascinado, que quase tudo se encontrava como no meu tempo.

Assumiu, essa visita, a maior importância para mim. Porque, vendo a cidade como há quatorze, vinte e dois anos, era como se ela restituisse algo que me parecera perdido. Algo que a vida, a cidade grande ameaçavam tirar. Foi como uma volta a mim mesmo.

Desde então, sempre que um cansaço do hoje, uma saudade do passado me chegam, já sei, é tempo de visitar Macaíba. E volto a ela, e encontro os doces cenários amigos. Suas ruas, o rio, o sítio onde me criei, a igreja. As próprias pessoas — me parecem — são as de meu tempo. E novamente acontece o encantamento. Aquela tranquilidade me aquece, atua reconfortante dentro de mim.

De cada vez, pequenas mudanças são surpreendidas. Ruas calçadas, melhor iluminação. Uma ou outra reforma que me entristece, como a que sofreu a casa de Auta. Mas, em sua essência, Macaíba permanece a mesma. E, no fundo, faz-me bem que seja assim. Parece que seu ar de imutabilidade, devolvendo-me o passado, a pureza e os sonhos do passado, como que me acorda os compromissos comigo assumidos, a fidelidade a mim mesmo. E isso me fortifica.





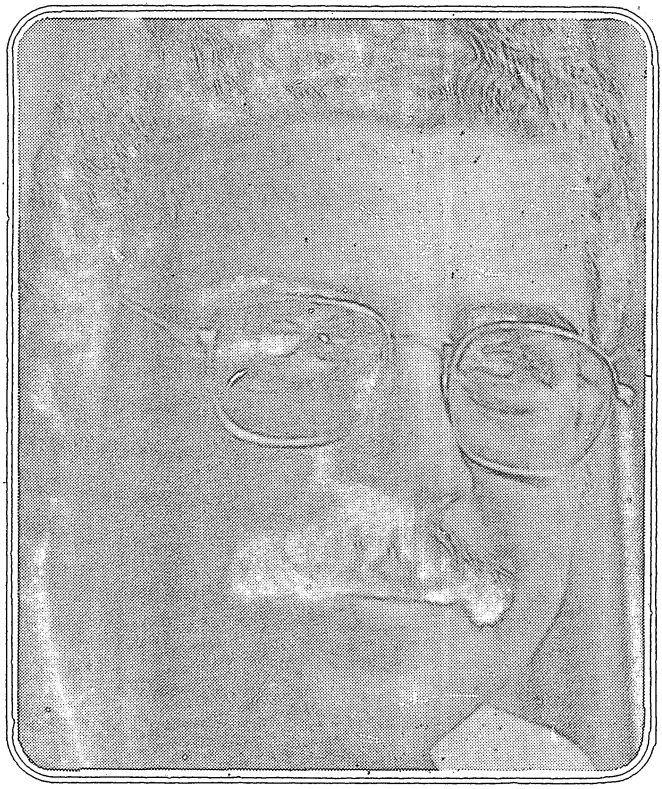
ROSSINI (QUINTAS) PEREZ — nasceu em Macaíba, Rio Grande do Norte, em 15 de setembro de 1931, filho de pai espanhol e mãe potiguar. Em 1934 transferiu-se para Fortaleza, Ceará, onde ficou até 1943 e fez os estudos primários. Vai então residir no Rio de Janeiro com a família, tendo aí cursado o ginasial e científico (1947/53). Iniciação artística na Associação Brasileira de Desenho. Frequentou os atelieres de Fayga Ostrower, Iberê Camargo e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Primeiras individuais no Rio e São Paulo. Participação de coletivas e salões no Brasil (diversos prêmios). Professor das técnicas de gravura-em-metal no atelier recém-inaugurado do MAM-Rio. Inte-

gração em mostras itinerantes de Arte Contemporânea Brasileira pelas capitais latino-americanas e européias. Participação em Bienais internacionais. Grande Prêmio de Carrara (Itália) e São Paulo (Prêmio MAM-Rio). Exposições individuais em capitais da América do Sul. Bolsista da UNESCO na Holanda. (1955-1960).

Residência em Paris de 1961 a 1972. Participação em salões e coletivas em Paris e diversos centros europeus. Viagens pelo continente, Índia, U.S.A., onde realiza individuais. Havana (Grande Prêmio), San Juan de Puerto Rico (Grande Prêmio).

Retorno ao Brasil em 1972, com domicílio em Brasília e viagens a países da África Negra. Implantação de oficinas de gravura em La Paz (Bolívia), Dakar (Senegal) e Brasília. Cavaleiro da Ordem do Rio Branco por serviços prestados em Gravura. Grande número de obras em museus e coleções particulares no Brasil e no exterior. Domicílio atual no Rio de Janeiro.



RUI SANTOS DA SILVA, nascido no Sítio Gondelo, em Macaíba, em 26 de julho de 1943.

Advogado e Professor Universitário, curso em Administração Pública, e Advocacia empresarial.

Estudou no Grupo Escolar Auta de Souza, Colégio Marista, Jundiaí, Ateneu, Faculdade de Direito de Natal, Administração no Curso de Mestrado na UFRN e Centro de Estudos Jurídicos do Rio. Atualmente, Secretário de Administração de Natal, função que exerce pela segunda vez.

Macaíba onde a fome era menor

Rui Santos

acaíba era assim: Do Gondelo onde nasci à rua da Aliança e, do Araçá à rua do Fio, no máximo. O resto era arredores e só ouvia mesmo falar. — Muitas histórias, muitas coisas!

Ia à rua duas vezes por dia. Pela manhã estudar com D. Naide Tinôco, na casa de Zedeca (Melquizedec) da bodega e à tarde, com D. Teresa e D. Enedina, no "Grupo Escolar Auta de Souza" (orgulho da cidade, não só pelo nome mas, também pelo ensino). Antes, porém, tive que desasnar a "Carta do **ABC**" com D. Emília.

Resmungava um pouco desse trajeto obrigatório, pois me considerava já conhecedor de outros mundos: meu pai, da capital, tinha uma casa na 12 e eu já conhecia o "bonde", o grande prédio dos Correios, na Ribeira, a Igreja de São Pedro no Alecrim, a Praia do Meio e o Teco-Teco. Não queria eu, um garoto de bons conhecimentos, andar quase uma légua por dia acompanhado de um magote de moleques do sítio pra estudar em Cartilhas e rabiscar cadernos sem visuais coloridos.

Dividí a infância e a adolescência entre Macaíba e Natal, com estágio em Currais Novos, nos idos de 51, devido a algumas conotações políticas da época.

Depois, morando na Benjamin Constant, conheci o filho de Seu Aguinaldo, o Jansen: o cara mais elegante da cidade (o pai vendia tecidos, ora!), presepeiro como diabo e que gostava de fazer susto (mascarado) no carnaval.

Na rua da Cruz, Valério liderava aqueles dias felizes. Todo menino de Macaíba brincava na casa do filho de Mesquita e D. Nair. Era honra e satisfação. Bons tempos, mesmo!

O Edilson de Seu Romão e D. Enedina, um dia quebrou a perna. Grande jogador de bola. Atleta um tanto raquítico, mas respeitado. Era filho da professora!

Menina bonita cheirando à flor e as caboclas à loção da feira era o que não faltava, nos dias cívicos ou religiosos, nas paradas ou nos pastoris da Rua da Cadeia.

Macaíba era, assim, a melhor cidade do mundo. Tradicionalmente importante e tinha de tudo!

Jardim de Infância modelar dirigido por D. Francisquinha de Pedro Gomes, onde estudaram meus irmãos Rubinho e Racine.

Escola de D. Quina e D. Alice, sua filha, onde esses meninos deram trabalho.

O melhor catecismo da paróquia. O de D. Lila, que orientou e educou muitos filhos para a glória de Deus e de Macaíba!

A bodega de Seu Pedro Américo, no Vintém, o Bar de Jorge, o Café de Distinto, o Sinuca de Seu Emídio, a Loja de Cícero Luís, a de Seu Estevão e a do pai de Jessé.

Tinha também briga no "gango" e na feira. Polícia nunca faltava pra levar os bêbados à cadeia, fazendo a festa dos moleques.

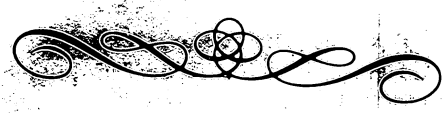
A padaria de Seu Alberto (o pão-doce quentinho era uma beleza); Alcides Varela, o médico (charlatão) da região; Dr. Theodorico Freire (meu padrinho), Padre Chacon, Seu Adelino, o toque do sino da Igreja Matriz chamando pra enterro, missa ou novena. E por falar nisso, onde anda o sino da Igreja?

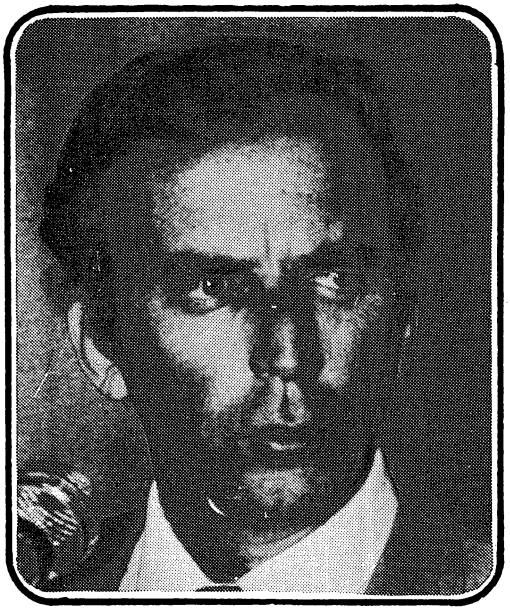
O rio tinha barco e mestre, e Macaíba tinha banho no cais.

Em Macaíba, o Pax não era um balão, era uma festa. O cinema de Ranilson sempre cheio, as procissões com muita gente, o carnaval com lança-perfume, tinha até hotéis — o de Seu Euclides Leite e o de Grasiela. O Cartório de Raimundo, Dr. Enock, Magela pé-de-quenga, Veneno e suas irmãs cabelos de fogo (minhas colegas de Grupo), Tota Pessoa, Luís Cúrcio, Seu Mário (brincava o carnaval e na 4ª feira mandava dinheiro pra Igreja — e o padre recebia, claro). Danga (Nasser), irmão de D. Zariff, Leonel e sua Dodge, Teresa e Nadir, Dr. Aldo, Zé Maciel, a velha escrava Téte — ou filha de escrava; Maria Mombaça (minha avó) e seu irmão José, partidos políticos para todos os gostos, **UDN, PSD, PRP, PSP, PTB** e outros, era democracia sim, e Mesquita mandava... e o povo queria.

Cidade onde a fome era menor. Tinha pesca, caíco, aratu, farinhada, boiada e agricultura, comércio e artesanato de feira — couro, barro e bonecas — fábricas e enchimentos, muita fruta e muita água, o ônibus de Seu Eustáquio e o Jipe de Seu Vicente, a banda de música, a festa na calçada da Igreja e o bloco de Pichilinga.

A maior cidade do mundo, escolas, moleques, maré, araçá, jabuticaba, goiaba, manga, beiju, coco, pitanga, azeitona, milho, gado, cavalo, canjica, muita gente e caju... lá em casa... Macaíba.





VALÉRIO ALFREDO MESQUITA, nascido em Macaíba a 18.11.42, filho do grande líder Alfredo Mesquita Filho e Da. Nair de Andrade Mesquita. Estudou o curso primário, ginásio e científico em Natal, no Colégio Santo Antônio. Bacharelou-se em Direito pela UFRN. Chefe da Casa Civil do Governo do Estado, em 1971; Diretor Geral do Serviço Social do Estado, em 1972; Prefeito de Macaíba, em 1973/75; Secretário-Executivo do Escritório Técnico-Administrativo do Campus Universitário; Representante da Campanha Nacional de Alimentação Escolar. Atualmente, exerce a Presidência da Fundação José Augusto, órgão do Governo do Estado, responsável pela execução do Plano de Ação Cultural do Governo.

Cronista e orador político, Valério exerce liderança inconteste em Macaíba, dando continuidade ao carisma de "seu" Mesquita, em que se espelhou, acrescendo os dotes da grandeza espiritual de sua mãe — uma dama modelar. Ainda acadêmico, escreveu: "O Tempo e sua Dimensão". Em 1984, publicou: "Macaíba de "seu" Mesquita". Pertence a várias organizações culturais, entre eles a União Brasileira de Escritores, secção do Rio Grande do Norte e do Instituto Histórico e Geográfico do RN. É detentor de centenas de títulos, entre os quais se destacam as medalhas de mérito: "José Augusto" e "Tavares de Lira". Cidadão honorário de seis municípios é, também, cidadão do Estado do "Novo México", dos Estados Unidos.

Macaíba, Ontem

VALÉRIO MESQUITA

screver sobre o passado de Macaíba é um momento raro de confidências emocionais. Macaíba é um centro catalizador e irradiador de emoções, dotada de poderes mágicos. Percorrendo suas ruas, desfilam comigo todo um universo espiritual de amigos ruidosos ou silenciosos, densos e penetrantes. As ruas do centro, umas largas outras estreitas, o rio adormecido, o cais desfeito, os lugares que já foram, os casarões destruídos, tudo comanda uma série de imagens, de sensações auditivas, visuais, olfativas ou mesmo táctil, entre o passado e o presente.

São sensações-lembranças povoando os espaços da memória e a recomposição não de um tempo perdido como queria Proust, mas o sentido e o rumor do humano, da paisagem e do tempo, todos síntese e fascinação de horas vividas e profundas.

Política folclórica, intensa, arrebatada, patética. Digna do teatro shakeaspeareano. Neco Freire, Estevão Moura, Alfredo Mesquita, José Maciel, Aguinaldo Ferreira, Magno Tinôco, Paulo Mesquita, Aldo Tinôco, Teodorico Freire, Neco Alves, Enock Garcia, Severino Aleixo, Francisco Falcão Freire, Leonel Mesquita, Luís Cúrcio Marinho, entre tantos outros, emergem do tempo com força evocativa de ressurreição de ambiente.

De tipos humanos inesquecíveis relembro, Macaíba social, lírica, romântica, ingenuamente irresponsável, jovem, de Neif no saxofone, Nestor Lima ao violão, Raimundo Cavalcante, a voz, José Inácio Neto, o emérito historiador, Ranilson Costa, ruminando sempre, a cordialidade de Bridenor Costa, Né Massena e seu torrado indefectível, Perequeté, Banga, Passarinho, Jorge de Papo, Maria Cabral, Zé Caíco, Sérgio, "o cabeceiro boçal", Pereira e o seu piston, Gutemberg

Marinho, seu irmão Epaminondas e o Velho Luís Marinho de Carvalho, Maceira e o choque irreprimível, Chico Moura, Olímpio Maciel, D. Nazaré Madruga, Carlos Mesquita e o pisa na fulô, Padre Chacon, Nássaro Nasser (Danga) e a coleção de Gibi, Chicozinho e o cavaquinho, o jogo de botões pelas calçadas com elenco insuspeito de moleques, Napoleão Sapateiro e Charuto, o seu vizinho, as bodegas de Alfredo de Almeida e João Manteiga, Miguel Pelado, Zé Pelado do "Café Gato Preto", o Pax Clube, enfim, uma verdadeira procissão de lembranças de um mundo desaparecido mas ainda vivo nas paredes, no chão por onde pisaram, como queria Sartre.

Enfim, devo dizer que ainda ouço com extraordinária nitidez, as mesmas canções eternas de todo esse universo perdido, de todo esse coquetel humano, como se estivesse de uma janelinha aberta e mágica, vendo-os passar numa comovida recomposição de gestos.

Macaíba-RN, março de 1985

COMPOSTO E IMPRESSO NA COMPANHIA EDITORA
DO RIO GRANDE DO NORTE-CERN — AV. JUNQUEIRA
AYRES, 355 — NATAL-RN — FONES: 221-2240 — 221-2241